



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

NADJA RINELLE OLIVEIRA DE ALMEIDA

**JOVENS DO CAMPO E NOVAS TECNOLOGIAS:
TESSITURAS DE MODOS DE VIDA**

**FORTALEZA
2012**

NADJA RINELLE OLIVEIRA DE ALMEIDA

JOVENS DO CAMPO E NOVAS TECNOLOGIAS:
TESSITURAS DE MODOS DE VIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales.

FORTALEZA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- A449j Almeida, Nadja Rinelle Oliveira de.
Jovens do campo e novas tecnologias: tessituras de modos de vida / Nadja Rinelle Oliveira de Almeida. – 2012.
164 f. : il. color., enc. ; 31 cm.
- Mestrado (dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.
Área de concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.
Orientação: Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales.
1. Jovens – Santana do Acaraú (CE) – Condições sociais. 2. Vida rural – Santana do Acaraú (CE). 3. Assentamentos humanos – Santana do Acaraú (CE) – Usos e costumes. I. Título.

NADJA RINELLE OLIVEIRA DE ALMEIDA

JOVENS DO CAMPO E NOVAS TECNOLOGIAS:
TESSITURAS DE MODOS DE VIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales.

Aprovada em: 22 de outubro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ercilia Maria Braga de Olinda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ivna de Holanda Pereira
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Dedico este trabalho aos amigos assentados, principalmente, aos/às jovens por compartilharem suas caminhadas pelo cotidiano para realizar a tessitura deste trabalho dissertativo.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe pela sabedoria, força e esperança.

A minha irmã pela sensibilidade, preocupação e amorosidade.

Ao tio Antonio pela atenção, carinho e apoio.

A Celecina Sales por me oferecer, nesta trajetória, um caminho de descobertas, por ampliar meu olhar, pelo incentivo, carinho, amizade e companheirismo.

A Ivna de Holanda por me apresentar Alvaçan Goiabeiras e por apontar os caminhos que me levariam a mergulhar no cotidiano das famílias desse assentamento.

A Susete Lira por ter sido tão carinhosa e tão mãe no desenvolvimento da pesquisa de campo.

Ao Pedro Celestino por ter concedido seu tempo tão precioso para compartilhar informações valiosas para a tessitura desta dissertação.

A Valdênia por ter sido tão acolhedora ao me receber em seu lar e em sua família.

Aos/às assentados, que me abraçaram de uma maneira tão amorosa em seus cotidianos.

Aos/às jovens por terem me recebido de maneira tão especial e tão amável em suas vidas.

À FUNCAP pelo apoio financeiro à pesquisa.

Ao GEPECJU pela oportunidade que me proporcionou de conhecer a juventude sob várias direções.

Às petianas do curso de Economia Doméstica, por me acolherem e por terem contribuído nesta caminhada pelo mestrado.

A Isabel Linhares por ter acreditado em meu potencial desde minha caminhada na graduação.

A Neusita Tabosa pela amizade tão especial e apoio durante esta caminhada.

A Eveline Andrade por ter se aproximado nos momentos em que estava precisando de palavras de conforto.

Aos meus queridos alunos do curso de pedagogia, por existirem nesta trajetória e me fazerem acreditar que valeria a pena todo esse percurso.

A Inambê Sales pelos momentos de encanto e poesia.

A Rafaella Florencio por me apresentar uma maneira de olhar a vida com mais leveza e alegria.

A Lia Fialho por ter me presenteado com sua amizade tão valiosa.

A Carla Braga por ser presente nos momentos em que estava mergulhada nas dúvidas.

A Rosana por me ensinar que essa trajetória requer equilíbrio e paciência.

Aos queridos Rita, Alex, Leonardo, Karla, Anderson, Katiúcia, Daniel e Josimar por terem me presenteado com momentos maravilhosos e de muitos aprendizados.

Aos meus amigos Silvia Braga e Ney por terem me ajudado a traçar um novo percurso pela espiritualidade.

Ao Allan por ter segurado minha mão em um tempo passado e ter me mostrado que tudo isso seria possível.

Ao meu pai que, mesmo em outra dimensão, sei que me olhou e me ajudou.

Por fim ao Pai Celestial e ao Seu Filho por segurarem minha mão quando as lágrimas teimavam em cair e por permitirem que eu chegasse até aqui.

“Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que sei e – por ser campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte e melhor: é minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade”. (Clarice Lispector).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer os modos de vida dos/as jovens do assentamento rural Alvaçan Goiabeiras, localizado no município de Santana do Acaraú (Ceará) e verificar a influência das novas tecnologias no cotidiano desses/as jovens. Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi necessário um mergulho no cotidiano desses/as jovens. Com base na etnografia, foi possível capturar vozes e olhares sobre essa realidade microsocial. O uso do diário de campo, da observação, da entrevista e do grupo de discussão foi importante para apreender as falas e os olhares desses/as jovens. Nesse trajeto, percebe-se que os/as jovens têm acesso à internet e tentam manter-se conectados/as aos ambientes virtuais. O celular significa, para esses/as jovens, uma nova forma de tecer modos de vida no campo, pois, ao utilizarem esse aparelho, ampliam as oportunidades de lazer, escutando música, jogando *games* eletrônicos, batendo papo através de mensagens de texto, para manter contato com familiares e amigos fora do assentamento. A internet é uma maneira de construir novas rotas pelo cotidiano desses/as jovens, porque, quando navegam pelas redes sociais e ampliam suas relações de amizade para além do espaço em que vivem, rompem fronteiras e modificam seu estilo de vida no assentamento. Nessa aventura midiática, eles/as passam a ampliar as possibilidades de aprendizado ao compartilhar experiências e vivenciar novos aprendizados, tanto nos relacionamentos através das redes sociais como no processo educacional, quando apreendem novos conhecimentos e buscam informações para associar aos conteúdos trabalhados na escola e na universidade. Com isso, eles/as vão vivenciando rupturas com um estilo de vida próprio do campo.

Palavras-chave: Juventude rural. Modos de vida. Novas tecnologias.

ABSTRACT

This study aims to understand the ways of life of youth in the rural settlement AlvaçanGoiabeiras, located in the municipality of Santana do Acaraú (Ceará) and then to verify the influence of new technologies in their everyday lives. To achieve the research objectives, it was needed to take a dip in the quotidian of these young. Based on ethnography, it was possible to capture voices and perspectives related to this microsocial reality. The use of a journal, observation, interviews and group discussions were important to the process of learning the discourses and perspectives of these young. In this way, one can realize that those young people, who have access to the internet, try to stay connected to the virtual environments. For them, the cellphone represents a new way of weaving lifestyles in the field, since the use of this instrument expands their recreation opportunities, as listening to music, playing electronic games and chatting via text messages to keep in touch with family and friends outside the settlement. The internet is a way to build new routes on the quotidian of these young, because, when navigating through social networks and expanding their friendships beyond the space they live in, they are breaking boundaries and changing their lifestyle as settlers. In this media adventure, they enlarge the number of possibilities of learning by living and sharing new experiences - in relationships through social networks and in the educational process - while seizing new knowledge and seeking information to associate with the contents learned in school or university. This way, they experience the process of breaking free from a lifestyle that is peculiar to the country.

Keywords: Rural youth. Lifestyles. New Technologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa do município de Santana do Acaraú (Ceará) e do assentamento Alvaçan Goiabeiras.....	24
Figura 2 -	Mapa de localização de Santana do Acaraú, no Estado do Ceará.....	26
Figura 3 -	Mapa dos assentamentos federais localizados nas proximidades do município de Santana do Acaraú.....	27
Figura 4 -	Transporte escolar da zona rural do município de Santana do Acaraú (I).....	31
Figura 5 -	Transporte escolar da zona rural do município de Santana do Acaraú (II).....	32
Figura 6 -	Assentamento Alvaçan Goiabeiras (I).....	33
Figura 7 -	Foto do assentamento Alvaçan Goiabeiras (II).....	33
Figura 8 -	Foto do assentamento Alvaçan Goiabeiras (III).....	34
Figura 9 -	Foto do assentamento Alvaçan Goiabeiras (IV).....	34
Figura 10 -	Trabalhos de grupo com os/as jovens de Alvaçan Goiabeiras no Laboratório de Informática da Escola (I).....	41
Figura 11 -	Foto dos trabalhos de grupo com os/as jovens de Alvaçan Goiabeiras (II).....	41
Figura 12 -	Trabalhos em grupo com os/as jovens de Alvaçan Goiabeiras (I)	71
Figura 13 -	Trabalhos de grupo com os/as jovens de Alvaçan Goiabeiras (II)	71
Figura 14 -	Grupo que representou os modos de vida do/as jovens de Alvaçan Goiabeiras.....	74
Figura 15 -	Grupo que representou as “Novas Tecnologias”.....	74
Figura 16 -	Reserva do Jacurutu localizada no assentamento Alvaçan Goiabeiras.....	87
Figura 17 -	Aterro sanitário localizado no assentamento Alvaçan Goiabeiras.....	87
Figura 18 -	Imagem de comunidade do <i>facebook</i>	117
Figura 19 -	Computador de uma das jovens participantes da pesquisa.....	121
Figura 20 -	Imagem extraída de um blog denunciando a ausência de sinal de telefonia móvel.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- População do assentamento Alvaçon Goiabeiras	77
--	----

LISTA DE SIGLAS

NTICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

PDA – Plano de Desenvolvimento do Assentamento.

PRA – Plano Regional do Assentamento.

MDA – Ministério de Desenvolvimento Agrário.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

BNDS – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

EMATERCE – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

CAGECE – Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará.

SOHIDRA – Superintendência de Obras Hidráulicas.

CSF – Centro de Saúde da Família.

MEB – Movimento de Educação de Base.

PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária.

PRRA – Plano Regional de Reforma Agrária para o Estado do Ceará.

PA – Projeto de assentamento.

PROJOVEM – Programa de Jovens.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	TESSITURA METODOLÓGICA: UM CONJUNTO DE PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O TRABALHO DE CAMPO.....	23
2.1	Alguns olhares e caminhos tecidos nas primeiras incursões do processo investigativo.....	24
2.2	O significado da abordagem qualitativa e as contribuições da etnografia e da etnografia virtual para descobrir o cotidiano dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras.....	42
2.3	Trilhar pelos caminhos da observação com o seu bom companheiro "diário de campo".....	59
2.4	Interações individuais e coletivas no processo investigativo: maneiras de garimpar as falas dos/as jovens.....	64
3	TECENDO OS MODOS DE VIDA DOS/AS JOVENS DE ALVAÇAN GOIABEIRAS: A GEOGRAFIA, A HISTÓRIA E O COTIDIANO DO ASSENTAMENTO.....	76
3.1	Peregrinações pela geografia e pelas atividades do assentamento.....	76
3.2	O encontro com a história de Alvaçan Goiabeiras.....	85
3.3	Modos de vida dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras.....	97
4	NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTICS): FIOS QUE SE LIGAM AO MODO DE VIDA DOS/AS JOVENS DE ALVAÇAN GOIABEIRAS.....	116
4.1	Ciberespaço: um campo de experimentações, conhecimentos e mudanças no modo de vida dos/as jovens do campo.....	130
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
	REFERÊNCIAS.....	151
	APÊNDICES.....	156
	ANEXO.....	163

1. INTRODUÇÃO

Conhecer os modos de vida dos/as jovens de Alvaçon Goiabeiras, assentamento rural localizado no município de Santana do Acaraú, no Ceará, e desvendar como as novas tecnologias fazem parte deste contexto foram os percursos inicialmente traçados neste estudo. O contexto era cercado por muitos enigmas que só foram desvendados nos encontros com a teoria e com os sujeitos, durante a pesquisa de campo.

Encontros esses que estiveram sempre acompanhados de uma questão norteadora: De que maneira os jovens rurais tecem seus modos de vida usando as novas tecnologias?

Com esse questionamento e com tantos outros que surgiram nesta caminhada, fui desenhando um percurso no qual pudesse conhecer outras realidades a partir dos/as pesquisadores/as que estudaram outros/as jovens das áreas de assentamento rural, assim como me propus ir a campo para *in loco* compreender a tessitura dos modos de vida desses/as sujeitos que vivem no campo e me transportar para a realidade investigada, munida de conhecimentos e com a certeza de que os olhares lançados sobre uma realidade jamais serão os mesmos, pois sempre haverá algo a ser descoberto.

Acreditando nesta possibilidade de descoberta, escolhi desenvolver uma pesquisa que envolvesse os/as jovens assentados/as pela oportunidade, que cruzava meu caminho, de experimentar ser uma estrangeira, alguém que iria desvendar uma realidade e lançar olhares sobre ela, embora soubesse dos riscos que correria ao me lançar em um contexto que conheci somente através de uma pesquisa desenvolvida por uma professora integrante do grupo de estudos e pesquisas sobre culturas juvenis (GEPECJU)¹, do qual faço parte.

Com a proposta de pesquisa desenvolvida, passei alguns meses a escovar palavras² com a finalidade de conhecer mais profundamente o objeto escolhido para a tessitura deste trabalho dissertativo. Durante esse estágio, vivenciei momentos de crise e desejei abandonar as escovas por considerar que não

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), criado no ano de 2008 e coordenado pelas Professoras Dr^{as}. Isaurora Cláudia Martins de Freitas e Ivna de Holanda Pereira na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

² Metáfora encontrada no livro: BARROS. Manoel. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

daria conta de lançar olhares sobre um assentamento rural e desvendá-lo a partir do segmento juvenil.

Contudo, foi muito maior o impulso de vivenciar, por meio da pesquisa de campo, experiências flutuantes ao buscar conhecer jovens fora dos centros urbanos do qual faço parte, mais especificamente, aqueles que vivem em assentamentos rurais. Isso me motivou a continuar a “escovar as palavras” que representavam as categorias conceituais desse objeto de estudo.

Nessa mesma caminhada, quando “escovava palavras”, fui compreendendo que deveria, assim como Pessoa (2009), abandonar as roupas usadas que já tinham a forma do meu corpo e esquecer os caminhos que poderiam me levar sempre aos mesmos lugares. Entendia, neste movimento, que estava vivenciando um tempo de travessia e, se não ousasse fazê-la, ficaria, para sempre, à margem de mim mesma.

Vestir novas compreensões foi um dos grandes desafios vivenciados nessa trajetória, pois, assim como Sales (2005), fui treinada a copiar, aplicar e não incentivada a experimentar, criar. Nesta pesquisa, fui convidada a trilhar os caminhos da experimentação e a estimular a criatividade para construir maneiras de trilhar a pesquisa, abandonando os modelos prontos para criar outros e seguir apenas aportes teóricos metodológicos.

O encontro com Damasceno e Sales (2005), fez-me compreender que era possível construir um novo jeito de caminhar pela pesquisa, principalmente, em se tratando de jovens, uma vez que as entrevistas e as observações não conseguem apreender as falas necessárias para se desvendar o cotidiano dos/as jovens. Por esse motivo, faz-se necessário criar estratégias para refazer o caminho.

Refazer esse caminho exigiu de mim uma compreensão que me conduziu a verificar as singularidades desses/as jovens, a realidade microsocial que eles/as vivenciavam e como teciam seus modos de vida.

Compreender tudo isso não seria suficiente, se não promovesse um encontro com um quadro de referências teóricas para entender as problemáticas que cercam os/as jovens de áreas de assentamentos rurais com enfoque nas novas tecnologias.

Para desenvolver o estudo com jovens rurais, iniciei com algumas visitas às ideias construídas por autores/as sobre a paisagem rural. Compreendi, através de Kayser (1990), que o rural é um modo particular de utilização de espaço e de vida

social, porém não se constitui como uma essência, imutável, que pode ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, o rural é uma categoria histórica, e “as profundas transformações resultantes dos processos sociais mais globais - a urbanização, a industrialização, a modernização da agricultura” (WANDERLEY, 2008, p. 88) nos leva a pensar que o espaço rural não pode mais ser visto de maneira homogênea e linear.

Para Silva (1997), o rural e o urbano são entendidos como o *continuum* e esclarece que o meio rural brasileiro se urbanizou nas últimas décadas, principalmente, pelo processo de industrialização da agricultura e pelo transbordamento do mundo urbano no espaço que, tradicionalmente, era tido como rural. Já Wanderley (2009) argumenta que o rural é multifacetário e multifuncional, e não pode ser pensado a partir de uma única dimensão, tampouco afastado das relações sociais com o meio urbano, principalmente, com o processo de globalização instalado mundialmente.

Com isso, passei a entender que no campo surgem novas formas de organização social, novas formas de socialização, ganhando novos contornos nas ações desses/as sujeitos, seja nas esferas políticas, econômicas e culturais. No entanto, Sales (2010, p. 27) nos convida a pensar que,

a diminuição do isolamento do campo não garante algumas condições de acesso a determinados bens e serviços. A transformação é muito lenta [...] Mesmo no seu ritmo, a paisagem do campo vai mudando, e junto com ela, o modo de vida, as formas de interação, os valores, a comunicação [...].

O encontro com estudiosos do meio e da juventude rural (CARNEIRO, 2007; BRUMER, 2007; WANDERLEY, 2007; SALES, 2006) e com os sujeitos pesquisados ajudou-me a desconstruir a ideia de que o rural está associado ao atraso, que é inferior ao urbano, ou seja, uma compreensão de que todas as transformações, sejam elas físicas ou culturais, só acontecem e só se refletem no meio urbano.

No avançar das minhas leituras, passei a reconhecer que muitas comunidades rurais brasileiras passam a experimentar, atualmente, com mais facilidade, uma mobilidade física (campo-cidade) através dos meios de transporte e uma mobilidade virtual possibilitada pela mídia, especialmente através da internet. Contudo, é preciso lembrar, conforme alerta Sales (2010), que “mesmo com toda a interatividade da internet, não se pode desconhecer que muitos jovens pobres, rurais

e urbanos estão excluídos deste viver tecnológico”. Com isso, os/as jovens estão desconectados em um mundo conectado.

Nesta ordem de ideias, percebi que as limitações impostas pelas condições econômicas impedem muitos jovens da cidade e do campo de possuírem um computador doméstico e navegar pelo ciberespaço, embora isso não os impeça de criar alternativas para acessar a internet quando utilizam as *lan houses*, o celular e o laboratório de informática da escola onde estudam.

Seguindo a concepção de Lévy (1999) e de autores adeptos do mesmo pensamento, compreendi o significado de ciberespaço e a existência da cibercultura a partir deste espaço. Para o autor, o ciberespaço denominado também como “rede” é o novo meio de comunicação surgido da interconexão mundial de computadores. Esse termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e o alimentam. Já a cibercultura pode ser entendida como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores desenvolvidos juntamente com o ciberespaço.

Lévy considera que o universo da cibercultura não possui nem centro, nem linearidade. É o universal sem totalidade, não como algo neutro, porém alimentado pelas comunicações humanas utilizando o ciberespaço. Contudo, a definição de cibercultura não está atrelada apenas ao uso desse ambiente, mas também à dimensão de uma cultura contemporânea que encontra apenas esse espaço como lugar para manifestações concretas realizadas cotidianamente pelos sujeitos, gestando novos valores e práticas sociais.

No contato com a etnografia de Dornelles (2008), percebi que ele concorda com Lévy (1999) quando reconhece o ciberespaço associado à internet, à organização em rede e aos recursos tecnológicos. O autor afirma que uma rede organizada, a partir da internet, constitui-se como tal, à medida que as informações são constantemente compartilhadas e, com o fim dessa troca, o ciberespaço deixa de existir. Seguindo a mesma linha de pensamento, Lévy (1999, p.111) acrescenta que,

trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta.

A cibercultura, por possuir esse movimento indeterminado e dinâmico em constante expansão, carregado de muitas descobertas, atrai grande quantidade de usuários. Entretanto, muitos acreditam que as relações criadas através dessa cultura produzida no campo do ciberespaço é uma realidade que atinge apenas uma parte da população, ou seja, a inclusão digital em algumas realidades sociais é ainda iniciante.

É necessário compreender que a cibercultura está para além do acesso à internet e, por isso, se torna algo inerente à vida das pessoas por meio de outras tecnologias digitais, ou seja, estar inserido nesse contexto não significa apenas estar conectado à internet, mas vivenciar outras situações inerentes às tecnologias digitais como mostra Lemos (2003, p.1-2):

A cibercultura é a cultura contemporânea, marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda, dentre outros) [...] A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

A cibercultura é uma comunicação social elaborada pelas relações tecidas em diálogos; reelaboração de informações; movimento de troca de conhecimentos; comunicação universal sem fronteiras; velocidade de informações, tendo papel preponderante a participação do indivíduo. As principais categorias associadas à cibercultura são a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva, sendo o ciberespaço o ambiente para diluir tais manifestações.

Na concepção de Dorneles (2008), nos últimos anos, o ciberespaço se desenvolveu muito no Brasil e no mundo. Ao mencionar ciberespaço, o autor se refere ao conjunto computador/internet que possibilita a “navegação” do internauta. Ciberespaço também se refere à “rede” que sustenta esse espaço de trocas sociais e o imaginário construído nessa dimensão. É importante mencionar, também, que os estudos ligados ao ciberespaço passaram a ser olhados pelas ciências sociais sob um caráter antropológico como um local de convívio social e passível de investigações, análises e interpretações. Com isso, avançaram os estudos sobre essa nova maneira de viver socialmente.

Com Castells (2003), entendi que a imagem da “rede” pode ser vista como um conjunto de nós conectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas que ganhou vida nova em nosso tempo, energizando as redes de

informação por meio da internet. As redes têm vantagens extraordinárias, como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação.

Com Recuero (2008), compreendi que a rede centra-se em sujeitos, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais. Na comunicação mediada por computador, as pessoas trocam não apenas informações, mas também bens, suporte emocional e companheirismo.

Segundo Lemos (2006), o ciberespaço é efetivamente desterritorializante, dando a ideia de não-lugar como um espaço constituído por um fluxo de informações. O autor acrescenta, ainda, que toda mídia, da escrita à internet, cria processos que permitem driblar o constrangimento do espaço e do tempo. Essa desterritorialização contida no ciberespaço também foi defendida por Recuero (2004). Ao mesmo tempo em que o ciberespaço desterritorializa as relações sociais, ele lhes propõe novos sentidos, novos significados. Esses sentidos são apropriados pelos indivíduos e, então, modificados, reconstruídos e redefinidos. Castells (2003, p. 10) já havia defendido essa ideia, conforme se observa a seguir.

O ponto de partida desta análise é que as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a. Esta é a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina, e isso é ainda mais verdadeiro no caso da internet, uma tecnologia da comunicação.

No ambiente da internet, as pessoas atualmente estão tendo a possibilidade de construir um novo padrão de relações sociais quando passam a se apropriar, a modificar, a experimentar e a interagir nesse mundo sem fio *on-line* e *off-line*. O resultado dessas ações no ciberespaço pode ser considerado como “cultura da internet” (CASTELLS, 2003) já que as produções sociais são criadas, nesse ambiente, pela cultura de cada indivíduo inserido nesses nós interconectados.

Com base nessas concepções, foi possível entender que vivemos um novo momento histórico de comunicação universal que transpõe barreiras geográficas, históricas, culturais a partir de um processo de mutação nas formas de sociabilidade. Entretanto, para esses autores, tais manifestações só são viáveis devido à presença do ciberespaço e às suas possibilidades, capazes de romper as

barreiras espaço-temporais e proporcionar a interação entre as pessoas, mesmo que elas estejam distantes geograficamente e, o mais interessante, em tempo real.

Para compreender melhor esse cenário, tracei os mais diversos caminhos com o fim de entender como a juventude do meio rural se integra à cibercultura e como se insere nas redes sociais disponíveis no ciberespaço. Santos (2010, p. 11-12), ao investigar alguns jovens do agreste de Pernambuco, verificou que:

Além das buscas no google à procura de sites para a realização das pesquisas escolares, o orkut é a mídia preferida pelos jovens rurais entrevistados para falar com os amigos; enviar fotos. Alguns chegam a declarar que preferem muito mais conversar pelo MSN, do que pessoalmente porque ficam mais destravados.

Conforme o pensamento de Sales (2011, p. 07), o acesso à internet entre jovens rurais e urbanos não são opostos.

Percebemos, durante a pesquisa, que, se para os jovens pobres da periferia de Fortaleza esses meios de interação têm significado de liberdade, pertencimento, visibilidade e inclusão, para os jovens dos assentamentos rurais o acesso à internet representa não só a oportunidade de interagir com as pessoas, mas também um espaço de abertura, de se sentir parte deste universo rápido e fascinante que a rede possibilita.

Diante desse cenário, percebi que os jovens rurais assim como os jovens urbanos nutrem o mesmo interesse por acessar a internet e interagir nas redes sociais como mostra a pesquisa de Sales (2011).

A partir dessas leituras, comecei a repensar que o ciberespaço produz formas diferenciadas de se comunicar, de se trabalhar e de se divertir. São várias pessoas conectadas ao mesmo tempo, dispostas a compartilhar dados pessoais, fotos, opiniões, desejos, sentimentos e conhecimentos. Com isso, o jovem rural, em seu espaço geográfico, vai conhecendo outras realidades sociais, atravessando fronteiras, compartilhando ideias.

Ao estabelecer um diálogo com Wanderley (2007, p. 31), tive a oportunidade de repensar também como os/as jovens rurais não podem ser apreendidos como uma realidade homogênea.

Quem já teve a oportunidade recente de conviver com jovens rurais sabe o quanto eles são, sob vários aspectos, semelhantes a muitos jovens que vivem nas cidades. Eles se vestem modestamente, mas com roupas consideradas dentro do padrão da moda jovem. Gostam de conviver com o grupo de amigos. Como qualquer outro jovem, têm suas preferências quando se trata de artistas, grupos musicais ou equipes esportivas. Assistem às novelas televisivas, participam das campanhas eleitorais e acompanham, pelos noticiários das emissoras de televisão, o que acontece no país e no mundo.

Os diálogos mantidos com Sales e Wanderley me ajudaram a entender que, apesar de muitas áreas rurais brasileiras experimentarem o isolamento, carecerem de serviços públicos, como saúde, educação, lazer, falta de oportunidade de trabalho para o segmento juvenil que se encontra inserido nesse universo, muitos/as jovens rurais experimentam um conjunto de formas de vida e de valores que, até um passado recente, eram característicos e distintos dos/as jovens do meio urbano, como as roupas, os gestos, as linguagens, as preferências. Além disso, conectam-se com o mundo através dos meios de comunicação de massa e acessam à internet, ou seja, homogeneizar e desconhecer os modos particulares dessa juventude em uma sociedade mais ampla seria estagnar nessa discussão.

Com o intuito de desvendar essas particularidades no modo de vida dos/as jovens rurais, decidi enveredar pelos caminhos da etnografia para mergulhar no cotidiano dos jovens investigados, conhecer como conduzem seu modo de vida no campo para perceber como teciam as novas tecnologias neste contexto. Para caminhar pela pesquisa nessa perspectiva, apoie-me em Machado Pais e Nilda Stecanela. Através deles, descobri como desvendaria o modo de vida dos/as jovens em suas vivências cotidianas. Embora vários autores, como Henri Lefebvre, George Simmel, Alberto Melluci, Michel de Certeau, abordem concepções sobre o cotidiano, apoiei-me na sociologia do cotidiano a partir de Pais e das contribuições de Stecanela para desvendar o modo de vida dos/as jovens investigados.

Cotidiano, para esses autores, significa a ruptura de uma rotina pré-estabelecida de uma viagem programada. É um tecido de maneiras de ser e de estar que não seguem um percurso linear, mesmo que as práticas cotidianas insinuem e façam parecer que o sujeito sempre segue em uma mesma direção, realiza as mesmas atividades, sem considerar as dimensões espaço temporais que envolvem as ações dos sujeitos.

Vale observar, através de Pais (2003a), que, ao enveredar para outro campo semântico, a palavra rotina estará associada à ideia de rota (caminho) do latim *via, rupta*, donde derivam as expressões “rotura” ou “ruptura”: ato ou efeito de romper ou interromper: corte, rompimento, fratura. É nessas rotas – caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura – que passeia a sociologia do cotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem agrupa peças num sentido mais amplo:

como se fosse uma sociologia passeante, que vagueia sem o menor comprometimento com aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem, contudo, neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa”.

É, pois, nessa perspectiva, que estão baseadas as interpretações sobre a vida dos/as jovens deste estudo, incluindo as novas tecnologias como uma tessitura no estilo de vida deles/as.

No processo investigativo, Pais (2003) se deu conta de que a sociologia da vida cotidiana tem de ser fluente na linguagem dos próprios indivíduos que investiga – pode-se até não saber falar, mas, pelo menos, entendê-la ou compreendê-la é fundamental. As linguagens são mais que meios de comunicação a propósito da realidade, são instrumentos para a sua construção. A linguagem da sociologia da vida cotidiana deve ser informada pelas retóricas sociais observadas – e não se perde nada em observar o mais naturalisticamente possível -, tendo em conta que a própria realidade apresenta aspectos distintos segundo, como e de onde se olhe.

Na concepção de Stecanela (2008), os caminhos da sociologia da vida cotidiana, trilhados com apoios na etnografia, são recursos que possibilitam o desempenho do papel de “intérprete” que o/a pesquisador/a exerce, uma vez que as narrativas dos/as jovens são carregadas de conhecimentos e informações sobre o modo de reproduzirem ou modificarem as normas socialmente construídas. Este caminho não se faz sem conflitos, sem dúvidas e sem incertezas, pois as perguntas servem para mobilizar em direção à construção de respostas, sempre parciais e provisórias sobre a realidade que nos é dada a ler.

Para facilitar a leitura dessa realidade, inicio o primeiro capítulo apresentando minhas primeiras incursões pelo campo. Por meio dele, apresento o lugar de onde iniciei minhas viagens pelo cotidiano das famílias assentadas e dos/as jovens estudados/as. Na oportunidade, procuro mostrar como as novas tecnologias fazem parte do modo de vida dos/as assentados/as, especialmente dos/as jovens. Nesse mesmo percurso, trago os desafios que me acompanharam no desenvolver deste estudo e nas descobertas que ocorreram. Busco, nesse capítulo, demonstrar a importância de ter me apoiado na etnografia para desenvolver esta pesquisa e como tomei emprestadas as concepções de Pais (2003, 2003a) e de Stecanela (2003)

para descobrir o modo de vida dos/as jovens de Alvaçon Goiabeiras por meio das falas dos adultos assentados e das andanças realizadas pelo assentamento.

Destaco a importância da observação e da escritura do diário de campo, como procedimentos importantes para apreender melhor os dados coletados sobre uma realidade que me propus a investigar. Por último, apresento o uso da entrevista e defendo o uso das vivências grupais como uma estratégia para apreender as falas dos/as jovens, uma vez que as entrevistas individuais, na concepção de alguns pesquisadores/as da juventude, não têm conseguido capturar vozes suficientes para responder às questões que acompanham esses/as pesquisadores/as.

No segundo capítulo, trago a tessitura dos modos de vida das famílias assentadas ao apresentar a infraestrutura e as atividades desenvolvidas nesse assentamento e destaco como essa caminhada foi importante para compreender os modos de vida desse lugar. Trago a história da conquista dessa terra através das falas de alguns assentados adultos e, nesse momento, conecto-me ao passado para compreender as mudanças ocorridas no modo de vida dos moradores após a conquista da terra. Na mesma oportunidade, trago as falas dos/as jovens estudados e a sua relação com a questão da terra e como isso reflete no modo de vida dessa juventude.

Nesse capítulo, apresento os encontros realizados pela vida desses/as jovens através das narrativas e das observações realizadas durante o percurso da pesquisa de campo. Na oportunidade, evidencio como fui compreendendo o modo de vida de jovens que vivem no campo e como foram revelando seu estilo de vida através das práticas cotidianas que, ao longo da pesquisa, fui compreendendo que seriam relevantes para a tessitura de seus modos de vida no meio rural.

No terceiro capítulo, denominado Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICS): fios que se ligam ao modo de vida dos/as jovens de Alvaçon Goiabeiras, apresento o que desvendei sobre o uso das novas tecnologias no cotidiano dos/as jovens e como elas foram se conectando ao seu modo de vida. Para além disso, mostro como os/as jovens vêm descobrindo e tecendo essas conexões em seus cotidianos, suas compreensões sobre este universo, a importância que eles/as atribuem a isso e de que maneira eles/as constroem conhecimentos inseridos nesse contexto.

O nome dos/as jovens estudados foram substituídos para preservar-lhes a identidade de acordo com o termo de livre consentimento devidamente assinado.

2. TESSITURA METODOLÓGICA: UM CONJUNTO DE PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O TRABALHO DE CAMPO

Este capítulo, dividido em quatro partes, tem o propósito de apresentar o percurso metodológico traçado para este itinerário e tecer as justificativas que me conduziram na escolha deste assentamento rural e dos/as jovens para a realização desta pesquisa de campo. Na mesma oportunidade, destaco como as novas tecnologias se instalam no cotidiano do assentamento, fazendo um recorte para a juventude. Apresento a importância do uso da estratégia etnográfica e de alguns recursos metodológicos, como a observação, o diário de campo, a entrevista e os trabalhos desenvolvidos em grupo, como companheiros importantes para essa viagem pelo trabalho de campo.

Na primeira parte, discorro sobre a forma como iniciei as incursões no assentamento rural, lancei os olhares e capturei as escutas nessa experiência para entender a dinâmica do lugar e dos/as jovens investigados. Trago, para esse contexto, o desenvolvimento desse estudo e os desafios que o envolvem. Por fim, destaco as várias descobertas que sucederam nesse itinerário e como contribuíram para a tessitura deste trabalho.

Na segunda parte, concentro a atenção na importância da minha inspiração na etnografia para me inserir no cotidiano dos sujeitos, tomando emprestada a concepção de Pais (2003a) e Stecanela (2008) sobre esta categoria e privilegiando, nesse percurso, algumas falas relevantes para descobrir como seria o cotidiano dos/as jovens pesquisados/as.

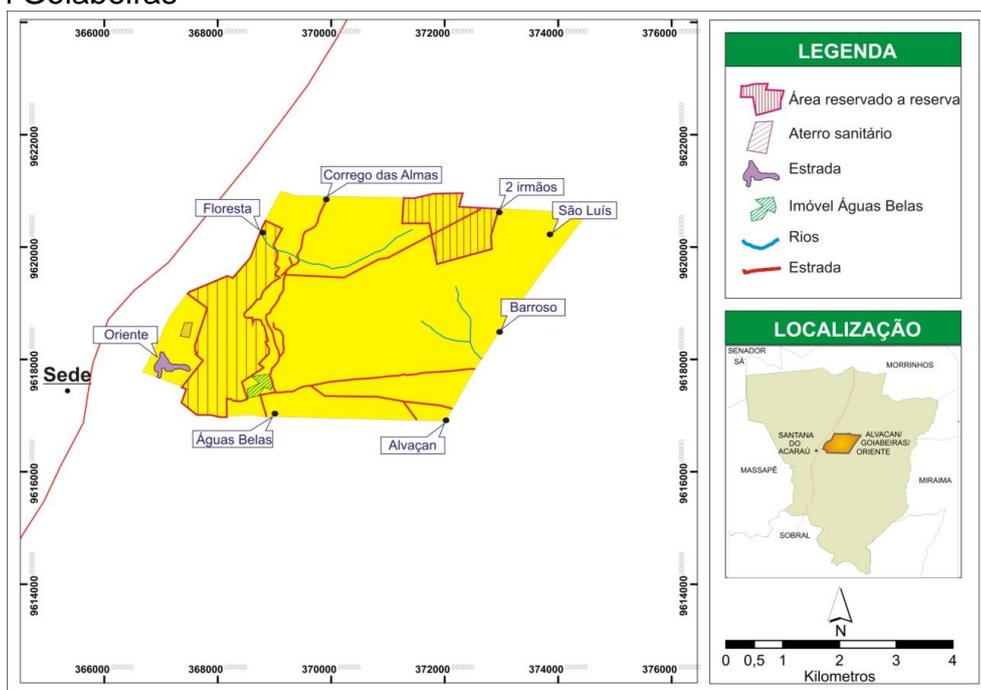
Na terceira parte, destaco a importância da observação e do bom companheiro “diário de campo” como forma de apreender melhor os significados que são emitidos, quando investigamos uma realidade social e os sujeitos inseridos nela.

Por fim, aponto a importância de escolher, para o desenvolvimento da pesquisa, vivências grupais para além daquelas que ocorrem individualmente através das entrevistas, justificadas principalmente por serem uma estratégia que tem se enquadrado bem na caminhada de pesquisadores que adentram o universo dos/as jovens a fim de produzir dados para seu trabalho de campo.

2.1. Alguns olhares e caminhos tecidos nas primeiras incursões do processo investigativo

06 de julho de 2011, às sete e meia da manhã, estou na topica a caminho de Santana do Acaraú, Ceará. Carrego em meu coração a ansiedade de estar indo pela primeira vez a Alvaçon Goiabeiras. E por que Alvaçon Goiabeiras? Porque é um assentamento rural onde os/as jovens têm acesso à internet e correspondem àquilo que procuro a partir do meu objeto de estudo. Na verdade, só não sabia o quanto me sentiria bem fazendo parte do cotidiano doméstico e familiar dessas pessoas, que até o presente momento existiam apenas em meu imaginário. Quando cheguei à casa de D. Suzete, uma das lideranças do assentamento, em Águas Belas, comunidade que faz parte do assentamento, fui recebida com um abraço carinhoso. A partir dali, passei a acreditar que finalmente algo estava acontecendo. Desejei que outros encontros como esse fluíssem para que eu pudesse dar conta de interpretar o que estava por trás e dentro de um gesto das pessoas, em especial, dos jovens de Alvaçon Goiabeiras. (Trecho diário de campo, 06/07/2011).

Figura 1 – Mapa do município de Santana do Acaraú (Ceará) e do assentamento Alvaçon Goiabeiras



Fonte: Inkra. Mapa adaptado por Manuel Guedes para este trabalho.

Retomar o diário de campo e reler as entrevistas é como retornar no tempo, às paisagens, aos caminhos, aos encontros com os/as jovens e às famílias do assentamento. É perceber nessa releitura que anterior a esses acontecimentos só havia a busca por pistas que pudessem me conduzir a esse cenário e às pessoas que fazem parte dele. Essa procura será relatada nas próximas linhas para mostrar os muitos caminhos percorridos até chegar a esse assentamento rural e aos/às jovens participantes dessa investigação.

O primeiro trajeto realizado foi pensar que tipo de pesquisa seria adequado para a entrada no campo. Escolhi, então, a pesquisa qualitativa e me enveredei pelos caminhos da etnografia, prezando o contato e o diálogo que se constrói na relação com o outro. Com esse tipo de pesquisa, haveria a oportunidade de pensar nos procedimentos metodológicos para a minha inserção no campo, sem precisar ser algo determinado, linear, teria apenas direções para seguir no processo investigativo.

Para tornar a pesquisa mais ágil, estabeleci contato com a professora³ Ivna Holanda com o intuito de buscar sua colaboração para decidir o local e os sujeitos da pesquisa, pois, a princípio, o projeto de seleção para o mestrado sugeria a investigação em três assentamentos: Bonfim Conceição, Ingá e Alvaçan Goiabeiras, dos quais teria que escolher apenas um em concordância com a orientadora do trabalho.

Em março de 2011, encontramos-nos e quando lhe falei da necessidade de traçar um perfil dos/as jovens que tivessem uma relação com o objeto de estudo, ela sugeriu a aplicação de um questionário com perguntas direcionadas ao uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs). Para a aplicação do instrumento, escolhemos a Escola de Ensino Fundamental e Médio Nazaré Severiano⁴, por concentrar maior parte dos/as jovens que residem na zona rural próxima a Santana do Acaraú. Ao ligar para a diretora da escola e informar-lhe os motivos que me levariam a estar lá, ela concordou.

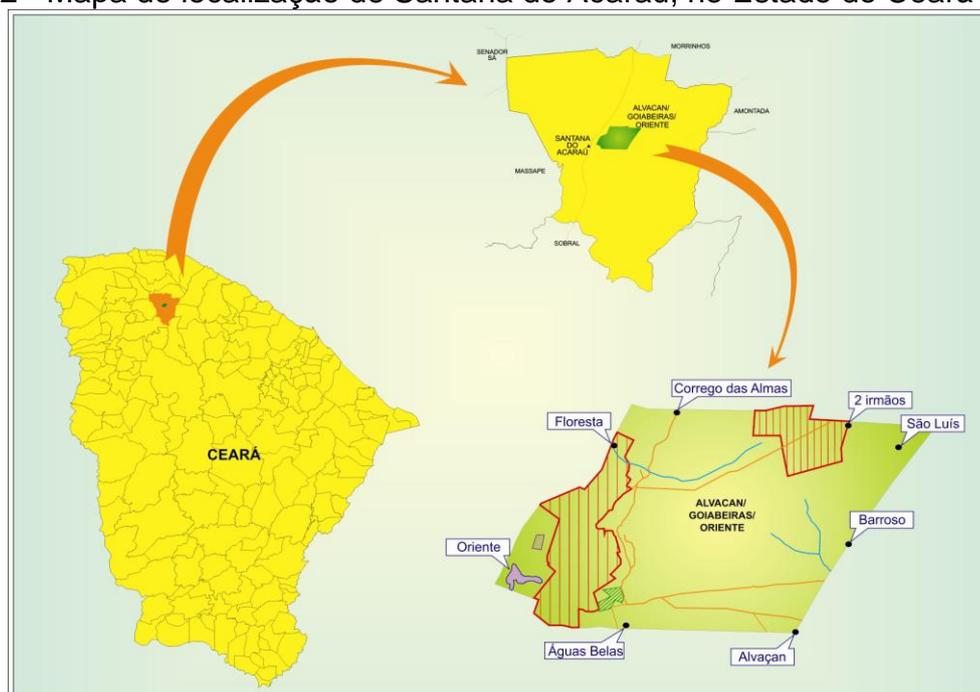
Elaborei o questionário e, no dia seguinte, fui até Santana do Acaraú. Esse município se localiza no estado do Ceará, na microrregião do baixo e médio Acaraú, a 34 km do município de Sobral e a 228 km da capital cearense. Possui clima tropical quente semiárido. Quanto aos aspectos demográficos, apresenta população total de 29.946 com um número significativo – 49,62%⁵ – de sujeitos vivendo em zonas rurais, como mostra o mapa a seguir:

³ Profa. Dra. Ivna de Holanda Pereira, coordenou pesquisa, em alguns assentamentos rurais próximos a Santana do Acaraú, intitulada: **Formação e Práticas Sócio-Culturais da Juventude Rural**, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

⁴ Fundada em 1950 e reinaugurada no ano de 2000, essa escola tem, no núcleo gestor, Maria Aparecida Gomes de Lima, na direção; Hilda Maria Pereira e Silvia Helena Mendes, na coordenação pedagógica; 36 professores efetivos e 07 temporários; em 2012, 1.025 alunos regularmente matriculados, oriundos da sede e da zona rural. Os alunos matriculados de Alvaçan Goiabeiras totalizam 40 alunos, aproximadamente, pois segundo a coordenadora, dos 1.025 alunos, 25 não responderam onde residem.

⁵ Segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) de 2011.

Figura 2 - Mapa de localização de Santana do Acaraú, no Estado do Ceará



Fonte: Fonte: Incra. Mapa adaptado por Manuel Guedes para este trabalho.

Antes de chegar à referida escola, resolvi caminhar um pouco pelas ruas dessa cidade e iniciar minhas primeiras observações. No campo da etnografia, a observação é explicada como uma “habilidade cotidiana metodologicamente sistematizada e aplicada na pesquisa qualitativa. As observações envolvem praticamente todos os sentidos – visão, audição, percepção, olfato”. (FLICK, 2009, p. 204).

Ao iniciar as observações, passei a verificar de que maneira usaria os meus sentidos, tendo em vista que só olhar o contexto não seria suficiente. Fazia-se necessário uma escuta também, pois “tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam” (OLIVEIRA, 1998, p. 21).

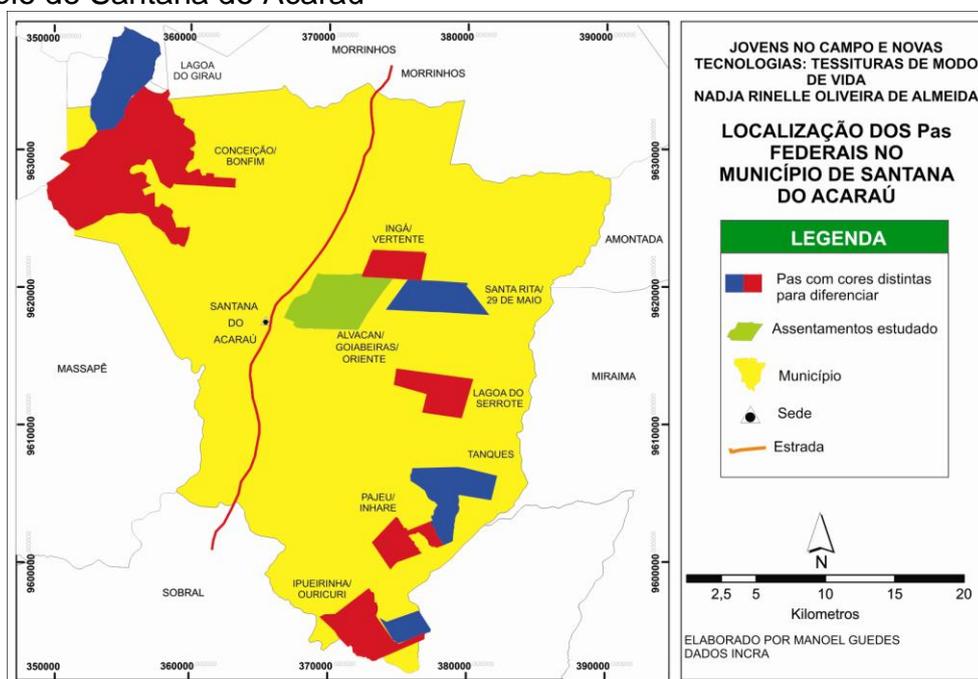
Considerando essa complementaridade, busquei capturar impressões, imagens e vozes para conhecer esse lugar. Deparei-me com um ar bucólico, impresso pelas casas antigas e ruas largas. Ao circular pelo centro de Santana, conversei com algumas pessoas e fui até a biblioteca para apreender informações sobre o município: a cidade é banhada pelo rio Acaraú e seu primeiro nome foi Curral Velho, apesar de alguns moradores a conhecerem como Licânea. Na mesma oportunidade, obtive informações sobre a economia do município: ela está centrada

basicamente na produção agropecuária e no comércio. Isso se confirmou na fala de Ellery, Vasconcelos; Cordeiro e Farias (2007, p. 04):

Tradicionalmente, as vocações econômicas do município são a bovinocultura, a ovinocaprinocultura, a castanha de caju, a farinha de mandioca e a palha de carnaúba. Mais recentemente, podem-se perceber mudanças neste cenário, sobretudo no que diz respeito às mudanças que derivam de uma nova postura da agricultura familiar, tendo em vista a agregação de valor de suas produções. É o caso, por exemplo, da produção de doces de diversas frutas, principalmente, do pedúnculo do caju e da produção de cajuína.

Muitas pessoas da zona rural circulam diariamente na sede do município para frequentar a escola e adquirir produtos, como roupas, calçados e gêneros alimentícios. Durante a pesquisa, compreendi que esse lugar adquire ares tipicamente rurais justificados pela própria estrutura física, pelo clima de tranquilidade e liberdade, pois ainda se veem pessoas sentadas nas calçadas conversando e boa parte dos comerciantes fecham seus pontos comerciais ao meio dia para almoçar, ou ainda pela quantidade de assentamentos rurais nos arredores desse município, dez assentamentos federais, cinco estaduais e um municipal.

Figura 3 – Mapa dos assentamentos federais localizados nas proximidades do município de Santana do Acaraú



Fonte: Incra. Mapa adaptado por Manuel Guedes para este trabalho.

Ao parar na escola de EFM Nazaré Severiano, conversei com uma das coordenadoras pedagógicas. Esclareci a proposta da pesquisa e ao ser liberada para fazer a intervenção, apliquei, com o auxílio de uma amiga, o questionário apenas com os/as jovens das áreas de assentamento rural. Ao observar esses/as jovens, percebi uma atitude que demonstrava timidez, principalmente, quando alguns colegas de sala que não moram em assentamentos fizeram comentários sobre o fato de eles/as morarem em um assentamento rural. Neste momento, experimentei uma situação que me fez querer entender melhor o modo de vida dessa juventude. Dentre os questionários aplicados, os dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras apontaram que eram eles/as os que mais utilizavam as NTICs, em especial a internet.

Meses depois, procurei ajuda novamente da professora Ivna Holanda. Expliquei-lhe, baseada nos dados do questionário, a necessidade de iniciar a incursão em Alvaçan Goiabeiras. Nessa ocasião, fui orientada a ler o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Assentamento (PDA). Perguntei-lhe como teria acesso a esse documento e soube que o encontraria no Escritório Terra 3⁶, onde estava disponível a consulta. É importante destacar que tal plano obedece ao roteiro básico proposto pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA)/Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Contatei o Escritório Terra 3 à procura desse documento e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) para conversar com D. Suzete Lira⁷, uma das líderes do assentamento de Alvaçan Goiabeiras, afim de marcar uma visita.

Em julho de 2011, retornei a Santana do Acaraú. Dirigi-me inicialmente ao escritório Terra 3 para ter acesso ao PDA. Logo em seguida, comecei a mapear os locais de acesso à internet apontados pelos/as jovens no questionário. Nesse itinerário, estive primeiramente em duas *lan houses*: Porcinia e J.N. Net. Depois estive no Centro Cultural, na Ilha digital instalada na biblioteca municipal e por fim, incluí no roteiro o laboratório de informática da escola. Passei a manhã toda nesses locais para conhecê-los e descrevê-los.

⁶ Terra 3 é uma Instituição de Pessoa Jurídica, o Escritório de Consultoria de Projetos e Administração Rural S/C Ltda. parceiro do Incra e do Sebrae, Ceará. Seu objetivo é contribuir para o fortalecimento das áreas de assentamento, dos/as agricultores/as familiares e de suas organizações, por meio de acompanhamento e assessoria técnica, social e ambiental para o desenvolvimento local, sustentável e solidário. Atualmente presta assessoria a dez assentamentos rurais federais nos arredores de Santana do Acaraú.

⁷ Líder do assentamento estudado que me autorizou a expor seu nome durante todo o trabalho através do termo de consentimento assinado antes da realização da pesquisa de campo.

Ao visitar as *lan houses*, comecei pela Porcinia, onde encontrei oito computadores, em bom estado de uso; cabines novas; ar condicionado na sala e, como provedor de serviços da internet, a Fasternet⁸ com velocidade de um megabyte (MB). O funcionamento ocorre das 7h às 11h30 e das 14h às 22 horas. O preço cobrado por hora de acesso é de um real e cinquenta centavos. Segundo a proprietária, o maior movimento de jovens, geralmente, acontece no horário das 17h às 21 horas. No momento, ela não soube dizer se entre os frequentadores há jovens da zona rural.

Minha próxima parada foi na J. N. Net, onde existem treze computadores, uns mais novos que outros, assim como as cabines. Em relação ao espaço físico, a *lan house* é pequena e, nos dias de verão, torna-se desconfortável, pois tem apenas um ventilador para refrescar e fazer circular o ar. Também utiliza o provedor da Fasternet, com velocidade de 1,5 MB. Funciona das 7h às 11h30 e das 14h às 21 h e cobra um real por hora de acesso. Em conversa com o proprietário, foi-me relatado que somente as pessoas com baixa condição econômica frequentam a *lan house*, pois quem possui computador em casa, se não paga um valor determinado mensalmente por um provedor de serviços de internet, utiliza a internet disponível pela operadora de celular Tim, pagando cinquenta centavos por dia, como fazem inclusive alguns assentados que residem em Alvaçan Goiabeiras.

Posteriormente fui ao centro cultural onde visualizei onze máquinas bem conservadas, embora duas delas estivessem sendo encaminhadas para manutenção e sala climatizada. Esses computadores foram enviados pelo Ministério das Comunicações através do Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades (Telecentros.BR)⁹. O provedor utilizado é o Sobralnet¹⁰, fornecido pela Prefeitura Municipal. Segundo o técnico, doaram-se quatro máquinas da Secretaria

⁸ Provedor de serviços em internet, licenciado pela Anatel no Ato n. 36.300 de 23 de março de 2003. Possui duas antenas instaladas em Santana do Acaraú.

⁹ O Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades – Telecentros.BR – é uma ação do Governo Federal de apoio à implantação de novos espaços públicos e comunitários de inclusão digital e fortalecimento dos que já funcionam em todo o território. São disponibilizados equipamentos de informática e mobiliário necessários ao funcionamento dos telecentros, serviços de conexão em banda larga à internet, assim como a formação e bolsas de auxílio financeiro para os monitores atuarem como agentes de inclusão digital. Esses monitores bolsistas participam de um curso de formação e atendem às comunidades dos telecentros. Informações disponíveis no site: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/telecentros>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

¹⁰ Sobralnet é uma empresa com 13 anos de serviços prestados na área da tecnologia da informação em todo o estado do Ceará. Vende, instala e dá suporte a conexão de internet. Dispõe hoje de um link de 180 MB com a EMBRATEL e atende mais de 20 municípios do Ceará. Informações fornecidas pelo site: <<http://www.sobralnet.com.br/sobral/empresa/empresa.html>>. Acesso em: 07. dez. 2011.

de Ação Social para contribuir com o processo formativo dos jovens participantes do Programa de Jovens (Projovem), que tem aulas nos turnos manhã e tarde. O horário de funcionamento é das 8h às 12h e das 14h às 18 horas. O acesso é livre para pesquisa e visita aos sites de relacionamento *orkut*, *facebook*, *twitter* e *email*. Já para o *youtube*, o acesso é bloqueado, pois para ele, não é necessário liberar um site de vídeos, complementou dizendo que futuramente a navegação será apenas para pesquisas escolares e que serão bloqueados todos os sites de relacionamento. Quanto às orientações de conexão, ficam responsáveis dois monitores culturais.

Ao sair do centro cultural, entrei na biblioteca municipal onde há instalada, numa sala bem pequena, uma ilha digital que disponibiliza quatro computadores de modelos antigos, tombados pelo governo do Estado do Ceará e pela Prefeitura Municipal, funcionando das 8h às 12h e das 14h às 18 horas. O provedor, também Sobralnet, é fornecido pela prefeitura. A internet é liberada apenas para pesquisas escolares e utilização de *email*. Sites de relacionamento são bloqueados.

Por fim, recolhi informações sobre escola de EFM Nazaré Severiano na qual há vinte e uma máquinas, mas, por falta de manutenção, apenas oito estão em funcionamento. A internet é fornecida pelo provedor da Velox¹¹ através da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). A coordenadora informou ainda que os professores sempre indicam o laboratório aos/as alunos/as, para acessarem a internet quando precisam fazer alguma pesquisa. Geralmente, essas pesquisas acontecem no contra turno, embora os/as jovens do campo não possam se deslocar com frequência, assim como os/as que residem na sede. Por vezes, os professores também levam os/as alunos/as para “navegarem”, mesmo sendo necessário acomodar dois ou três em um computador, já que poucas máquinas estão em condição de uso. A coordenadora destacou ainda o cuidado que os professores devem ter para que os/as alunos/as não desviem a atenção para as redes sociais.

Terminadas essas visitas, que não foram únicas, pois em outros momentos voltei a esses lugares, olhei vários transportes escolares em frente à escola Nazaré Severiano. Parei um instante para observar o comportamento da juventude e, quando comecei a fotografar a situação, fiquei incomodada por ver

¹¹ Oi Velox (antigo Velox) é um serviço de acesso à Internet de alta velocidade, baseado na tecnologia ADSL (Asymmetric Digital Subscriber Line), transmitido via linha telefônica da operadora de telecomunicações Oi Fixo (antiga Telemar). Informações fornecidas pelo site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Oi_Velox>. Acesso em: 07 dez. 2011.

aqueles/as jovens sendo transportados em paus de arara¹². Pesquisadores/as que investigam realidades assim mencionam a existência desse tipo de transporte, a própria mídia ilustra, e isso se torna algo comum. Entretanto, a olho nu, não foi possível direcionar somente um olhar de pesquisadora, foi para, além disso. Aquelas imagens, na minha condição de educadora, tocaram profundamente.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a partir de dois programas¹³, tenta levar melhores condições de acesso ao transporte escolar para alunos da zona rural do país, mas infelizmente essa realidade não foi encontrada no local pesquisado como mostram as imagens a seguir:

Figura 4 - Transporte escolar da zona rural do município de Santana do Acaraú (I)



Fonte: Fotografia da autora (2011).
Alunos da Escola Nazaré Severiano a bordo de um pau de arara.

¹² Nome dado a um meio de transporte irregular, ainda utilizado no Nordeste do Brasil, que consiste em adaptar a carroceria de caminhões para o transporte de passageiros, transformando-os em um meio de transporte improvisado para substituir ônibus convencionais. Informações disponíveis no site: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_\(transporte\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_(transporte))>. Acesso em: 07 dez. 2011.

¹³ O Caminho da Escola foi criado pela Resolução nº 3, de 28 de março de 2007 e consiste na concessão, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de linha de crédito especial para a aquisição, pelos estados e municípios, de ônibus, miniônibus e micro-ônibus zero quilômetro e de embarcações novas. Já o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (Pnate) foi instituído pela Lei nº 10.880, de 9 de junho de 2004, com o objetivo de garantir o acesso e a permanência, nos estabelecimentos escolares, dos alunos do ensino fundamental público residentes em área rural que utilizem transporte escolar, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos estados, Distrito Federal e municípios. Informações disponíveis em: <<<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-transporte-escolar>>>. Acesso em: 20 abr. 2012).

Figura 5 – Transporte escolar da zona rural do município de Santana do Acaraú (II)



Fonte: Fotografia da autora (2011).

Alunos da Escola Nazaré Severiano retornam as suas casas em caminhonete Chevrolet, do modelo C-10, com carroceria adaptada. É visível a falta de segurança e de conforto.

Sentei por alguns minutos em uma praça para tomar fôlego, pois era uma manhã de muito sol. Também precisava retomar a pesquisadora que estava ali para observar e interpretar atentamente os modos de vida dos/as jovens que vivem no campo. Levantei e segui minha caminhada rumo ao STR.

Quando cheguei, um pouco tímida, perguntei por D. Suzete e fui informada de que ela me aguardava na sua casa. Enquanto isso percebia o comportamento das pessoas que cruzavam comigo. Alguns minutos depois, o filho de D. Suzete veio me buscar de moto e seguimos para o assentamento. Nesse momento, passei a me comportar como uma estrangeira que buscava conhecer e compreender, a partir de um “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2009, p. 11) a realidade de um assentamento rural, o modo de vida das pessoas, em especial, dos jovens, dando um viés para as novas tecnologias.

Figura 6 - Assentamento Alvaçon Goiabeiras (I)



Fonte: Fotografia da autora (2011).

Vista da saída do município de Santana do Acaraú em direção ao assentamento Alvaçon Goiabeiras

Figura 7 – Assentamento Alvaçon Goiabeiras (II)



Fonte: Fotografia da autora (2011).

Estrada que conduz ao assentamento Alvaçon Goiabeiras

Figura 8 - Assentamento Alvaçon Goiabeiras (III)



Fonte: Fotografia da autora (2011).
Estrada próxima ao Assentamento Alvaçon Goiabeiras.

Figura 9 - Assentamento Alvaçon Goiabeiras (IV)



Fonte: Fotografia da autora (2011).
Primeira vista de Águas Belas, comunidade do assentamento Alvaçon Goiabeiras.

Foi uma experiência de tranquilidade e ao mesmo tempo de inquietação. A serenidade do local instigava meus sentidos através do cheiro agradável de mato. Os tons de verde que meus olhos alcançavam e a ausência dos prédios, do barulho e do cinza vivenciado no cenário citadino traziam uma sensação de liberdade, de paz. Tudo me encantava. Mas, por outro lado, fui acometida por sentimentos como insegurança, desconforto, em consequência da imaturidade da minha prática como pesquisadora. Em vários momentos, questionei-me: Será que dará certo? Conseguirei interpretar o que está sendo dito, observado e sentido por essas pessoas?

Como nunca tinha desenvolvido uma pesquisa de campo em um assentamento rural, procurei ter alguns cuidados, dentre eles não olhar o lugar e o cotidiano desses sujeitos como algo “exótico”, exatamente por não vivenciar essa realidade. Confesso que, inicialmente, deparei-me com algumas dificuldades, dentre elas, descrever a geografia do assentamento também pela falta de familiaridade.

Ao chegar à casa de D. Suzete, em Águas Belas, uma das comunidades do assentamento, fui recebida com um abraço e boas vindas, parecia que já nos conhecíamos. Durante o tempo em que estive na pesquisa, fiquei maravilhada com a maneira carinhosa como muitas pessoas se dirigiam a mim, embora, em alguns momentos, buscasse interpretar o significado dessa relação. Afinal, existiam interesses que partiam de ambas as partes: eu, buscando uma leitura do cotidiano e desejando atingir o objetivo da pesquisa; eles, com a sensação de estar colaborando comigo ao compartilhar saberes de uma realidade que, naquele momento, só eles conheciam, ou seja, havia uma relação de troca.

Sentamos, eu e D. Suzete, no alpendre de sua casa. Quando falei o propósito de minha visita, ela aceitou a proposta com um sorriso e disse que estava disponível para ajudar no que fosse necessário. Em seguida, almoçamos, enquanto ela discorria sobre a luta pela desapropriação da terra, os sujeitos com quem tinha participado, como o imóvel estava dividido, a quantidade de famílias, a produção agrícola, os conflitos instalados no cotidiano que refletem no modo de vida da maior parte dos moradores, seus sonhos para melhorar a sua vida e a dos assentados. Escutei atentamente e quando terminamos, ofereceu-me uma rede para mim no alpendre, dizendo: “Tá aqui pra você descansar”. Sorri e agradei a gentileza, pois isso não fazia parte da minha rotina. Deitei, no entanto, não consegui dormir. Nesse

momento só conseguia fazer mergulhos na inundação de informações que vieram ao meu encontro.

Duas horas depois, D. Suzete veio a mim e sentamos mais uma vez no alpendre de sua casa. Iniciei nossa conversa destacando o modo de vida dos/as jovens. Na concepção dela,

Aqui tem campo de futebol pros meninos jogarem, tem campeonato. Ah, muitos deles não têm interesse pela agricultura e pelas atividades desenvolvidas no assentamento e não tem muita coisa pras meninas fazerem não. (D. Suzete Lira, 55 anos, líder do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Sobre o uso das novas tecnologias, destacando o acesso à internet, D. Suzete relatou que no assentamento havia seis computadores, deles apenas três davam acesso à internet. Por fim, ela demonstrou interesse em adquirir um computador com acesso à internet para uso próprio e de seus três filhos. No decorrer do trabalho de campo, esse número cresceu para dez computadores com acesso à internet, em oito residências. Quatro assentados acessam internet fornecida por provedor e quatro utilizam *modem* fornecido pela telefonia móvel.

Após esse diálogo, que revelou as condições concretas do assentamento para se pensar sobre o cotidiano dos/as jovens e o uso das novas tecnologias, D. Suzete teve de cuidar de suas tarefas domésticas. Nesse meio tempo, continuei no alpendre, tentando entender os traços daquelas pessoas, seus modos de vida e sua relação com o ciberespaço¹⁴. Pensando nisso, vieram-me à lembrança as notas preambulares de Pais (2003) do livro “*Culturas Juvenis*”. Em um dos pontos de sua escrita, ele alerta como a realidade social não é facilmente acessível ao investigador, pronta a entregar-se ao primeiro sinal de galanteio. O que não quer dizer que não seja sedutora pelas interrogações e escolhas que somos capazes de fazer quando a vivenciamos.

Uma realidade sociológica nem sempre é visível a nós pesquisadores. É preciso escavá-la para encontrá-la. Escavar¹⁵ é ter sensibilidade para apreender os detalhes que serão desvendados e, posteriormente, decifrados a partir da linguagem

¹⁴ O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

¹⁵ A metáfora “escavação do cotidiano”, emprestada do poeta do pantanal Manoel de Barros, é utilizada para descrever os caminhos percorridos no processo investigativo. (STECANELA, 2008, p. 16).

e da vida cotidiana dos sujeitos. Sobre essa fala de Pais, Stecanela (2008) mostra como o pesquisador é desafiado o tempo todo a descobrir e a construir a realidade que observa.

Nesse desafio, ao cruzar com várias vozes, comportamentos e maneiras de pensar construí gradativamente o meu jeito de pesquisar, entrelaçado com os aportes teóricos e metodológicos, que, aos poucos, deram sentido a esse trabalho. Conduzida pela curiosidade e pela descoberta, embarquei em um contexto que não é meu e passei, paulatinamente, a fazer parte dele. Por fim, compreendi como nós, pesquisadores, nos deparamos com muitos desafios. Dentre eles, destaco a conquista, a confiança, a palavra na hora certa, a imparcialidade e a sedução movida pelos afetos construídos no decorrer da pesquisa. Acredito que tudo isso são nossos modos de pensar e de viver a pesquisa que precisam a todo o momento ser observados e lapidados.

Ao pensar em tudo isso, deixei-me envolver ainda mais aproveitando todos os momentos possíveis para estar ali, próximo aos moradores desse assentamento. Entre os calorosos diálogos tecidos entre mim e D. Suzete, em vários momentos da pesquisa, tive a oportunidade de participar de uma reunião dos assentados integrantes da Associação dos Pequenos Agricultores de Alvaçan Goiabeiras¹⁶. Enquanto escutava, colhi todas as informações possíveis. Um dos pontos da pauta tratou sobre os/as jovens do assentamento, chamados de irresponsáveis e ausentes da atividade agrícola. Também se colocaram em questão as festas realizadas no assentamento, na quadra do terreno de D. Carminha, moradora assentada que, segundo eles incentivam os/as jovens a beber. Um dos assentados afirmou que “essas festas precisam acabar”.

No caminho de volta para sua casa, nesse mesmo dia, D. Suzete comentou com ar de melancolia: “A gente precisa fazer algumas coisas que possam ajudar os/as jovens a sair dessa condição de não querer fazer nada, acredito, sabe?, que tudo isso é falta de estímulo, pois morar aqui não é tão fácil”. A única coisa que pude oferecer nesse momento foi o silêncio e a escuta, afinal “o antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes.” (TRAVANCAS, 2006, p. 06). Ele ouve e procura entender quais são as

¹⁶ Após a conquista da terra, criou-se a Associação dos Pequenos Agricultores de Alvaçan Goiabeiras. A associação é formalmente registrada e representa os interesses das famílias do assentamento no encaminhamento de iniciativas junto aos diferentes órgãos públicos com os quais os assentados se relacionam. (PDA/PRA, 2005, p. 23).

verdades para aqueles "nativos" e foi essa a minha procura: escutá-los e observá-los.

Terminada a conversa, aceitei seu convite para ir à missa à noite, na sede do município. Nos dois momentos, observei e fui observada. Em cada vez que fui apresentada como pesquisadora da universidade, fui flertada por olhares curiosos. Houve esse jogo de olhares e considerei até engraçado. A missa era campal e alguns/as jovens do assentamento se encontravam ali por perto. Aproveitei para observá-los/as. Os pais estavam atentos à missa, já alguns/as jovens tiveram um movimento contrário, ficaram atentos ao celular e à máquina digital, capturando imagens, conversando paralelamente, mexendo no aparelho. Enquanto os pais ouviam atentamente a fala do padre, eles/as experimentavam outras linguagens, outras escutas, outros espaços vivenciados com o uso das NTIC's. Diante dessa situação, são visíveis as mudanças ocorridas no estilo da juventude, principalmente, daqueles que vivem no campo. São novos modos de vida que acabam fugindo dos costumes entrelaçados no local em que estão fincadas suas raízes.

Depois dessa visita, retornei outras vezes a Alvaçan Goiabeiras entre os meses de julho e outubro de 2011 com visitas esporádicas na expectativa de conhecer mais o local da pesquisa e conseguir informações úteis ao projeto direcionado à qualificação. Com a ajuda de D. Suzete, comecei a visitar as famílias distribuídas pelo assentamento para conhecer e experienciar ainda mais o dia a dia de cada uma delas, escutar suas visões sobre o assentamento, sobre os/as jovens, sobre suas histórias de vida. Procurei, nessas idas e vindas, desvendar as relações que estas falas poderiam ter com o objeto de estudo. Também aprendi o nome das pessoas e a forma como conduziam a agricultura, pois não conhecia nada. Lembro que por duas vezes pedi para me explicarem o que era brocar¹⁷.

Durante todo o percurso da pesquisa de campo, ousaria dizer como Travancas (2006) que a antropologia é a ciência da escuta. Em diversos momentos lancei um olhar curioso, um silêncio e uma escuta aberta, capaz de construir junto dos sujeitos da pesquisa, uma relação de confiança e de afeto que perdura até hoje.

¹⁷ "Brocar é derrubar e queimar só que hoje ultimamente nem um assentamento tá brocando mais por conta de uma lei da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE) que proíbe as queimadas, só que sem nenhuma orientação, sem nenhum trabalho educativo, quer dizer ele botou um gargalho na vida dos agricultores, porque eles eram acostumados a brocar e queimar, é uma cultura já né, desde que o mundo é mundo". (Depoimento de D. Suzete Lira e do Sr. Pedro Celestino, líderes do assentamento).

Todas essas posturas assumidas no campo da investigação foram aos poucos fazendo sentido junto ao aporte teórico metodológico escolhido para tal investigação.

Na continuidade dessas rotas realizadas pelo assentamento, estreitei vínculos com dois jovens. Percebi a possibilidade de eles participarem da investigação para além dos/as seis jovens selecionados a partir da aplicação do questionário por estarem enquadrados no perfil do objeto de estudo que era a relação com as novas tecnologias, incluindo o acesso às redes sociais. Anotei os contatos de telefone, das redes sociais e, durante meses, utilizei a internet como ferramenta para promover a pesquisa de campo, com o intuito de conhecer seus modos de vida e sua relação com o ciberespaço. Essa coleta de dados foi estabelecida para além do virtual, quando prolonguei minha estada no assentamento. No decorrer da pesquisa, criei vínculos de amizade com esses/as jovens ultrapassando o ambiente virtual. Em sua etnografia Dorneles (2008, p. 50) mostra como,

atualmente para muitas pessoas, a vivência virtual atingiu um status de extrema significação. Ela tornou-se tão “real” quanto a vivência da dimensão real, o contato face a face. O que nos permite enquanto pesquisadores utilizar técnicas virtuais de pesquisa, tanto para investigações ligadas ao ciberespaço quanto para investigações ligadas aos outros objetos não ligados essencialmente a uma plataforma virtual de interação.

As incursões às plataformas virtuais de interação (*msn, orkut, facebook*) se tornaram tão reais quanto os contatos que tivemos face a face. Ao encontrar esses/as jovens em seus cotidianos, percebi como as conversas presenciais fluíam com a mesma intensidade que as realizadas no ambiente virtual. O virtual e o real caminhavam em um mesmo patamar. Darei continuidade a essa discussão em outro capítulo, por enquanto me deterei à descrição desse percurso traçado no início da pesquisa de campo.

Com os/as seis jovens, selecionados na primeira amostra composta pelo questionário, não foi diferente. Com as informações apreendidas no questionário, tentei manter contato pelas redes sociais através do *orkut* e do *facebook*. A diferença é que inicialmente tive apenas um convite aceito pelo *orkut* e somente no desenvolvimento da pesquisa de campo os outros convites foram aceitos e as interações nesses espaços passaram a fluir. Não vou negar que, a princípio, isso me angustiou bastante, afinal o objetivo inicial era pesquisar a relação desses/as jovens com as novas tecnologias fazendo um recorte para as redes sociais.

Entretanto, fui descobrindo que existiam vários fios que se conectavam ao objeto de estudo e não apenas o acesso às redes sociais, como o uso do celular, da máquina digital, o desejo desses/as jovens acessarem informações abrigadas no ciberespaço ao navegar pela internet, de possuir um computador e ter acesso à internet cotidianamente por intermédio desta máquina. Entendi, ademais, que não bastava saber como acontecia o uso dessas tecnologias, acima de tudo era importante investigar as esferas reais que envolviam a utilização delas.

Já a relação face a face, ou seja, os vínculos de amizade e as entrevistas individuais aconteceram meses depois da aplicação do questionário. Ao iniciar minhas primeiras andanças pelo assentamento, ao invés de procurá-los, preferi ficar apenas observando. Após essas primeiras observações, devidamente, registradas no diário de campo, decidi que era o momento de procurá-los. A princípio, pensei em encontrá-los no próprio assentamento, mas como meu interesse era pesquisar a relação da juventude rural com as novas tecnologias, acreditei que seria interessante dialogar com eles/as em um espaço onde pudessem estar próximos de computadores com acesso à internet.

Contatei novamente a Escola de EFM Nazaré Severiano para solicitar o laboratório de informática e a liberação dos/as jovens. A diretora e a coordenadora pedagógica aceitaram sem nenhum obstáculo. Minha amiga, Socorro, mais uma vez me acompanhava. Combinamos que ela passaria nas salas de aula solicitando a presença dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras no laboratório de informática e eu ficaria aguardando-os para recebê-los/as. Recordo que uma das jovens chegou à sala e não me notou, foi logo em direção ao computador acessar seu *orkut*. Fiquei observando, em silêncio.

Quando todos estavam presentes, sentamos em círculo e, durante uma conversa informal, expliquei minha intenção de envolvê-los na pesquisa que realizava. Em seguida, solicitei que eles respondessem outro questionário no qual busquei sondar mais uma vez a relação com as novas tecnologias, pois o primeiro questionário tinha sido aplicado há meses, por esse motivo acreditei ser relevante saber se tinha mudado algo nessa interatividade. Na ocasião, comentaram que já haviam me olhado no assentamento, outros interessados em conhecer o processo da pesquisa indagaram: “Vai ser difícil as perguntas?” Respondi que não. Sorriam e ao final, trocamos telefones, *emails* mais uma vez. Perguntaram, ademais, quando

estaria no assentamento, respondi brevemente, mas entraria em contato. Quando terminamos, sai da sala bastante feliz, pois algo concreto acontecera.

Figura 10 – Laboratório da Escola Nazaré Severiano



Fonte: Fotografia da autora (2011).

Figura 11 – Prática no laboratório da Escola Nazaré Severiano.



Fonte: Fotografia da autora (2011).
Alunos/as que moram no assentamento Alvaçan Goiabeiras

O efeito desses olhares e dos muitos caminhos traçados nesses primeiros momentos da pesquisa fez de mim uma pesquisadora mais segura em relação à incursão no campo. Sobretudo, para iniciar minhas interpretações e construir significados para cada movimento desses sujeitos, alvos de meu olhar desde o

começo deste percurso. Por fim, percebo o quanto se torna importante um estudo exploratório, pois é ele que dá pistas, aproxima da realidade a ser investigada, dos sujeitos escolhidos para compor o cenário da pesquisa. Esses estudos exploratórios, que acabaram assumindo uma dimensão maior do que a esperada, conduziu-me, principalmente, a pensar que rumo daria aos meus próximos encontros com esses/as jovens.

Esses próximos encontros foram pensados a partir da abordagem qualitativa. Através dela, pude acolher para esse percurso investigativo algumas técnicas como o diário de campo, a observação e a entrevista. A princípio, explanarei as contribuições dessa abordagem para a incursão no campo e os contornos realizados pela etnografia e pela etnografia virtual para fazer a imersão no cotidiano desses/as jovens.

2.2. O significado da abordagem qualitativa e as contribuições da etnografia e da etnografia virtual para descobrir o cotidiano dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras

A abordagem qualitativa, que faz referência a um conjunto de diversas correntes teóricas (filosofia pragmática, sociologia interpretativa, fenomenologia, sociologia crítica, sociologia pós-moderna), de maneiras de fazer pesquisa (estudo de campo; pesquisa naturalista, etnográfica, fenomenológica, hermenêutica, etc.) e de técnicas para coleta de dados (observação, entrevista, diário de campo, etc.), surgiu no século XIX quando houve a necessidade premente de pensar outra forma de investigação que rompesse com a noção do conhecimento completo, “verdadeiro”, dominado pela razão, que não se restringisse ao saber-medir, mas possibilitasse descobrir, questionar e criar conhecimento. (SALES, 2005).

Na América do Norte, a pesquisa qualitativa opera em um campo histórico complexo que atravessa sete momentos históricos definidos como o tradicional (1900-1950); o modernista ou da era dourada (1950-1970); gêneros (estilos) obscuros (1970-1986); a crise da representação (1986-1990); o pós-moderno, um período de etnografias novas e experimentais (1990-1995); a investigação pós-experimental (1995-2000); e o futuro, que é a atualidade. Esse sétimo momento, pede que as ciências sociais e as humanidades tornem-se terrenos para conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-

nações, da globalização, da liberdade e da comunidade. (DENZIN e LINCOLN, 2006).

O propósito aqui não é detalhar cada período que esse tipo de pesquisa atravessou, foi apenas pontuá-los e apresentar alguns deles de forma sucinta.

No século XX, nas décadas de 1920 e de 1930, um grupo de sociólogos investigadores do departamento de sociologia da Universidade de Chicago, contribuíram enormemente para o desenvolvimento do método de investigação designado por qualitativo (BOGDAN e BLIKEN, 1994) determinando a importância da investigação qualitativa para o estudo da vida de grupos humanos. (DENZI e LINCOLN, 2006).

Na mesma época, a antropologia sofre modificações quando os cientistas sociais direcionam suas pesquisas de perspectiva multidisciplinar para os grandes centros urbanos, desenvolvendo trabalhos sobre a sua cidade, seus bairros, seus habitantes e suas profissões. A partir de então, os antropólogos não investigariam exclusivamente sociedades distintas e distantes (TRAVANCAS, 2006) como acontecia nos estudos antropológicos das culturas nativas.

Em linhas gerais, Denzin e Lincoln (2006, p. 17) trazem a seguinte definição desse tipo de abordagem:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Na história da abordagem qualitativa bem como no seu desenvolvimento recente, a etnografia e a observação participante desempenharam um papel fundamental (ANGROSINO, 2009). Muito do que se conhece sobre relações sociais do campo, sabe-se através da pesquisa etnográfica. Esse tipo de pesquisa nos oferece vários métodos de coleta de dados, ou seja, combina observação, participação, entrevistas mais ou menos formais e possibilita uma abertura para a criação de técnicas que podem ser construídas a partir do local da pesquisa.

As práticas que tocam a abordagem qualitativa podem ser pensadas sobre muitos caminhos. Dentre os quais, buscar entender, através das ações dos

sujeitos, o que eles desejam anunciar a partir do local em que se encontram; valorizar não apenas o resultado que irá adquirir por meio do objeto de estudo, mas também o processo pensado para chegar a tais concepções. Ademais, não se trata de realizar somente a descrição dos fenômenos encontrados no decorrer do processo investigativo, os investigadores que fazem uso desse tipo de abordagem devem se interessar pelo modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN e BLIKEN, 1994).

O livro “*O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa*” organizado pelas Professoras Dr^{as}. Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales lança um convite interessante a nós, pesquisadores, para experimentar novas formas de caminhar pela abordagem qualitativa, ao criar e reinventar procedimentos de investigação, tendo em vista que os recursos como o questionário e a entrevista, instrumentos que fazem parte desse tipo de abordagem, tornaram-se pouco eficazes ao se tratar de pesquisa com jovens.

No entanto, essa habilidade artesanal só se torna possível quando essa trajetória é trilhada por essa abordagem, dando destaque à postura do pesquisador como demonstra Sales (2005, p.70).

A abordagem qualitativa, como qualquer pesquisa científica, fundamenta-se em conceitos, métodos e técnicas. O que difere nessa prática de investigação é a criatividade do pesquisador no que se refere ao uso da técnica, ao olhar investigativo, à sua relação com os sujeitos, à apreensão dos trajetos dos pesquisados, à forma de traduzir em ideias o que observa nos movimentos e na escuta das falas e à possibilidade de se criar metodologias ao adentrar no campo da pesquisa.

Ao experienciar essa forma de caminhar pela pesquisa de campo, usando a pesquisa qualitativa que possibilita “descobrir, questionar e criar conhecimento” (Id, 2005, p. 70), busquei, na presente investigação, métodos e instrumentos (observação, diário de campo, entrevista, grupo de discussão) que privilegiassem as minhas interações com o universo dos/as jovens a serem pesquisados.

Para isso iniciei um estudo exploratório apresentado na primeira parte deste capítulo por entender que isso seria importante para que pudéssemos, investigador e investigados, construir laços que permitissem uma maior abertura para minha inserção em seus cotidianos, reduzindo com isso os riscos de realizar interpretações contrárias a partir da teia de significados constituída mediante as falas e os comportamentos dos sujeitos investigados.

Essa teia de significados passou a existir no processo investigativo quando realizei contornos pela etnografia e escolhi navegar nos “artesanatos locais que funcionam a luz do saber local”. (GEERTZ, 1997, p. 249). Essa viagem permitiu mergulhar no cotidiano dos/as jovens para compreender como acontece o acesso deles/as às novas tecnologias e de que forma eles/as conduzem e interpretam esse acesso aos seus modos de vida.

Esse trajeto, realizado pelos caminhos da etnografia, pode ser visto como uma prática que requer do pesquisador “um olhar de dentro” capaz de identificar, de refletir sobre os padrões de comportamento e de descrevê-los, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos e heterogêneos conjuntos de práticas manifestadas pelos sujeitos em seu cenário local. (MAGNANI, 2002).

O uso da etnografia requer dos pesquisadores a qualidade na observação, a sensibilidade de perceber o outro através das suas falas e das atitudes e tornar visível tudo isso na escrita. Na busca de pistas para se pensar a especificidade da etnografia e de atuação do pesquisador, começo com uma citação de Malinowski (1997, p. 19):

O investigador deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efetivamente com os nativos, longe de outros homens brancos; deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas.

Malinowski, conhecido como “o pai da antropologia exatamente por ter sido o pioneiro na construção de um método de pesquisa inovador: o trabalho de campo” (TRAVANCAS, 2006, p. 02), destaca a importância da postura do pesquisador/a de campo para cuidar dos critérios metodológicos utilizados no decorrer do processo investigativo. Mas, em outro momento dessa mesma obra, ele sugere que o pesquisador deve em alguns momentos se desvincular do diário de campo, da sua máquina fotográfica, de qualquer instrumento que esteja fazendo parte da pesquisa de campo a fim de se incorporar, de se misturar à comunidade pesquisada.

Essa incorporação à comunidade investigada sem necessariamente estar munido de instrumentos de recolhimento pode ser compreendida como uma forma de melhor apreender, dos “nativos”, a visão de mundo e o seu mundo. Esse autor também chama a atenção do pesquisador/a de campo para analisar, com igual

seriedade, todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e corriqueiros da vida cotidiana. (SILVA, 2009).

Ainda sobre esse “fazer etnográfico”, continuo com Bronislaw Malinowski (1997, p.19), quando ele descreve a sua entrada no campo.

Imagine-se o leitor, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar. Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral da Nova Guiné.

A forma de pesquisa desenvolvida por Malinowski é uma realidade distante da que se vive atualmente no universo da etnografia. Principalmente, porque o etnógrafo investigava detalhadamente a cultura de territórios distantes, buscando explicar, de diversas maneiras, os fenômenos microssociais ocorridos nas sociedades primitivas, o que não acontece constantemente nos dias atuais, uma vez que o etnógrafo não necessariamente precisa passar anos mergulhando na cultura do outro para desenvolver sua pesquisa, nem viajar longas distâncias para realizar uma etnografia.

Embora nem todas as pesquisas etnográficas contemporâneas sigam este modelo desenvolvido por Malinowski, alguns etnógrafos resgatam, para suas pesquisas de campo, práticas metodológicas utilizadas por este autor e por outros/as pesquisadores/as como a observação participante e o uso do diário de campo. Contudo, ainda existem pesquisadores/as que se sentem seduzidos/as a sair de seus gabinetes e se aventurar por lugares distantes para acompanhar o estilo de vida dos “sujeitos” e lançar “olhares de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) à realidade investigada.

Para além “desse olhar de perto e de dentro” comum na etnografia, o/a pesquisador/a deve também lançar olhares de fora a fim de alcançar a realidade macrossocial representada pela estrutura econômica, política e cultural que afeta e é inerente ao lugar e ao cotidiano dos sujeitos investigados, uma vez que “o cotidiano não é uma parcela isolável do social” (PAIS, 2003a, p. 31). Não basta fazer uma descrição dos fatos, é preciso construir caminhos na investigação que possa levar o/a pesquisador/a a compreender uma realidade a partir dos fios macrossociais que a ela se ligam.

Vale destacar que o trabalho do etnógrafo não é apenas a experiência concreta de estar no campo, vai muito além. Antes mesmo de penetrar no cotidiano dos sujeitos, existe o levantamento bibliográfico sobre o tema, os relatos e experiências compartilhados por antropólogos que já realizaram um trabalho etnográfico e os dados adquiridos no estudo exploratório. Ao final do processo, todos esses fragmentos vão se comunicando com os dados empíricos e, em um movimento circular, formam a totalidade do trabalho.

Magnani (2009, p. 135) compreende essa tessitura no fazer etnográfico da seguinte maneira:

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.

Quando o/a etnógrafo/a se lança no cenário da pesquisa e entra em contato com o universo dos/a pesquisados/as sempre é movido por incertezas, dúvidas e perguntas. Há sempre algo no campo que ele/a não sabe e não conhece. No campo, seu movimento busca saciar seu desconhecimento. (SILVA, 2009). Por essa razão, o etnógrafo parte para o campo munido de três movimentos: o “andar”, o “ver” e o “escrever”. Esses movimentos, inerentes a esse percurso, devem significar para o/a etnógrafo/a uma relação de sentidos que se constrói à medida que este/a experiencia o campo e cria novos modelos de entendimento sobre a realidade investigada. O andar significa, para este/a pesquisador/a, uma forma de caminhar nesse horizonte investigativo, o ver seria uma maneira de interpretar o que se encontra nessa caminhada e o escrever contempla tudo o que se vê, se percebe e se interpreta. Essa escrita passa a significar uma produção de conhecimentos sobre a realidade estudada.

Nesta experiência investigativa, inspirei-me “pelo ponto de vista antropológico, tentando a todo instante desconstruir pré-noções, familiarizando o estranho e estranhando o familiar.” (DORNELLES, 2008, p. 38). Desse modo, busquei desconstruir minhas certezas e incorporar essa familiaridade e esse estranhamento quando estivesse do lado de lá no “campo” e do lado de cá na “escrita”. (id, 2008).

No lado de lá do trabalho de campo e no lado de cá na escrita, não consigo descrever com exatidão os motivos que me levaram a tomar emprestados alguns recursos da etnografia para serem meus companheiros nesse itinerário. Na verdade, me senti compelida a sair um pouco dos círculos em que estava inserida e me deixar levar por essa experiência sedutora, que me deixou constantemente encantada.

Conforme Geertz (2011), a descrição etnográfica é interpretativa, busca o debate e propõe a leitura do cenário pesquisado enquanto texto, já que as ações humanas transmitem significados que podem ser lidos, traduzidos, interpretados, sendo que o mais importante nestas ações é seu conteúdo simbólico. Essas ações são processadas através da interpretação e não sintetizadas a partir dos dados brutos. Nesse caso, o/a etnógrafo/a deve se preocupar em descrever não apenas o que as pessoas fazem, mas o significado do que elas fazem e as interpretações que elas conseguem fazer do seu próprio cotidiano. Por isso são importantes as vozes dos sujeitos e a descrição do cenário de onde eles vêm para valorizar o olhar dos sujeitos sobre sua realidade e não apenas do etnógrafo.

Nessa perspectiva, procurei ter o cuidado de verificar, em muitos momentos, através das observações, das conversas informais, das entrevistas abertas, de que forma estava adentrando no cotidiano dessas pessoas, qual o significado da minha presença ali junto a elas e que pistas poderiam me fornecer para desenvolver a pesquisa de campo. Nas narrativas das lideranças do assentamento, fui lembrada diversas vezes sobre a importância de estarem compartilhando comigo informações sobre o assentamento e o valor que elas possuem por fazer parte de suas vidas. Entre uma entrevista e outra, pude presenciar até mesmo a emoção representada pelas lágrimas desses sujeitos ao relatar a história e a participação deles no processo de desapropriação da terra. Já os/as jovens me observaram bastante e sempre que havia uma oportunidade perguntavam sobre o meu modo de vida e ao compartilhá-lo, eles também o faziam. Assim nossas conversas tornaram-se mais abertas, quando compartilhei um pouco da minha vida com eles.

No entanto, essa abertura só se tornou possível quando descobri o meu jeito de caminhar na pesquisa, usando os recursos oferecidos pela etnografia (observação, entrevista, diário de campo) e convocando habilidades como o saber ser, estar, ver, escutar e criar. Habilidades que desempenharam um papel crucial no

período da investigação, quando construí formas de me aproximar dos/as jovens incluídos/as na pesquisa.

Porém, “praticar a etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” (GEERTZ, 2011, p. 04). Acima de tudo é perceber, na existência desses relatos, um conjunto de significados que devem ser interpretados mediante cada olhar lançado pelo pesquisador em suas observações e por cada voz capturada nas entrevistas realizadas. Esses relatos devem ser vistos não apenas como histórias de viagens que, conforme nos ensinam, consistem em visões superficiais, ingênuas, carregadas de crenças, de inabilidades e de indiscrições. Eles devem ser pensados como,

um método, um caminho vasto e comum para chegar a realidade de qualquer coisa. Um caminho escuro que se vai clareando à medida que se vai fazendo, isto é, à medida que o percorremos, porque andando se faz o caminho. (PAIS, 2003a, p. 64).

Essa forma de caminhar pela realidade investigada capturando esses relatos, fez-me perceber aos poucos que os horizontes do meu olhar passavam a se ampliar e novas descobertas aconteciam quando os/as jovens ofereciam elementos para compreender o cotidiano deles, pois até então só me perguntava: O que se passa no cotidiano dessas pessoas para além do que eu estava tendo a capacidade de ver?

Para conseguir decifrar melhor esse cotidiano, busquei compreender inicialmente o seu significado à luz de Pais (2003a). Para ele, cotidiano sinaliza uma “rotina”, algo que se passa todos os dias, um elemento básico das atividades sociais do dia a dia, ou seja, uma realidade que aparenta ser. Neste sentido, o grande desafio do/a pesquisador/a seria “revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica.” (Id, 2003a, p. 31).

Nos primeiros momentos da pesquisa, o cotidiano dos sujeitos investigados se anunciava, mas não se entregava, o que me deu maiores possibilidades de descobrir o que existia para além de uma frase que se repetia bastante nas entrevistas: “sempre faço as mesmas coisas todos os dias” expressando “o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso e práticas constantemente adversas a inovação [...]” (PAIS, 2003a, p. 28).

É evidente que, nessa rota, existe algo a ser revelado. O fato de eles questionarem essa rotina e buscarem experimentar outras formas de vivenciá-la, provocando, nesse movimento, ruptura com aquilo que parece comum, pode ser um caminho a possíveis respostas, mesmo que a vida cotidiana se apresente para esses sujeitos como “uma presença repousante, inerte, superficial” (Id, 2003a, p. 33).

Mas essa presença repousante e superficial passa a ter uma conotação diferenciada quando há o entrelaçamento entre as espacialidades e as temporalidades, ou seja, no cotidiano tudo muda sem, contudo, ser percebido na maioria das vezes. O que parece comum no dia a dia pode representar, para quem investiga, um convite para passear por essa realidade “interessando-se por tudo o que seu olhar oblíquo possa agarrar; manter-se ao rés das coisas, mas vê-las todas, numa obstinação miúda e picuinhas.” (Id, 2003a, p. 33).

Desvendar a particularidade dos detalhes e a unidade de acontecimentos da “vida cotidiana dificilmente observados e capturados pelas pesquisas quantitativas, ganha importância nas sociedades contemporâneas e atrai o olhar e interesse de pesquisadores.” (STECANELA, 2008, p. 33), quando esse olhar sobre esse cotidiano afasta-se “do preestabelecido, que condena os percursos de pesquisa a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida”. (PAIS, 2003a, p. 17).

Uma pesquisa de campo, para este autor, foge dos modelos rígidos de investigação que ditam todos os passos que devem ser seguidos para apreender os dados empíricos. É entendida como um caminho fluido que toma as falas do cotidiano como objeto do conhecimento, num processo de transfiguração semelhante ao de um poeta que transforma as palavras do dia a dia em poesia.

Penetrar na realidade dos sujeitos, nesta perspectiva metodológica, é um convite à “transformação revolucionária da visão”, conforme sinaliza Stecanela (2008, p. 34), utilizando-se de Kunh. Por ser um método totalmente voltado para a descoberta, acompanhado da dúvida e da incerteza, pode gerar, muitas vezes, angústias e incertezas por não se saber qual o caminho certo, pois há os desvios que surgem quando se tenta decifrar uma realidade. Entretanto, esses desvios podem ser considerados, na visão de Pais (2003a, p. 46), como “brechas do saber consolidado que se dão às possibilidades criativas, de desvio”, não tomado apenas “no sentido de interrupção e afastamento de um caminho mais tranquilo, mas será

também no da renovação e reelaboração, tornadas possíveis pelo brusco desvio” (Id, 2003a, p. 46). Nesse caso, o desvio pode ser entendido como “rota alternativa, afastada do caminho mais tranquilo que permite a visão de longo alcance ou da quase totalidade dessa rota.” (STECANELA, 2008, p. 37).

Desde o início da pesquisa de campo, procurei me preparar para esses desvios que, para mim, eram compreendidos como desafios, principalmente, quando me deparasse com os enigmas que existiriam nas imagens e nas frases construídas pelos sujeitos investigados, uma vez que, as narrativas nem sempre promoveriam um encontro com a minha visão e a dos autores sobre o seu espaço e suas práticas cotidianas. Daí então deveria utilizar-me da “astúcia” proposta por Certeau para decifrar o campo enigmático de cada narrativa apresentada pelos sujeitos sobre sua realidade. A respeito desse desafio, Pais (2003a, p. 56) esclarece:

Nesse viajar pelos enigmas do cotidiano, o pesquisador tropeça frequentemente em truísmos, em anamorfoses revestidas de juízos de valor e de validade representacional [...] Nos relatos de viagem, o que sobressai é uma verdadeira literatura de revelação: do “exotismo”, do “desconhecido”, do “surpreendente”, enfim, do enigmático [...] Um verdadeiro desafio que se coloca à sociologia e antropologia contemporâneas é o de mostrar como o enigmático e a sua decifração dependem da criação de novos significados e como estes estão na origem da revelação, nomeadamente quando os símbolos brincam com os significados, raramente mostrando o que são sob o que aparentam ser.

Ao viajar pelo cotidiano desses/as jovens não tive a intenção de buscar-lhes somente a rotina, mas revelar-lhes os enigmas produzidos a partir do uso das novas tecnologias, ou seja, como elas se constituíam no contexto de vida dos/as jovens através da sua utilização e os significados que passam a existir no modo de vida desses/as jovens ao estarem no campo.

Essa viagem pelo cotidiano dos/as jovens ocorreu três meses depois, ao regressar ao assentamento para mergulhar de fato no trabalho de campo, realizar as rotas pelo cotidiano dos/as jovens, capturar vozes e ver o que elas poderiam me oferecer para compreender minhas inquietações. Contatei D. Suzete para que ela me recebesse novamente no assentamento. No dia 25 de novembro de 2011, saí de Sobral rumo a Santana do Acaraú. Encontramo-nos no STR, pois ela é coordenadora do grupo de mulheres vinculado a essa instituição. Após abraços e conversas, ficamos eu, D. Suzete e o coordenador da Secretaria de Juventude do sindicato, conversando sobre a possibilidade de realizar um encontro sobre

juventude rural. Concordei com a ideia, contudo precisava tomar o cuidado de estabelecer posições de distanciamento para não ofuscar o objetivo pelo qual me encontrava ali. Minha intenção era realizar isso sim, mas somente ao final da pesquisa, embora tivesse pensado na possibilidade de fazê-lo em janeiro de 2012. Após essa conversa, marquei uma entrevista com o coordenador no começo da tarde. Sua visão sobre a juventude rural seria importante para “chegar mais perto da complexa realidade dos jovens do campo.” (CASTRO, 2005, p.17).

Despedimo-nos e marcamos a entrevista para às 14h do mesmo dia. Enquanto isso, circulei pelas ruas da cidade para observar a rotina dos santanenses. Sentei debaixo de uma árvore bem próximo dos carros de horário¹⁸ que transportam pessoas para a zona rural. Os horários em que saíam eram às 11h, às 12h e às 13 horas. Meu olhar se voltou para os jovens e notei que as expressões da maior parte deles sinalizavam descontração: conversavam entre si, escutavam música no celular, ficavam atentos ao visor do celular ou se mantinham em silêncio. Todos esses comportamentos, sob o olhar de Sales (2006, p. 155), fizeram-me perceber como “em alguns momentos, os jovens assentados se assemelham aos da cidade, mas, ao mesmo tempo, aparecem diferenças ligadas aos laços da sua cultura de origem”.

Na hora marcada estive no STR. Expliquei meu interesse em ouvi-lo, o coordenador concordou e iniciamos nosso diálogo. Embora se tratasse de uma entrevista aberta, anotei em meu caderno de campo um roteiro com itens que pudessem dar apenas um direcionamento, uma vez que,

neste tipo de entrevista o pesquisador não inquirir seu entrevistado. Pode até apontar contradições, ambiguidades, pedir mais esclarecimentos. Mas ele não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. (TRAVANCAS, 2006, p. 07).

Como não buscava uma resposta linear, objetiva, procurei conhecer um pouco sua trajetória de vida, seu cotidiano, o que o estimulou a ser coordenador de uma secretaria de juventude vinculada ao STR e por fim, fomos, com o avançar dos minutos, levando nossa conversa para o modo de vida dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras antes e depois da chegada das novas tecnologias em seu cotidiano.

Em meio a suas falas, foi possível notar, dando destaque ao modo de vida do jovem de Alvaçan Goiabeiras, que alguns se sentem desinteressados por

¹⁸ Expressão usada pelos assentados ao se referir aos transportes que fazem o itinerário entre os assentamentos rurais e Santana do Acaraú.

ajudar os pais na agricultura, porque são mal remunerados por seu trabalho ou não recebem absolutamente nada e mais, os próprios pais estimulam os filhos a saírem do campo quando dizem: “meu filho estude para ir embora, estude para não ficar igual seu pai puxando terra pros pés”.

Os aspectos negativos marcados na fala desse coordenador justificam a recusa de muitos jovens, filhos de agricultores, de ingressar com o pai no trabalho da agricultura, uma vez que não possuem acesso a,

[...] uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir como utilizar; e autonomia com relação aos pais. O primeiro é dificilmente equacionável dentro da economia familiar, cujos recursos geralmente são indivisíveis e ficam sob o controle do pai. Uma alternativa para os jovens é o assalariamento, principalmente no meio urbano, que marca uma ruptura temporária ou definitiva com a atividade agrícola. (BRUMER, 2007, p. 39).

Essa ruptura é incentivada inclusive pelos próprios pais que estimulam a rejeição à atividade agrícola, quando imaginam que estudar e migrar para a cidade em busca de um trabalho é a melhor solução. A cidade para eles torna-se valorizada e entendida como um campo de possibilidades por apresentar uma estrutura de progresso que inclui educação e vários serviços ausentes da vida campesina. Pude perceber ainda nessa fala, o desencontro entre gerações, quando os pais começam a compreender que não vale a pena as novas gerações ingressarem no mesmo caminho que eles trilharam. Mas isso não me pareceu suficiente para fazer a leitura da rejeição dos/as jovens à atividade agrícola. Precisava resgatar as vozes dos/as jovens para confirmar tal informação. Isto será apresentado e discutido em outro capítulo.

Quando pedi para o coordenador trazer, ao nosso diálogo, sua visão sobre a juventude rural, como eles se comportavam cotidianamente e qual a sua concepção sobre o acesso dessa juventude às novas tecnologias, ele lhes traçou um perfil, comparando-os com aos/às jovens da cidade.

Hoje é muito comum o modo de vida dos jovens da zona rural, hoje se você colocar dois jovens, um da zona urbana e outro da zona rural, você não diferencia mais, eles conseguiram isso, acho que não diferencia muito não jovem da zona urbana e da zona rural, só se diferencia na questão do estudo porque a grande maioria não estuda em escola particular e essa é a realidade de quem vive no campo. O jovem da cidade, o linguajar dele é um pouco diferente, tem uma gíria, embora o da zona rural tenha gíria. Fica difícil diferenciar porque os jovens rurais vão pra qualquer festa no mesmo patamar do jovem urbano. (Coordenador da Secretaria de Juventude do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), 28 anos, ensino médio).

Sobre o acesso da juventude rural as novas tecnologias, ele relatou:

É assim, a tecnologia em si ela tem alguns instrumentos, não vou mentir faz com que os jovens tenha acesso a algumas informações, pra quem tá na cidade isso é um instrumento muito bom. Embora alguns jovens da zona rural tem deles que já tem *orkut* talvez já tenha o *facebook*, né? Mas a grande maioria não sabe, aí é diferente das pessoas da cidade. Quando eu cheguei aqui na sede, na cidade paguei o maior mico. Tinha uns jovens mais ou menos nessa idade 18 a 19 anos dominava aquele instrumento bem melhor do que eu. Hoje eu sei um pouco mais porque convivo com eles. Hoje boa parte do meu trabalho é via internet, mas pra grande maioria ainda é um instrumento novo, né? E uma parte da juventude rural não tem acesso. Aqui no sindicato o computador é livre pra eles mexerem se quiser, no *email*, no *orkut*, no *facebook*. (Coordenador da Secretaria de Juventude do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), 28 anos, ensino médio).

Pensar os/as jovens do campo alheios ao universo oferecido pela cidade é correr o risco de homogeneizá-los/as. O tempo é outro e com o avanço tecnológico, o padrão de vida no campo passa a adquirir feições urbanas pelo encurtamento das distâncias que no passado eram mais comuns devido à falta dos meios de comunicação e pela própria condição socioeconômica que é bem diferente de décadas passadas, principalmente, no assentamento investigado. Claro que existe uma dinâmica espacial e cultural que envolve esses/as jovens, contudo não impede que eles/as capturem e queiram usufruir os estilos de vida dos/as jovens que vivem na cidade, pois a vida campesina não é algo que possa ser pensada de maneira isolada de uma realidade mais ampla, como diria Wanderley (2007, p. 31):

[...] quem já teve a oportunidade recente de conviver com jovens rurais sabe o quanto eles são, sob vários aspectos, semelhantes a muitos jovens que vivem nas cidades. Eles se vestem modestamente, mas com roupas consideradas dentro do padrão da moda jovem. Gostam de conviver com o grupo de amigos. Como qualquer outro jovem, têm suas preferências quando se trata de artistas, grupos musicais ou equipe esportivas. Assistem às novelas televisivas, participam das campanhas eleitorais e acompanham, pelos noticiários das emissoras de televisão, o que acontece no país e no mundo [...].

Dizer que os jovens do campo não experimentam em seus cotidianos modos de vida que são vistos como algo que pertence somente à cidade seria incoerente, pois cada realidade apresenta múltiplas facetas e apenas com estudos e pesquisas há possibilidade de capturar as condições diferenciadas que existem entre um assentamento e outro, por isso mesmo qualquer “análise que tente isolar a realidade dos jovens rurais e considerá-los pertencentes a um mundo à parte, não integrado a sociedade mais ampla em que vivem” (Id, 2007, p. 31) é simplificar o olhar.

Com o objetivo de ampliar meu olhar a respeito do cotidiano dos/as jovens do assentamento busquei outras vozes, como a deste assentado, que é um dos líderes do assentamento.

Tem as duas parte. Tem jovem que tão numa boa carreira pra o futuro, tem um bucado deles, vai depender de uma criação que eles tiveram e de uma ocupação na época que eles tavam precisando realmente se completarem. Tem os lazer dele, claro que tem, mais 60 por cento é lazer todo dia, cotidiano mesmo é festa, é cachaça, é droga, é futebol, malandragem, cabelinho, brinquim, tatuagem aquela coisa, trabalha um dia na semana ai passa dois, três dias bebendo, isso masculino. Feminino como diz a historia 50 por cento tem um comportamento acompanhando a mãe como mulheres trabalhadoras, outras são bichinha de borboleta, umas seguem o caminho da mãe outras tá nem ai querem tá em festa, balada, o celular do lado, não tira o celular da frente assistindo televisão e o celular do lado passando trote, sabe de tudo na internet, estudar não querem, não querem estudar, ai não tem né. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Na leitura do Sr. Pedro Celestino¹⁹, boa parte dos jovens vivenciam um cotidiano que se distancia do seu lugar de vida quando passam a experimentar situações que fogem dos hábitos de quem mora no campo, como frequentar festas, beber, usar brinco e ter tatuagem. Nesse caso, o cotidiano, partindo da ação prática, assume-se como um terreno de reflexão, de negociações, de resistência, de inovações e, conseqüentemente, de dilemas. (PAIS, 2003a). Geralmente os/as jovens passam a viver esses dilemas quando há um desencontro entre a tradicional relação existente entre a família e a comunidade e esses comportamentos entendidos como algo que pertence somente aos costumes da cidade.

Para D. Suzete o cotidiano dos jovens é

preocupante porque não tem atividade para a juventude, eles não participam de coletivo, nem de associação, nem de nada, é como assim, isolado. Mulher eu acho que, o pessoal não acredita na juventude, eu acho. O pessoal diz, os jovens não querem nada, os jovens num sei o que, num é só aqui não, todo assentamento é assim. Por isso que eu acho que eles não participam de nada. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Outras narrativas sobre esse “cotidiano” foram capturadas através dos próprios/as jovens investigados/as no campo empírico da internet com a colaboração da etnografia virtual. Sobre isso, Vasconcellos (2011, p. 01) baseado no livro *Virtual Ethnography* e as ideias de Christine Hine, explica:

¹⁹ Recebi autorização do Sr. Pedro Celestino, um dos líderes desse assentamento, para expor seu nome durante todo o trabalho por meio do termo de consentimento assinado antes da realização da pesquisa de campo.

Christine Hine, por sua vez, vai conceber a etnografia virtual como uma forma de se pesquisar comunidades em que redes de computador são meios rotineiros de comunicação. Para ela, a característica principal da etnografia permanece: o etnógrafo se torna envolvido no ambiente e fica face a face com os nativos de tal forma que ganha um entendimento de suas práticas. Pesquisando no ambiente dos laboratórios, ela explica que é neles que as tecnologias como artefatos de inscrição entram em primeiro lugar na etnografia. Contudo, ela argumenta que a competência do pesquisador no uso das tecnologias de comunicação não é necessária apenas para se relacionar com os nativos, nem apenas para obter informações privilegiadas sobre as práticas cotidianas, mas principalmente para se avaliar o papel da tecnologia nesta sociedade.

Compreender o papel das novas tecnologias na sociedade é um dos caminhos para justificar o uso desse tipo de metodologia para apreensão de dados em uma pesquisa de campo. Não resta dúvida que realizar essa trajetória pela etnografia virtual requer, por parte do/a pesquisador/a, uma sensibilidade para seguir pistas que parecem interessantes (VASCONCELLOS, 2011) e repensar como os campos físico e virtual podem seguir juntos nesse itinerário, uma vez que a proximidade geográfica é substituída em alguns momentos pelo ambiente do ciberespaço e o contato face a face é ausente.

Esse contato “face a face” entre pesquisador/a e pesquisados/as, é fundamental para quem mergulha pelos mares da etnografia. Por isso mesmo a etnografia virtual acaba sendo questionada pela falta da proximidade física. Contudo, para quem adentra esses caminhos percebe que há sim possibilidades de acontecer essa aproximação, somente os locais investigativos invertem a posição.

Sobre esse fazer etnográfico usando as NTICs, Amaral (2010) explica, baseado em Hine (2000, 2005), a responsável pela popularização do termo, que a construção do campo nesse jeito de pesquisar se dá a partir da reflexividade e da subjetividade (Hine, 2009). Segundo a autora, a etnografia virtual acontece no e através do *online* e nunca está desvinculada do *offline*, acontecendo por meio da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio.

Mas, isso não é tão simples assim. O/A pesquisador/a precisa manter laços com os sujeitos investigados para além do ambiente virtual, uma vez que os/as investigados/as podem se anunciar nesses espaços de uma maneira e no espaço físico demonstrar outros comportamentos, outras falas. Diante disso, fica arriscado se deter exclusivamente às narrativas construídas nos bate papos nas redes.

Sobre o papel do/a pesquisador/a nesse contexto, Flick (2009, p. 247) discorre:

A presença sustentada de um etnógrafo no campo e o entrosamento intensivo com a vida diária de seus habitantes é, também na etnografia virtual, uma exigência para a elaboração de conhecimento etnográfico. Mas, no ciberespaço, são questionadas noções como o lugar de interação ou o lugar do campo. Quais são os limites do campo? Eles não podem ser definidos com antecedência, uma vez que apenas tornam-se claros durante o estudo.

De fato, quando optei por usar a etnografia virtual, o campo de pesquisa foi se definindo à medida que fui experimentando os locais em que os/as jovens iam me sinalizando, como o *msn*, o *orkut*, o *facebook* e o celular através de mensagens de texto.

No início da pesquisa de campo, na fase exploratória, conversei apenas com dois deles – um rapaz e uma moça – incluídos na investigação pelas redes sociais e observei diariamente suas postagens nesses ambientes, a fim de compreender de que forma eles/a anunciavam seus cotidianos nesses locais e de que maneira mantinham uma relação com o universo tecnológico.

Na oportunidade, ora conversávamos pelo *msn*, ora pelo *facebook*. Algumas vezes, fui convidada para bater papo; outras vezes, precisei chamá-los/a. Nos primeiros momentos, as respostas sempre vinham bem curtas, um “sim”, ou um “não”, “talvez”, “estou bem”. Geralmente quando perguntava ao jovem onde estava acessando, ele sempre escrevia que se encontrava na casa de uma amiga em Santana do Acaraú, por não possuir computador. Esses acessos aconteciam por volta das 22 h, 23 h e, por vezes, o encontrei à meia-noite. Só durante o dia ele relatava que estava na *lan house* da Porcínia. A jovem sempre acessava em casa por possuir seu computador. Geralmente nossas conversas aconteciam pela manhã, entre 10 h e 11 h, raramente entre 16 h e 17 horas e à noite no horário das 19 h às 21 horas. À noite, sempre nos despedíamos quando ela relatava que iria assistir à novela das nove em uma emissora de televisão.

Já com os/as seis jovens que também faziam parte da investigação, demorei um pouco mais para interagir pelo *facebook* e pelo *orkut*. A interação só aconteceu meses depois, quando aceitaram meu convite. Para além das redes sociais, passamos a trocar mensagens de texto pelo celular. A ideia de trocar mensagens de texto pelo celular me ocorreu quando percebia que deveria buscar outras formas de interação além das redes sociais. Foi então que enviei uma mensagem de texto para o celular de cada jovem, perguntando o que eles gostariam de possuir no momento. Alguns me ligaram a cobrar por falta de crédito. Uns

responderam que gostariam de ganhar um computador e outros passaram a me enviar mensagens de texto religiosas e/ou de amizade. Assim mantivemos contato até os dias atuais, dialogando sobre seus cotidianos, tanto por meio de mensagens de texto enviadas pelo celular quanto pelas redes sociais através do acesso à internet.

Só no decorrer da pesquisa os/as jovens passaram a me revelar seu modo de vida usando o ciberespaço. Tecemos vários diálogos nos quais descreviam seus cotidianos, como, por exemplo, colher mel, ir à faculdade, à escola e a festas, esclarecer dúvidas sobre algum conteúdo da faculdade, a entrega de um currículo, opiniões sobre o assentamento, suas tristezas e solidão por não ter um namorado/a ou a opção de passar um tempo em casa sem sair.

Para agendar nossos encontros no assentamento, as entrevistas ou os trabalhos em grupo, utilizava as mensagens de texto e as redes sociais. A partir dessa experiência, passei a compreender que o objeto de estudo estava para além do uso das redes sociais, pois outros elementos que compõem as novas tecnologias se integravam também, como o celular, a máquina digital e o desejo deles de acessar rotineiramente a internet pelo computador.

Através das narrativas capturadas do coordenador da Secretaria de Juventude do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), das duas lideranças do assentamento e dos/as jovens, usando os recursos da etnografia e da etnografia virtual, pude visualizar retratos da realidade cotidiana da juventude de Alvaçan Goiabeiras. Com isso, passei a perceber a existência da heterogeneidade das vivências desse segmento juvenil e como o contato com a sede do município e realidades macrossociológicas proporcionadas pelo uso das novas tecnologias imprime um quadro de significados que atrai o pesquisador a realizar sua incursão no campo.

Em uma pesquisa de campo, é sempre importante adotar técnicas e instrumentos para facilitar essa caminhada. No meu caso, escolhi para me acompanhar as observações o diário de campo. Nas próximas linhas, ilustro suas contribuições nesse percurso investigativo.

2.3. Trilhar pelos caminhos da observação com o seu bom companheiro “diário de campo”

Trafegar pelos caminhos da pesquisa requer do pesquisador/a instrumentos para acompanhá-lo nessa trajetória. O diário de campo, nesse processo, torna-se um companheiro fiel que ocupa uma função muito importante. Em uma escrita livre, o/a investigador/a registra todas as informações, sejam elas voltadas a sua incursão no campo, ou às emoções que acabam desabrochando nesta caminhada.

Geralmente, para os/as pesquisadores/as, esse caderno representa a função de descrever tudo o que acontece na investigação: as observações realizadas a partir dos encontros com o lugar, com os sujeitos participantes da pesquisa, com as reflexões teóricas e metodológicas vivenciadas no período de incursão e vivência no campo.

Essas observações, inerentes aos momentos de incursão no campo, na concepção de Vianna (2007) devem ser entendidas como um processo: o/a pesquisador/a deve ser cada vez mais um participante e obter acesso ao campo de atuação e às pessoas. A observação deve, aos poucos, se tornar cada vez mais concreta e centrada nos aspectos essenciais para responder às questões da pesquisa. Observações essas que devem diariamente ser repassadas e dialogadas com o diário de campo.

Uma das inspirações para se pensar na importância do diário de campo veio a partir de Magnani (1997). Para ele, esse instrumento é indispensável na mochila do etnógrafo, seja ele marinheiro de primeira viagem ou velho lobo do mar. Ele serve para depositar notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços e desabafos.

Inspirada pelas colocações do autor supracitado, decidi construir não apenas um diário que registrasse os mergulhos no trabalho de campo. Nele procurei discorrer sobre tudo que me fazia sentido, ou seja, as ações realizadas em decorrência da pesquisa de campo e as reflexões e os sentimentos dos diferentes fatos que me ocorriam no cotidiano. Compreendia que a descrição do particular contexto em que os dados estavam sendo colhidos e as emoções que partiam do meu modo de vida eram inerentes a esse itinerário.

Em março de 2011, iniciei minhas primeiras observações e inaugurei meu diário de campo. Nele registrei impressões, imagens e vozes que experienciei ao chegar a Santana do Acaraú, para realizar a pesquisa de campo, ao compreender que ele é um instrumento ao qual o/a pesquisador/a se dedica a produzir dia após dia, ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que teve Bronislaw Malinowski como pioneiro. (WEBER, 2009).

A cada observação ou leituras teóricas, meu diário estava presente. A primeira vez que estive no assentamento, depois de uma longa conversa que mantive com D. Suzete, meu caderno foi fundamental, tendo em vista que naquele momento, como estávamos nos conhecendo, não quis usar o gravador. Recordo que fui até a mochila pegar meu diário de campo para registrar a descrição do cenário que naquele momento estava conhecendo e as informações apreendidas em nosso diálogo.

Segundo Travancas (2006), na pré-história da antropologia, o caderno de campo tinha inúmeras funções. O gravador hoje exerce uma que anteriormente era exclusiva do caderno: registrar entrevistas, eventos, conversas, músicas, liberando, em muitos aspectos, o olhar do/a pesquisador/a para o que está acontecendo ao redor.

Acredito que o diário de campo não esteja tão distante dessa realidade nos dias atuais, pois mesmo que os recursos tecnológicos como a máquina digital, a filmadora e o gravador sejam imprescindíveis nessa caminhada, há momentos em que os sujeitos da pesquisa se recusam a ser fotografados, filmados e se sentem intimidados quando se realizam anotações em sua presença. Nesse caso, os registros só conseguem ser gravados na memória e redigidos no diário.

Essa recusa em ceder imagens aconteceu comigo no início da pesquisa de campo. Certa vez fui convidada por uma jovem que fazia parte da pesquisa pelo *facebook* para participar dos festejos de Nossa Senhora das Graças, padroeira de uma das comunidades do assentamento, a Floresta. No momento em que estava lá, direcionei meu olhar aos/as jovens. O comportamento de alguns deles anunciava timidez, principalmente, quando me aproximava com a máquina fotográfica, um deles pediu inclusive para não ser fotografado. Já outros/as jovens estavam bastante descontraídos com a máquina ou o celular capturando imagens de uns e

dos outros durante todo o leilão, alguns até pediram para serem fotografados por mim.

Nesse momento, senti muita falta do diário de campo, pois minha permanência nesse evento foi de oito horas: cheguei à novena às 19 h e retornei às 3h, e nesse tempo muitas coisas aconteceram. Mas, apesar de estar sem o caderno em mãos, procurei registrar em uma folha pequena palavras que pudessem direcionar meus escritos posteriores. Como chegamos de madrugada, não pude registrar esses acontecimentos. Somente no dia seguinte, dirigi-me ao diário. Poderia ter carregado comigo esse instrumento, entretanto fazia poucos meses que transitava pelo assentamento e, inicialmente, percebia que as anotações das minhas observações realizadas na presença de alguns sujeitos da pesquisa, incomodavam-nos.

Para Angrosino (2009), a observação pressupõe esse tipo de contato com as pessoas ou coisas que são observadas. No caso da etnografia, esta é feita no campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando.

Nesse envolvimento, que me conduzia a observar “de perto e de dentro” o modo de vida dos/as jovens do assentamento, decidi aceitar o convite da mesma jovem que realizou o anterior para passar um dia em sua casa. Na ocasião, pude acompanhar sua rotina. No decorrer do dia observei cada gesto que ela realizava, cada fala, sem qualquer instrumento para que ela se não sentisse invadida. No início, isso me preocupou bastante, mas, no decorrer das horas, percebi que ela me via para além da pesquisadora, estávamos nos tornando amigas. Penso que se tivesse dado atenção somente aos registros, ela não teria buscado uma aproximação maior do que já existia. Recordo que ficamos na cozinha após o almoço para limpá-la. Em seguida, acessamos a internet juntas e logo depois do seu descanso, ela me chamou para sentarmos no chão da sala de sua casa para que ela mostrasse as várias fotos que tinha desde a sua infância.

Nesse caso, a minha postura é enquadrada, por Angrosino (2009), como aquela em que o/a pesquisador/a, que participa como observador/a está mais completamente integrado/a à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas; ele/a é igualmente um/a amigo/a e um/a pesquisador/a neutro/a. No entanto, suas atividades ainda são reconhecidas em alguns momentos.

Esse reconhecimento sempre acontecia quando precisava tirar meu diário de campo da bolsa, registrar algo na máquina fotográfica ou compartilhar alguns momentos da pesquisa com D. Suzete. Para mim, era uma forma que encontrava de fazê-la perceber que estava participando da pesquisa comigo.

No final do dia, ao retornar da casa da jovem para dormir na casa de D. Suzete, porque tinha marcado uma entrevista no dia seguinte com outro jovem que morava próximo, circulei pelo assentamento para realizar observações sobre o cotidiano das pessoas. Visitei a casa de dois assentados e, em uma delas, encontrei um dos jovens que participava da pesquisa. Ele estava com os primos. Ao me aproximar, ele sorriu e começamos a conversar. Quando perguntei o que faziam, responderam que estavam jogando no celular e passando mensagem de texto para os colegas.

Quando cheguei à casa de D. Suzete, recorri ao diário para registrar esses acontecimentos. Mas, não pude escrever muito, tendo em vista que o horário de repouso deles é bem diferente do meu. Geralmente, dormem por volta das 22 h e eu, por estar lá, precisava respeitar o modo de vida deles e me adaptar. No início foi estranho, no entanto, fui me acostumando. Só com o decorrer dos dias, rompi um pouco esses horários ficando até mais tarde na cozinha ou no quarto escrevendo.

No dia seguinte, novamente fui ao meu diário registrar outros momentos observados, como esse:

Às sete de manhã, do dia seguinte, pego meu caderno e vou até o terreiro. Neste momento tento reconstituir todas as reflexões realizadas a partir dos momentos que vivenciei um pouco o cotidiano dessas pessoas. Acordar com o canto dos pássaros, o berrar dos carneiros, o barulho dos porcos, o cocoricó das galinhas e respirar esse ar puro, Nada me parece familiar, embora me agrade bastante. Olho muitas pessoas passando de moto, de carroça, de bicicleta, de carro, de pau de arara rumo a Santana. Sou interrompida por D. Suzete que me pergunta quando vou retornar. Dei um abraço carinhoso nela e disse que não tinha data, mas que ligaria. Aproveitei para agradecer-lhe. No retorno, continuei contemplando muitas belezas existentes neste lugar. (Trecho do diário de campo, 07/07/2011).

Bogdan e Blikem (1994) acentuam a importância dessas notas realizadas no diário de campo e explica. A cada observação, entrevista ou qualquer outra sessão de investigação, é claro que o/a investigador/a escreverá o que aconteceu. Essas notas de campo fornecem uma descrição das pessoas, dos objetos, dos lugares, dos acontecimentos, das atividades e das conversas. Em adição e como parte dessas notas, poderão ser registradas ideias, estratégias, reflexões e palpites.

O diário de campo é um dos instrumentos importantes para quem deseja adentrar os caminhos do cotidiano. A necessidade de registrar quase tudo o que o olho do observador vê no cotidiano, torna-se quase uma obsessão, uma ânsia estimulada pela pergunta, pelas inúmeras perguntas, dúvidas e incertezas que surgem a partir da própria descrição e leitura do descrito. (STECANELA, 2008).

Seguindo a lógica da autora supracitada, conduzi-me a observar, a descobrir, a entender, a revelar e a descrever o cotidiano desses sujeitos partindo da “[...] rotina de trabalho diário [...] o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social; a existência de fortes laços de amizade; as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas [...]” (MALINOWSKI, 1997, p.31). Essas observações, devidamente registradas no diário, foram acompanhadas sempre de olhares e escutas que tentavam perceber nessa realidade “o que nela se passa mesmo quando nada se passa”. (PAIS, 2003a, p. 33). Nas observações, fui percebendo que caminhava em uma passarela que mostrava até nas atitudes (repetitivas e vistas como algo inerte, superficial) enigmas que mereciam ser decifrados, ao perceber como “o cotidiano está impregnado de enigmas à espera de decifração.” (STECANELA, 2008, p. 38). Por fim passei a compreender que o objeto de estudo estava para além de um simples recorte da realidade geográfica.

Entender esse cotidiano para além de um recorte geográfico aconteceu, principalmente, quando passei a discorrer, a refletir diariamente no diário de campo sobre o modo de vida dessas pessoas que, no início, só conseguia associá-lo ao seu lugar de origem. Com o decorrer da caminhada, estabeleci conexões com elementos que se agregam ao cotidiano de quem mora no campo, como os meios de comunicação e as idas à sede para frequentar a escola, o centro da cidade ou mesmo para trabalhar.

De acordo com Minayo (1994), o/a observador/a, enquanto parte do contexto da observação, estabelece uma relação face a face com os/as observados/as. Mas, a importância dessa técnica reside, principalmente, no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

O diário de campo, inerente à observação, é um dos instrumentos importante para utilizar na pesquisa qualitativa, principalmente pelas de cunho etnográfico, pois exigem do/a pesquisador/a uma descrição de tudo que ele vê e

ouve durante a pesquisa, embora o gravador e a filmadora atualmente assumam essa função. No entanto, é importante ressaltar que o uso do gravador requer primeiro uma relação mais próxima para não criar inibição e suspeita de sua utilização. No meu caso, em particular, precisei de um tempo para iniciar as gravações, percebia que eles/as precisavam criar laços de confiança comigo para compartilhar seus modos de viver.

Na busca desse compartilhamento, precisei utilizar entrevista e apreender do grupo de discussão maneiras de capturar as vozes dos/as jovens investigados/as. A seguir discutirei as contribuições desse instrumento, desse método para garimpar as vozes dos/as jovens investigados/as.

2.4. Interações individuais e coletivas no processo investigativo: maneiras de garimpar as falas dos/as jovens.

Geralmente, quando se inicia uma pesquisa de campo, é comum pensar os instrumentos e métodos que serão companheiros nessa viagem. No caso da juventude, eu diria que isso não é tão previsível, tendo em vista que os/as próprios/as jovens revelam para o/a pesquisador maneiras adequadas para atuar juntos a eles/as. Mas, o mais valioso dessa revelação é a provocação que esses sujeitos realizam no/a pesquisador para que ele/a busque formas inovadoras de se fazer pesquisa.

Nessa perspectiva, busquei, entre o silêncio e a interação, criar estratégias para capturar as vozes e os comportamentos dos/as jovens investigados/as. Inicialmente realizei uma “observação dissimulada”²⁰ para perceber como e por onde se moviam. Posteriormente, passei a construir diálogos usando as novas tecnologias, que me permitiram criar condições de aproximação. Essas conversas aconteciam ora pelo celular na troca de mensagens de texto, ora pelas redes sociais através do acesso à internet, pelo aparelho celular ou pelo computador. Compreendia que isso funcionaria como uma forma de construir uma relação mais íntima com os/as jovens para o momento das entrevistas e os trabalhos em grupo, embora considerasse essas interações nos ambientes virtuais

²⁰ Segundo Pais (2003) esse tipo de observação permite observar os jovens sem que estes se sintam observados.

também como um jeito de apreender dados investigativos e não somente um preparo para estes momentos futuros.

E realmente funcionou. Nas entrevistas individuais conseguimos nos relacionar muito bem, apesar deles/as apresentarem inicialmente timidez quando estava na frente do gravador. Só com o decorrer da nossa conversa, esse comportamento se modificou. Claro que dos/as oito jovens entrevistados/as, alguns/as demonstraram estranhamento quando partíamos para um diálogo mais íntimo, já que se tratava de seus modos de vida. No entanto, quando me colocava no diálogo, compartilhando um pouco o meu cotidiano e a minha história de vida, com o cuidado de não influenciar as suas respostas, a conversa passava a fluir melhor.

A ideia de compartilhar com os/as jovens um pouco do meu cotidiano, nessa ocasião, foi pensada sob a seguinte situação vivenciada por Sales (2005, p. 76): “Em uma das entrevistas individuais, ao pedir que um jovem falasse sobre seu cotidiano, ele colocou que antes de responder gostaria também de obter informações sobre a vida da pesquisadora.” Na concepção da autora, “essa atitude demonstra como o pesquisador é constantemente avaliado, observado e, de certa forma, torna-se também um informante” (p. 76). Para ela “significa também que o pesquisador deve assumir uma postura aberta e flexível diante das manifestações dos pesquisados, pois sua imersão no campo requer uma interação, embora seja sempre vista como estranha”. (p. 76).

Para além dessa postura, no momento das nossas conversas, tive o cuidado de entrevistá-los/as em um local onde eles/as pudessem se colocar sem a interferência de outros sujeitos, fator esse percebido nas primeiras entrevistas. Certa vez, ao entrevistar uma jovem, fomos interrompidas quando sua mãe se aproximou. Percebi que a conversa não decorreu da mesma maneira. Dei outro rumo ao nosso diálogo e marcamos outra data para darmos continuidade.

Nesse mesmo dia, ao sair do assentamento, imaginei outro local onde essas entrevistas individuais pudessem ocorrer sem que houvesse qualquer interferência de terceiros. Quando voltei ao assentamento, fui à Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Lourenço José de Lira, localizada na comunidade de Águas Belas, para verificar se seria possível realizar os próximos encontros lá. Após o contato com a gestora da instituição, passei a ocupar uma sala na escola para realizar as entrevistas individuais e os encontros grupais.

Mas as entrevistas, misturadas às conversas informais, não foram realizadas somente neste espaço físico. Elas aconteceram na calçada da escola, debaixo de uma árvore, em caminhadas pelo assentamento, na garupa de uma moto, no alpendre das casas. Algumas vezes, entreguei a minha máquina fotográfica para capturar o olhar deles/as sobre o seu lugar.

Segundo Pais (2003), a entrevista, qualquer que seja sua natureza, conduz o pesquisador/a à percepção do entrevistado/a por entre névoas encobridoras do que se pretende entrever. A sua função é chegar ao desconhecido, ao “não visto”, isto é, descobrir, “desocultar” como e em que lugar esses produtos linguísticos são gerados.

Esse traçado metodológico que utiliza os encontros individuais e grupais contribuiu bastante para a descoberta e o entendimento da maneira como eles construíam suas falas, a partir do local em que estão fincadas suas raízes e de que modo eles apreendiam elementos vindos de fora. Compreendi que, sair de um espaço físico preparado para a pesquisa e deixar que eles conduzissem um pouco o processo, sugerindo junto a mim locais para serem entrevistados, fugiria dos modelos rígidos de se realizar uma pesquisa de campo, assim como Machado Pais e outros pesquisadores fazem ao desenvolver pesquisas com a juventude.

Pais (2003), em suas peregrinações etnográficas, adotou duas estratégias na realização de seu trabalho de campo, uma que ele chamou de “estratégia formal”, em que adotava uma postura de investigador organizado e metódico, gravador debaixo de um braço, guião de entrevistas noutro, sempre preocupado em pôr à prova determinadas hipóteses de partida e outra que ele denominou de “estratégia etnográfica”, na qual fazia um esforço deliberado para não se deixar afetar por hipóteses de partida e interrogações de natureza problemática que tinham estado na origem de sua investigação. Ele se comportava como um mero curioso desinteressado, ou melhor, apenas interessado em descobrir, na medida do possível, as bússolas que norteavam o seu objeto de estudo.

Para Pais (2003), essas duas estratégias foram utilizadas separadamente, cada uma em seu tempo. Em determinados dias, ele decidia ir para o trabalho de campo sem gravador, sem guiões, sem preocupações teóricas de qualquer espécie; o intuito dele era conversar ou estar com os/as seus/as jovens, com a sua mais ingênua ignorância. Para o autor, entrar no campo, descomprometidamente, foi muito melhor para entender a linguagem nativa dos/as

jovens que, de modo algum, se valem da nossa mesma gramática e dos mesmos efeitos semânticos.

Ao exemplificar esse momento, ele narra que, na ocasião das entrevistas, muitos/as jovens diziam que durante os seus tempos livres não faziam “népia”, isto é não “faziam nada”. Nesse caso, ele só percebeu o verdadeiro significado deste “não fazer nada” quando começou também a “não fazer nada”, ou seja, ao transitar por estas duas estratégias, o/a pesquisador/a deve constantemente fazer uma *feedback* dos dados encontrados por essas duas formas de se fazer pesquisa, uma vez que elas, cada uma em sua particularidade, oferecem uma melhor forma de olhar, capturar e decifrar o objeto de estudo. Tudo vai depender da maneira como o/a pesquisador/a conduzirá seu processo investigativo.

As entrevistas quando ocorrem nas pesquisas de caráter etnográfico devem surgir espontânea e surpreendentemente, a partir de uma série de conversas cordiais nas quais o/a pesquisador/a lentamente introduz novos elementos sem parecer um interrogatório formal. A estrutura local e temporal apresenta-se menos claramente delimitada do que em outras situações de entrevistas nas quais tempo e lugar são organizados exclusivamente. Por esse motivo, procurei diversificar os locais em que realizaria as entrevistas para não parecer algo formal. (FLICK, 2009).

Para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista pode ser a estratégia dominante para a coleta de dados ou pode ser utilizada em conjunto com a observação, a análise de documentos e outras técnicas. Em todas as situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Essa interpretação deve partir não apenas dos discursos construídos sobre uma realidade, mas do universo de significados tecidos dessa realidade, isto é, a forma como os sujeitos investigados descrevem seu modo de vida, partindo da realidade em que vivem ou almejam viver. Essa “busca de sentido das falas cotidianas é, pois, uma busca dos seus significados mais profundos, feita através da transfiguração de palavras, fazendo nelas aparecer o seu sentido profundo”. (PAIS, 2003, p. 103). Esse é grande desafio do/a pesquisador/a.

No meu caso, senti-me desafiada muitas vezes por perceber que meu olhar estava cercado de muita paixão e, por esse motivo, tornou-se ingênuo algumas vezes, afinal, naquele momento para além da pesquisadora, existia alguém que era

apaixonada por coisas novas, mas que ao mesmo tempo compreendia o compromisso selado no processo investigativo:

decifrar os significados mais profundos das vozes juvenis que ecoariam nos momentos em que fosse a busca delas, sendo, sobretudo, tradutor dos sentidos das linguagens e percepções produzidas numa determinada realidade”. (STECANELA, 2008, p. 41).

Desempenhar o papel de tradutor das falas e dos comportamentos produzidos em uma determinada realidade não é uma tarefa fácil, “uma vez que as narrativas dos jovens são carregadas de conhecimentos e de informações sobre o modo de reproduzirem ou modificarem as normas socialmente construídas.” (Id, 2008, p. 41). Por isso mesmo, é um caminho desafiador, que não pode ser trilhado sem conflitos, sem incertezas, sem a decisão do que deve ou não ser considerado no momento da significação dessas falas e desses comportamentos, que emitem vários significados a quem consegue ter a sensibilidade de olhá-los sobre vários ângulos.

Esse olhar sobre os/as jovens não se deteve somente na ocasião das observações e das entrevistas, estendeu-se durante as interações coletivas cujo objetivo era verificar se havia o encontro das narrativas construídas nas entrevistas individuais e das produzidas quando estavam reunidos em grupo. Também era minha intenção explorar outras concepções das categorias de análise para além daquelas que surgiram na ocasião das entrevistas.

Ao planejar as atividades em grupo, desenvolvidas em dois momentos, utilizei o grupo de discussão, por possibilitar o mergulho nas visões de mundo dos/as jovens e na forma como os estilos culturais globalizados são apropriados e ressignificados, ou seja, o/a pesquisador/a passa a ter um instrumento para coleta de dados que explora opiniões coletivas e não apenas individuais a partir do meio social em que vivem. (WELLER, 2006).

Na verdade, queria transitar por este método para reconstruir minha trajetória na fase de produção dos dados e tê-lo como suporte teórico-metodológico. Meu intuito era criar “um jeito novo de caminhar” (DAMASCENO, 2005, p. 15) sem me deter a um modelo específico, só apreenderia estratégias para desenvolver modos de atuar com os/as jovens quando me reunisse com todos eles em grupo. E assim fiz.

Para isso, percorri um caminho para compreender este método. O grupo de discussão passou a ser utilizado na pesquisa social empírica pelos integrantes da Escola de Frankfurt, a partir dos anos 50, no século passado. Especificamente, em um estudo, realizado entre 1950 e 51, coordenado por Frederick Pollok, no qual foram realizados grupos de discussão com 1.800 pessoas de diferentes classes sociais. Porém, foi somente no final da década de 1970 que esse procedimento recebeu um tratamento ou um pano de fundo teórico-metodológico – ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia, caracterizando-se, dessa forma, como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões. (WELLER, 2006).

Para, além disso, o grupo de discussão, como método de pesquisa, é utilizado a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas de juventude. Estudos clássicos da sociologia da juventude definem o grupo de discussão como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. É, sobretudo, no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências de vivência no meio social, de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações. (Id, 2006).

As discussões em grupo são utilizadas por várias razões. Pollock (1995, *apud* Flick, 2009) as prefere às entrevistas individuais, porque o estudo das atitudes, das opiniões e das práticas dos seres humanos em isolamento artificial dos contextos nos quais ocorrem deve ser evitado. Para o autor, o ponto de partida aqui é o fato de que as opiniões apresentadas ao/à entrevistadora, em entrevistas e em levantamentos, estão desvinculadas das formas cotidianas de comunicação e de relações.

Weller (2006, p. 252) destaca a importância deste método quando expõe:

A utilização de grupos de discussão como método em que os jovens conduzem a entrevista e o entrevistador busca intervir o mínimo possível, assim como o princípio da análise comparativa constante são possibilidades que permitem uma inserção do pesquisador no universo dos sujeitos e que, de certa forma, reduzem os riscos de interpretações equivocadas. O mesmo rigor deve ser mantido na escolha dos enfoques teórico-metodológicos que orientarão o trabalho de análise dos dados.

Munida desses conhecimentos, marquei o primeiro encontro com os/as jovens através de mensagens de texto enviados para o celular de cada um. Dos/as oito jovens participantes, seis confirmaram sua presença. Procurei chegar uma hora

antes para ajeitar o espaço físico. Coloquei as revistas, as caixas de lápis de cor, as tesouras, as cartolinas no centro da sala e posicionei as cadeiras em formato de círculo. Esperei-os na entrada da sala. Quando todos chegaram, sentamos. Alguns/as deles/as ao ver o material conversavam paralelamente. A expressão em seus rostos apresentava curiosidade e/ou timidez. Escutei quando uma das jovens questionou outra: O que vamos fazer aqui hoje, mulher? Ao perceber que eles/as estavam mais à vontade, decidi explicar o motivo do convite. Esclareci que, naquele momento, era importante que eles/as contribuíssem no sentido de construir elementos importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa de campo.

Para essa construção, pedi que cada um/a pegasse uma cartolina e nela criasse um personagem, por meio de uma imagem capturada das revistas ou da criação de um desenho. Após a existência desse personagem, eles/as teriam que apontar: O que esse personagem tem? Do que ele gosta? E o que ele faz em seu cotidiano? Todos sentaram no chão da sala e eu apenas observei. Ao final, combinamos que cada um apresentaria seu personagem para que eu pudesse, com isso, tecer discussões sobre as categorias trabalhadas na pesquisa: juventude rural, cotidiano e novas tecnologias. É preciso considerar que cada personagem criado poderia ser baseado no próprio modo de vida deles/as ou de alguém que faz parte desse cotidiano. Poderiam também surgir nessa criação, os seus desejos de possuir e/ou de usufruir de algo material a que ainda não tivessem acesso, no caso das novas tecnologias ou sinalizar maneiras de vivenciar o cotidiano em um assentamento rural.

Como pode ser visto nas fotografias a seguir, houve envolvimento de todos no desenvolvimento da atividade.

Figura 12 - Trabalho em grupo com os/as jovens de Alvação Goiabeiras (I)



Fonte: Fotografia da autora (2012).

Figura 13 - Trabalho em grupo com os/as jovens de Alvação Goiabeiras (II)



Fonte: Fotografia da autora (2012).

Após a exposição dos cartazes com os personagens construídos, percebi que as imagens correspondiam ao cotidiano dos/as jovens do assentamento, quando expuseram o que os personagens faziam: acessar a internet, jogar bola e namorar. Quanto ao que o personagem tem e do que gosta, a maior parte das imagens mostrava que possuía computador, celular e máquina digital. Ao revelarem

do que o personagem gosta, foi mencionado o acesso à internet, o uso do celular e da máquina digital, a ida à missa e às festas. Na ocasião, procurei provocar discussões sobre o modo de vida deles, o entendimento e a importância que eles atribuem às novas tecnologias como parte do seu cotidiano.

Quando terminei esse trabalho de grupo, decidi conversar com os/as jovens individualmente sobre a criação de seus personagens, no que eles/as teriam se baseado para construí-lo. Como forma de descobrir as afinidades que eles/as teriam com os personagens ilustrados em seus cartazes, solicitei que cada um utilizasse os lápis de cor verde e azul para destacar o que indiquei. Com verde, circulariam as imagens que representam do que o personagem gosta, o que faz e tem em comum com eles. Nessa hora, eles/as desvelaram como aconteciam seus modos de vida a partir desses três elementos. Já com a cor azul, eles circulariam apenas o que o personagem tem e que eles não têm, mas que desejariam ter, o que ele faz que eles não fazem, mas que eles gostariam de fazer e do que ele gosta que eles também gostam, mas não tem oportunidade de usufruir.

Nesse momento, consegui encontrar um leque de possibilidades que anunciava o desejo de agregar ao seu cotidiano o uso, mais corriqueiro, das novas tecnologias, destacando-se principalmente o acesso à internet.

Essa forma de caminhar foi baseada também em Damasceno (2005) quando passei a descobrir a necessidade e a importância dos procedimentos projetivos de pesquisa, ou seja, técnicas de captação de informações que atuam de forma reflexiva, de modo que os sujeitos se projetem como num espelho e revelem os significados de fatos e situações que, via de regra, são ocultados quando se usam outras técnicas, como observação, entrevista, etc.

Ainda nessa perspectiva, de ver aflorar nos/as jovens o que se oculta nas observações e nas entrevistas, marquei um segundo encontro. Estabelecemos, novamente, contato através de mensagens de texto enviadas por meio do celular e também contei com a ajuda de uma das jovens para realizar tal mobilização.

Ao expor a dinâmica daquela tarde, dividi os/as jovens em dois grupos de três e pedi que escrevessem ou demonstrassem por meio de imagens, em uma folha de papel madeira, suas concepções sobre as categorias desenvolvidas nesse trabalho. Enquanto isso, fiquei a observá-los. O grupo que ficou com a categoria “modos de vida” foi instruído a expor suas compreensões sobre o modo de vida

dos/as jovens de Alvaçan Goiabeiras. Já ao grupo encarregado da categoria “novas tecnologias” foi solicitado que tecesse suas concepções sobre esse termo.

O primeiro grupo, que tratava dos modos de vida, conversava bastante entre si. Percebi a preocupação dos integrantes em ser fiéis nas informações. Algumas vezes, fui solicitada para ver o que estavam fazendo. Quando me pediam opinião, olhava, estimulava-lhes a criatividade, mas não apresentava nenhuma ideia. Já o outro grupo estava bem descontraído, conversava entre si, sorria, escutava música pelo celular. No momento da filmagem e das fotos, uma das jovens, em um tom de brincadeira, disse: “Olha aí o big brother²¹!” Vale destacar que, na época da pesquisa, o *reality show* era exibido e, vez ou outra, ele era colocado em pauta.

No momento da exposição dos cartazes, solicitei que um dos grupos apresentasse seu trabalho e, em seguida, que o outro grupo apontasse suas opiniões e acrescentasse outras informações. O primeiro cartaz, que abordava o modo de vida dos jovens de Alvaçan Goiabeiras, expôs a maneira como os jovens vivenciam seus cotidianos no assentamento. O outro grupo, ao observar o cartaz, acrescentou outros modos de vida e, nessa tessitura, apontaram o que eles desejavam ter no assentamento para melhorar a dinâmica de seus cotidianos, como uma *lan house*, uma quadra de esportes e uma praça.

O outro grupo, que desenvolveu a temática “novas tecnologias”, utilizou várias imagens para representá-la e, no final do cartaz, escreveu um pequeno texto que traduzia o significado da categoria para o grupo. Ao final da apresentação, o grupo que apenas ouvia e observava a exposição dos colegas, apontou várias concepções sobre o assunto e, ao finalizar, percebi o interesse que demonstravam sobre o tema. A discussão se alongou bastante.

Seguem as imagens desses momentos:

²¹ *Big Brother* é um popular *Reality Show* no qual, durante cerca de três meses, um grupo de pessoas (geralmente menos de 15) fica confinado sem contato com o mundo exterior. Dentro da casa onde os participantes ficam confinados não se pode acessar internet, canais de televisão nem estações de rádio por exemplo. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_\(reality_show\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_(reality_show)). Acesso em: 02 de maio de 2012.

Figura 14 – Grupo que representou os modos de vida dos/as jovens de Alvaçon Goiabeiras



Fonte: Fotografia da autora (2012).

Figura 15 – Grupo que representou as “Novas Tecnologias”



Fonte: Fotografia da autora (2012).

Como realcei no início deste texto, para capturar as vozes dos/as jovens é preciso transitar no trabalho de campo por formas individuais e coletivas. É se sentir muitas vezes “na pele de camaleão” (PAIS, 2003, p. 93) para ser mais acessível a eles. É tornar o trabalho de campo uma viagem prazerosa que é, na maioria das vezes, “repleta de dificuldades e atrativos”. (DAMASCENO, 2005, p. 09).

No próximo capítulo, continuarei relatando a viagem realizada pelo trabalho de campo. Nele, descreverei as peregrinações geográficas realizadas para

procurar compreender melhor o cotidiano dos sujeitos que vivem no assentamento, apresentarei o contexto histórico a partir da coleção de vozes capturadas nessa trajetória e por último, revelarei, através do cotidiano e das falas dos/as jovens, os seus modos de vida.

3. TECENDO OS MODOS DE VIDA DOS/AS JOVENS DE ALVAÇAN GOIABEIRAS: A GEOGRAFIA, A HISTÓRIA E O COTIDIANO DO ASSENTAMENTO

A tessitura deste capítulo deseja apresentar a infraestrutura e as atividades desenvolvidas nesse assentamento rural e destacar como esta caminhada foi importante para compreender os modos de vida nesse lugar. Nesta mesma rota, fui convidada pelas lideranças de Alvaçan Goiabeiras a mergulhar nas lembranças que teceram diferentes fios da história da conquista dessa terra. Nesses momentos, busquei conectar o passado e o presente para compreender as mudanças ocorridas no modo de vida dos/as moradores após a conquista da terra, apresentar o interesse dos/as jovens sobre esse contexto histórico e perceber se isso reflete nos seus modos de vida.

Ao transitar pelas narrativas e pelas observações, busquei revelar como os modos de vida dos/as jovens deste assentamento eram tecidos através das práticas cotidianas e como elas poderão ser relevantes para a tessitura de seus modos de vida no campo.

3.1. Peregrinações pela geografia e pelas atividades do assentamento

Apresentar um lugar, um espaço é como experimentar ser narrador de histórias, é como pintar um quadro a partir da realidade vista, é como capturar imagens em uma máquina fotográfica. Assim como Pais (2003), senti-me, nas primeiras incursões no campo, como um fotógrafo amador que acabou de comprar uma máquina fotográfica profissional sem saber muito como manejá-la. Temi, muitas vezes, que as fotografias da realidade que pretendia revelar saíssem tremidas, desfocadas ou distorcidas.

Para que estas imagens fossem mais fiéis à realidade, busquei, através de um olhar de perto e de dentro, reconstruí-la partindo da riqueza de detalhes apreendidos no decorrer desta pesquisa. Acreditava que nessas andanças seria interessante dar uma importante atenção à infraestrutura do assentamento bem como às atividades nele desenvolvidas para que os modos de vida dos seus moradores, em especial dos/as jovens, fossem se revelando.

As revelações obtidas tanto da caracterização geográfica do assentamento como das atividades realizadas no cotidiano desses sujeitos iniciaram-se na primeira visita que fiz a D. Suzete e nas consultas realizadas ao PDA/PRA.

Sob o ponto de vista geográfico, este imóvel possui 2.128,2 ha e 20.589 de perímetro. Fica distante 5 km da sede do município, 42 km da cidade de Sobral e 245 km da capital cearense. Nele residem, atualmente, 71 famílias assentadas e 72 agregadas divididas em nove comunidades²²: Oriente, Águas Belas, Goiabeiras, Córrego das Almas, Floresta, Serrote Chato, Dois Irmãos, Alvaçan e São Luís, totalizando 672 pessoas²³ como mostra a tabela a seguir:

Tabela 01- População do assentamento por sexo e idade

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
0 a 04	26	25	51
05 a 09	24	24	48
10 a 19	76	72	148
20 a 49	163	138	301
50 a 60	58	66	124
			672

Fonte: SIAB, 2012

Os dados elaborados pela Secretaria de Saúde do Município correspondem apenas a oito comunidades, pois Oriente realiza o seu censo junto ao Pedregal, um bairro de Santana do Acaraú. Em todo o percurso da pesquisa, tentei capturá-los em outras fontes estatísticas como o IBGE, mas recebi como resposta das duas instituições que não teria condições de separá-los por área. No caso do IBGE, a justificativa se pautou na homogeneidade desses dados, que comportam toda a zona rural do município sem a discriminação das áreas de assentamento como imaginei. Segundo o responsável pela Supervisão de Bases Territoriais do IBGE,

O assentamento Alvaçan Goiabeiras está inserido em dois setores censitários: 231200705000009 e 231200705000015, com respectivamente 92 e 671 habitantes. O setor 15 engloba outras comunidades, ou seja, o quantitativo divulgado não permite inferir nesse setor especificamente o que se relaciona ao assentamento em questão.

²² Segundo plano do INCRA, as diversas subáreas do assentamento são denominadas localidades. Já os assentados denominam como comunidade. Irei utilizar a denominação dos assentados.

²³ Dados do Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB), 2012.

Já os dados do SIAB não puderam ser separados, porque Oriente é considerado parte da sede e não da zona rural, como os moradores compreendem.

Ao encontro desses dados quantitativos que entendo ser complemento dos qualitativos, destaco a fala de D. Suzete quando ela se refere ao incômodo provocado por essa proximidade do assentamento com a cidade.

Alvaçan Goiabeiras é um assentamento diferente dos outros porque assim é muito próximo a cidade só gera problema, o açude fica do lado do Pedregal e do outro lado da Veneza, ai fica o pessoal da Veneza invadindo do lado o pessoal do Pedregal do outro, ninguém pode controlar a água, o pessoal da cidade tem uma cabeça muito assim ruim este assentamento é o mais antigo e o mais próximo a cidade. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Durante a caminhada desta pesquisa, pouco a pouco percebi que a luta pela terra manifesta em alguns assentados adultos um sentimento de posse, de controle tanto da terra como da preservação da cultura do campo, o que não aconteceu com a maioria dos/as jovens entrevistados/as. Nas conversas que tivemos o sentimento de pertencimento à terra se revelou com uma intensidade bem menor, muitos nem conheciam o histórico de desapropriação da terra. Enquanto os adultos se sentem incomodados com o estreitamento de laços com a cidade e veem isso como um “problema”, alguns/mas jovens desejam essa proximidade, porque consideram que não têm como reverter as transformações sociais decorrentes do processo de globalização instalado nas ultimas décadas e pelos serviços ofertados pela cidade.

Sobre o entendimento de assentamento rural, trago a exposição de Sales (2006, p. 89):

O assentamento, além de ser um espaço físico constituído a partir de um projeto administrativo, é também, e, sobretudo, o resultado de lutas dos trabalhadores pela posse da terra. Um projeto de assentamento se concretiza formalmente através do decreto de desapropriação, mas a maioria deles tem toda uma dinâmica que antecede esse ato legal; é um processo de luta, convivência, sociabilidade, experimentado nas ocupações de terra.

Esse processo de luta, de sociabilidade e de convivência foi mencionado em diversos momentos nas vozes dos assentados, principalmente, daqueles que estiveram à frente da luta pela terra, que ora aconteciam nas conversas informais, ora nas entrevistas. Embora eles já morassem na terra, hoje transformada em um assentamento rural federal, houve toda uma articulação das famílias para apresentar

esta terra ao INCRA e desapropriá-la, concretizando um projeto de Reforma Agrária²⁴.

Em Alvação Goiabeiras, deparei-me com pontos da estrada central onde o solo é bastante arenoso, com alguns morros e ruas estreitas, dificultando inclusive o acesso de motos e bicicletas. Em vários locais do assentamento, veem-se muitos cajueiros, trazendo beleza para essa extensão de terra e para os olhos daqueles que a visitam. A vegetação primitiva do imóvel rural,

[...] é do tipo caatinga hiperxerófila, com uma vasta área ocupada por carnaubeiras. Possui um clima semi-árido de curta duração de chuvas, com as seguintes formas de relevo: plano (425, 65 ha), suave ondulado (1.276,95) e ondulado (425,65), com relevo levemente ondulado. Normalmente os agricultores denominam os solos de terra de croa, arisco e barro (PDA/PRA, 2005).

As características do solo, quanto ao potencial agrícola, podem ser distribuídas em quatro classes: primeiro, a terceira classe, própria a qualquer uso agrícola, ocupa 744,88 hectares da terra (35% da área); segunda, a quarta classe, sem limitações quanto à fertilidade e à drenagem, equivale a 723,61 ha (34% da área); terceira, a sexta classe corresponde a 468,22 ha (22% da propriedade) e é usada na exploração extrativa da carnaúba e na pecuária extensiva de animais de grande e médio porte; por fim, a oitava classe corresponde a 191,54 ha (9% do imóvel), é composta por terras impróprias para qualquer tipo de cultura, inclusive o cultivo de florestas comerciais ou para a produção de qualquer outra forma de vegetação permanente de valor econômico. (PDA/PRA, 2005).

Sobre o abastecimento de água, há três poços profundos. Dois, um na comunidade de Águas Belas e o outro na comunidade de Córrego das Almas, funcionam bem e abastecem mais de 60 famílias. O terceiro poço possui água salobra²⁵, embora beneficie mais de 30 famílias para o consumo da casa. Vale ressaltar ainda que 99% das famílias possuem cisterna de placa. Em breve os

²⁴ Ela é sempre o resultado de pressões sociais contrárias e, ao mesmo tempo, é limitada por essas mesmas pressões. Suas conseqüências e seu alcance, tanto do ponto de vista social como econômico dependem intrinsecamente da evolução das relações de força entre os camponeses, os assalariados agrícolas, os operários, as chamadas “camadas médias”, a burguesia e os grandes proprietários fundiários. Desde o final da II Guerra Mundial a reforma agrária passou a ser um dos elementos essenciais das estratégias de desenvolvimento econômico. (VEIGA, 1984).

²⁵ Na concepção dos moradores do assentamento, água salobra é uma água de sabor ruim. Por causa da alta salinidade, não dá para se beber, só para tomar banho, lavar roupa, louça, limpar a casa e aguar o terreno.

moradores desse imóvel receberão água encanada do Governo do Estado do Ceará através do Projeto São José²⁶.

Quanto à produção agrícola, esta se desenvolve a partir do seguinte calendário: no inverno, há plantações e colheitas de feijão, milho e roça (mandioca); no verão, há colheita de castanhas de caju e realização de farinhadas em três casas de farinha – uma na comunidade de Aguas Belas, outra na Floresta e por fim, uma na comunidade de Alvaçan. As duas primeiras funcionam a motor, a última ainda possui estrutura manual e, de acordo com os moradores, é pouco frequentada. Na apicultura, há vinte mulheres “que colhem doçura”, responsáveis pela produção e venda do mel. Há criação de animais como galinhas, vacas e ovelhas. As famílias consomem feijão, ovos, farinha, leite e verduras, produzidos no próprio assentamento. Já o restante dos gêneros alimentícios é comprado na sede.

Um dos sonhos de D. Suzete é “ter um mercantil no assentamento para gerar renda, sem precisar se deslocar para a cidade para comprar, dar lucro aqui ao invés de lá”. Percebe-se, na visão dessa assentada, que o espaço rural não é dedicado somente a atividades agrícolas, outros equipamentos comuns na cidade são desejados em seus cotidianos, como um supermercado para que o dinheiro dos assentados possa circular no próprio assentamento e não na cidade como geralmente acontece.

Segundo Wanderley (2000) o rural, compreendido como território à luz da relação campo/cidade, não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma em virtude das profundas mudanças resultantes dos processos sociais mais globais - a urbanização, a industrialização, a modernização da agricultura.

Ainda sobre a categoria rural/urbana, trago Silva (1997a) quando ele justifica que o rural hoje é um *continuum* do urbano por apresentar feições

²⁶ O Projeto São José foi criado em 1995, para melhorar as condições de vida de famílias carentes da zona rural do Estado do Ceará, elevar a qualidade de vida e aumentar a geração de emprego e renda da população beneficiada. Os principais projetos desenvolvidos através do São José são ações de eletrificação rural; sistemas comunitários de abastecimento de água; mecanização agrícola; habitação rural em áreas de assentamento; e projetos produtivos (ação piloto em elaboração). Todas essas ações são coordenadas pela SDLR e contam com parceria de dez Secretarias de Estado e suas Entidades Representativas, destacando-se entre elas a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ematerce), Superintendência de Obras Hidráulicas (Sohidra), e Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará (Cagece). Informações disponíveis em: <http://www25.ceara.gov.br/noticias/noticias_detalhes.asp?nCodigoNoticia=13029>. Acesso em: 05 abr. 2012.

urbanizadas, principalmente, pelo processo de industrialização da agricultura e pelo transbordamento do mundo urbano no espaço que, tradicionalmente, era tido como rural.

A teoria do *continuum* pontuada pelo autor supracitado tem raízes relativamente velhas como Kayser (1990, p. 6) explica:

Essa teoria dominou as orientações da UNESCO em antropologia. Mas ultimamente, foi manifestada, para o Conselho de Europa, por G. Musgo da seguinte maneira: <<o termo rural e urbano designam modos de uso da terra e são definidos por eles; eles são aplicados, então, a terra e ao homem. Junto, eles constituem o que a gente considera agora como um sistema contínuo, ou *continuum rural-urban*, no qual não há distinção clara entre o rural e o urbano, e que comporta vários níveis de atividade social e econômica que são mais elevados do ponto de vista urbano e mais fraco do ponto de vista rural.

Até os dias atuais, pesquisadores/as demográficos/as e formuladores/as de política e planejamento público se deparam conceitual e metodologicamente com duas grandes abordagens: a de *continuum* e a dicotômica. Na primeira, o espaço rural e a realidade urbana possuem uma aproximação. Na segunda, as duas realidades se opõem.

Historicamente, as características do mundo rural eram entendidas pela relação que os camponeses têm com a terra e o seu cultivo como meio principal de subsistência para satisfazer a maior parte das necessidades de consumo, pelo estilo de vida dos habitantes, pela relação particular com o espaço, marcados fortemente por uma cultura camponesa. Por outro lado, o vínculo com a cidade é constituído, principalmente, por meio das relações que foram estabelecidas através do consumo de bens e serviços, apertando-se com isso os laços entre esses dois espaços.

Esse estreitamento aconteceu, principalmente, pelos “efeitos da Revolução Industrial e do crescente mercado mundial sobre os segmentos camponeses de todo o mundo” (WOLF, 2003, p. 119), modificando tanto as características culturais desse segmento como as relações socioeconômicas, imprimindo ao campo um novo significado, com vista ao que “os camponeses do mundo inteiro se envolveram em relações de mercado muito diferente daquela que predominava antes do advento da cultura industrial”. (Id, 2003, p. 119). Neste sentido, o campo e a cidade não são mais vistos separados um do outro, tais espaços passam a se relacionar.

Entretanto, em algumas regiões de países em desenvolvimento, o transbordamento do urbano para o rural com a industrialização da agricultura e as inovações tecnológicas representadas pelo setor da comunicação e do transporte não se efetivaram. Nesse caso, a conceituação dicotômica ainda prevalece. Desta forma é impossível chegar a uma única definição dessas categorias, já que as diferenças socioespaciais têm suas adequações específicas e estas só podem ser apresentadas e vistas de maneira nítida quando se situa o lugar, considerando que o rural poderá transitar entre o “tradicional” e o “moderno”, dependendo de onde se esteja falando.

Do ponto de vista econômico, segundo os assentados, boa parte das famílias vive em condição econômica muito melhor que há vinte e quatro anos, antes da imissão de posse. Segundo D. Suzete: “a maior parte dos moradores atualmente tem seu transporte, sua moto, sua bicicleta e até seu carro, bem diferente do passado que ninguém possuía nada, a gente vivia em casa de taipa na luz da lamparina”.

Bem diferente do cenário apresentado, após alguns anos de desapropriação da terra. Com o recebimento do crédito, concedido pelo INCRA após a imissão de posse, as casas dos assentados passaram a ser de alvenaria, dividindo-se em três quartos, sala, cozinha e banheiro, alpendre e terreiro²⁷ medindo 20 metros quadrados com plantas na frente e nos fundos, incluindo os cajueiros. É importante destacar que esse panorama se enquadra em um número considerável de casas de agregados, inclusive os irregulares.

Considerando a totalidade de famílias assentadas e agregadas, encontrei apenas doze casas de taipa de agregados, em situação irregular: três casas em Córrego das Almas, duas em Águas Belas, duas na Floresta, três no Barroso e duas na comunidade do Oriente. Apesar de ter contemplado um céu bastante estrelado nas noites em que estive lá pela ausência de luz na estrada, percebi que isso é uma das limitações vivenciadas por essa população, interferindo inclusive na mobilidade dos que ainda não possuem seu meio de transporte, principalmente, dos/as jovens,

²⁷ É a área de terra que fica em frente de uma casa de fazenda ou de sítio. Originária de uma cultura rural, o terreiro é o terreno amplo à volta da casa ou edifício mais rico de uma comunidade, originalmente, o terreno de um senhor feudal, dono das terras, onde são acolhidas as cerimônias religiosas e culturais do povo que trabalha essas terras e constitui, assim, essa comunidade. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Terreiro>>. Acesso em 10 jan. 2012.

que se deslocam durante a semana, exceto aos domingos, para estudar ou até mesmo buscar recursos como acesso à internet na sede.

De todos os moradores do assentamento apresentado, apenas duas famílias de agregados irregulares da comunidade de Águas Belas não possuem energia elétrica em suas residências. Segundo D. Suzete, uma das famílias não possui energia elétrica por conta de uma das moradoras da casa, que justifica: “Eu não quero luz não, Deus me livre, tá bom assim mesmo, tenho medo de levar choque.” A outra família atrasou o pagamento das contas de luz e agora não tem condições de quitá-las, tendo sua energia elétrica cortada. Intui-se que, embora esses sujeitos estejam em uma situação socioeconômica sem tantas restrições como no passado, alguns moradores ainda vivem algumas limitações, sejam elas de caráter econômico ou por não conseguir se enquadrar nos modos de vida que chegam atualmente no campo.

Durante o trabalho de campo, pude perceber, de acordo com a história do lugar, que houve mudanças na infraestrutura e na situação socioeconômica dos assentados. Essas mudanças, na opinião deles, ainda não são suficientes para oferecer uma vida estável, ao apontar a ausência de um posto de saúde, de uma área de lazer para os/as jovens, como é bem destacado a seguir:

Aqui no assentamento deveria ter mais assistência do governo, assim porque muita coisa falta as vezes, assim poderia ter um posto de saúde porque aqui tem um centrozim mais é lá em Alvaçan, daqui pra lá, e não tem médico nem nada, só os a gente de saúde que sai de lá pra vir nas casa. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Quanto à ausência do posto de saúde, a Secretaria de Saúde afirma não ser necessário instalar um Centro de Saúde da Família (CSF) devido a proximidade com a cidade, podendo o atendimento ser na sede mesmo.

No decorrer das entrevistas e das conversas informais, os/as jovens descreveram seus desejos para melhorar a infraestrutura do assentamento. Ao acompanhar o cotidiano deles/as, descobri que Elano, que mencionou a ausência do posto de saúde, tem participação ativa nas atividades ligadas a Associação dos Pequenos Agricultores de Alvaçan Goiabeiras. Também costuma participar das

reuniões mensais do Conselho²⁸ acompanhado de seus pais, das reuniões realizadas pela incubadora²⁹ e das atividades promovidas pelo Projovem, pelo STR.

Certa vez, ao falar de seu cotidiano, Elano, através de mensagens de texto enviadas para o meu celular relatou: “eu fui para o concelho um tipo de reunião onde os líderes de assentamento e o próprio assentamento decidem seus problemas em conjunto com a prefeitura.” (Mensagem de texto recebida em 25 fev. 2012). Em outro momento recebi a seguinte mensagem do mesmo jovem:

eu acabei de vir de uma reunião lá na escola com o professor Chico Guedes da incubadora pra criar uma associação de apicultura, ele disse que era pra gente ajudar as mães pois no futuro a associação vai se dar da gente, acho legal mas eu acho também que nem todo mundo vai querer trabalhar com isso. (Mensagem de texto recebida em 18 abr. 2012).

Muitos diálogos desenvolvidos pelos adultos, durante a pesquisa, demonstravam preocupação com o fato das novas gerações não se engajarem nas atividades do assentamento. Na pesquisa, constatei que tal participação é mínima, Elano confirmou esta falta de interesse. Várias vezes os assentados me disseram:

Quem vai cuidar dessas terras que lutamos tanto pra conseguir? A juventude não se interessa infelizmente, o que vamos fazer, eles não querem trabalhar com a agricultura, não querem cuidar da terra que conquistamos.

Esse distanciamento, essa rejeição à atividade agrícola, às atividades desenvolvidas no assentamento através da associação de moradores pode ser vista como um desafio para entender “os valores e novos anseios dos jovens de residência rural” (CARNEIRO, 2007, p. 53), a partir da comunicação intensa com os valores e comportamentos urbanos que compõem, na vida desses/as jovens, formas de olhar e de conduzir sua vida no assentamento, havendo, com isso, a possibilidade de deixá-los desinteressados das atividades agrícolas e daquelas que requerem da parte deles participação política, o que não quer dizer que todos/as

²⁸ Grande Conselho Comunitário do Município de Santana do Acaraú, denominado popularmente de Conselho. É reconhecido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) como um dos modelos de gestão participativa. (SILVA b, 2009, p. 11).

²⁹ A Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários (IEES) da UVA é um espaço acadêmico que objetiva auxiliar trabalhadores/as urbanos/as e rurais que buscam manter os princípios afirmados na organização da economia solidária para a produção, a comercialização e o consumo. É desenvolvido um conjunto de atividades de formação, práticas agroecológicas, intercâmbios, acompanhamentos a comercialização, vendas de produtos e feiras. Disponível em: < <http://ieesuva.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

os/as jovens do assentamento tenham essa mesma postura, como é destacado aqui:

Aqui não tem assim um movimento de jovem, não tem grupo jovem, já até houve um começo mais acabou. Eu era uma das que deu a iniciativa, eu, outra jovem, mais aí os jovens daqui são muito desestimulados, eles não ligam pra essas coisas. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Embora eu não tenha dados suficientes para desenvolver uma análise mais profunda que possa afirmar ou negar a participação política desses/as jovens no assentamento, pois o foco do trabalho não é esse, não poderia desviar meu olhar para essa questão e explorar algumas reflexões que envolvam esse contexto. Essas reflexões serão tecidas no próximo tópico, ao mergulhar no contexto histórico desse lugar, apresentar o interesse desses/as jovens sobre a história de conquista da terra e perceber como isso reflete no modo de vida deles.

Neste tópico, constarão as memórias e as construções sobre a história da conquista da terra através de uma coleção de versões sobre o passado, narradas por duas lideranças. No desenrolar da pesquisa, entendi que recusar o convite das lideranças do assentamento rural para realizar um mergulho nesse contexto histórico iria me deixar alheia às mudanças que esses/as moradores/as atravessaram em seus modos de vida, antes, durante e após a luta e conquista dessa terra.

3.2. O encontro com a história de Alvaçan Goiabeiras.

Vários foram os encontros com a história deste lugar envolvendo pessoas, lugares e acontecimentos proporcionados por vários assentados, mas especialmente por dois líderes desse assentamento rural, D. Suzete Lira e Sr. Pedro Celestino, tendo em vista que os dois participaram ativamente de todos os momentos da luta pela conquista da terra. Na verdade, esses encontros não estavam nos planos da pesquisa. Mas, ao me inspirar na etnografia para desenvolver esta pesquisa, valorizei todas as vozes que encontrei pelo caminho e a história do lugar transitou, muitas vezes, nos diálogos com os adultos. Desde então, passei a me importar com ela.

Através destas vozes, realizei vários encontros com o passado e com o presente desvendando nesses achados as mudanças ocorridas no modo de vida das famílias do assentamento após a conquista da terra.

Recordo que, ao chegar à residência do Sr. Pedro Celestino na comunidade de Oriente, fui convidada a fazer um percurso junto a ele para conhecer melhor a história de Alvaçon Goiabeiras. A primeira parada que fizemos foi no Olho do Felipe, pois segundo ele,

A história começa por aqui. Aqui morou um cidadão na época por nome de Felipe, foi o primeiro morador daqui. Ai ficou olho d'água do Felipe, o primeiro cajueiro do Felipe, e bem ali assim tinha o forno dos índios, talvez ainda tenha alguma pedra ainda, mais o bem feito mesmo é mais ali em cima, a alvenaria tá sequinha ainda, aqui morava os índios, os tupi guarani, os mundurucu. Isso aqui era só mata, eles vinham do serrote da rola, aquele serrote grande em Santana pra baixo um pouco pra esse do jacurutu, eles executavam a questão da farinha né aqui pra sobrevivência deles e tem realmente três forno que a gente descobriu aqui, um aqui, um lá mais em cima e um outro lá na Floresta pra cima um pouco, então começou por ai né, essas famílias permaneceram aqui, os antepassados da gente, minha bizavó mesmo era uma índia. Esse olho d'água aqui deve ter mais de cento e cinquenta anos, nunca secou, nunca secou. No ano de 1958 as mulher do assentamento que era menos vinha bater roupa aqui, esse olho d'água abastecia o assentamento todo, a areia é bem alvinha em baixo, é o cartão postal daqui. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçon Goiabeiras).

Discorreu inclusive sobre a existência de um sítio bem próximo ao local em que estávamos onde há várias goiabeiras, por isso a origem do nome da comunidade de Goiabeiras. Em seguida, levou-me até uma casa conhecida por “casa grande das goiabeiras” com cerca de 150 anos. Explicou ainda que o imóvel foi nomeado de “Alvaçon Goiabeiras”, porque o assentamento vai de Alvaçon até Goiabeiras, como se essas duas comunidades estivessem abraçando as outras.

Atualmente, o “Olho do Felipe”, por intermédio do INCRA, foi transformado em uma reserva florestal nomeada “Reserva do Jacurutu” ocupando 432.1761 ha, localizada nos topos dos serrotes com declividade acentuada, não sendo permitido seu desmatamento, na forma da legislação vigente.

Bem próximo à reserva existe o aterro sanitário que ocupa 3.6137 ha. Esse pedaço de terra liberado para Prefeitura Municipal foi um acordo realizado entre INCRA, assentados e Prefeitura de Santana do Acaraú. Sobre isso, Sr. Pedro Celestino contou:

Tá vendo aquela pedra ali na reserva, ela é chamada de jacurutu por conta da presença de índios, eles faziam a rota deles e a pedra era guia pra eles. A reserva é 425 ha de terra, o aterro sanitário é 4 ha de terra. Foi liberado terra para o aterro sanitário no ano de 1990. A prefeitura veio com um projeto para reciclar e ia empregar 10 assentados, também porque a cidade tava muito suja, o Incra veio, liberou mais nunca foi feito nada. Não empregou ninguém. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçon Goiabeiras).

Figura 16 - Reserva do Jacurutu localizada no assentamento Alvaçon Goiabeiras



Fonte: Fotografia da autora (2011)

Figura 17 - Aterro sanitário localizado no assentamento Alvaçon Goiabeiras



Fonte: Fotografia da autora (2011)

Essas e outras questões foram narradas pelos assentados, dentre elas o domínio das terras por 72 famílias posseiras, com o agravante de ainda existirem pendências judiciais. Segundo um dos técnicos do INCRA, a situação permanece da mesma forma e explica que na verdade esses “posseiros” devem ser reconhecidos como agregados irregulares, agregados familiares e antigos rendeiros. Na voz de D. Suzete, isso também foi confirmado.

Mulher a verdade é que essa terra hoje, se você for fazer um levantamento de terra solta, daria uns setecentos hectares de terra virgem, porque assim, o pior é que aqui tem um bucado de gente que faz questão por terra, num é só assentado não, então aquele pessoal que já morava que hoje é aposentado, eu sou aposentado, mas moro na terra, mas o meu quintal é de cajueiro, ai apesar de ter cinco hectares, quatro hectares, seis hectares,

ali é meu ninguém mexe, já vive cercado, é o quintal, é o meu quintal, é o meu, meu quintal que tomou um espaço de terra muito grande né, tem aposentado aqui que tem como seu domínio trinta hectares de terra, é muita terra pra esse negocio do assentamento, muita terra presa, muita, muita, muita. E assim, um bucado de gente já são aposentados, já estão na terceira idade, mas é aquela coisa de ser ambiciosa num é a questão dos cajueiros e das castanhas, porque ele vende castanha lá um real o quilo, então eu tenho quinhentos pé de cajueiros, seiscentos pé de cajueiro eu tenho meu dinheiro no final do ano, eu vou brigar por isso, é muito complicado. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

O objetivo deste trabalho não foi discorrer sobre os problemas, conflitos e interesses de alguns assentados participantes da luta, que mantêm sempre um desejo aflorado de ver sua terra prosperar. Em todo o processo de pesquisa, cuidei para prender a atenção ao objeto de estudo, no entanto, pela própria escolha metodológica, existiram outros percursos que, por fazerem parte dessa busca, não foi possível desprezá-los.

Um dos olhares que lancei foi para a postura e para as falas desses dois assentados enquanto conversávamos. Percebi que, apesar de terem orgulho pela conquista da terra e se sentirem satisfeitos por ter seu espaço para plantar e uma casa para morar, demonstram uma grande insatisfação sobre a existência de quatro famílias que, ao morar no assentamento antes da imissão de posse, não aceitaram, depois das terras desapropriadas, ser assentados, não foram indenizados pelo INCRA e se recusam a atuar coletivamente junto aos assentados cercando suas terras, colhendo castanhas de caju sem passar pela Associação dos Pequenos Agricultores de Alvaçan Goiabeiras. Eles acreditam que isso tem impedido o desenvolvimento deste assentamento.

Em suas falas, ambos mencionaram a falta de posicionamento da justiça federal, que até os dias atuais não tomou providências em relação à postura de tais famílias. Quando estive no INCRA, um dos técnicos me informou que, há anos, os processos envolvendo essas quatro famílias correm na justiça federal, principalmente, porque um dos membros dessas famílias é advogada e sempre recorre quando os assentados são favorecidos. Ademais, é importante destacar que o INCRA se recusa a indenizá-las ao compreender que já conseguiram obter o dinheiro pela quantidade de castanhas de caju vendidas durante esses 24 anos.

Nessa experiência, compreendi que a minha presença passava a ter um significado para esses assentados, quando demonstravam a necessidade de compartilhar suas histórias de vida, estabelecendo com isso uma relação de “estado

de membro”. (GEERTZ, 2011, p. 08). Percebi que minha presença estava sendo vista também como uma oportunidade para que eles apontassem os problemas enfrentados no cotidiano, como demonstram as falas destas duas lideranças:

É importante colocar as dificuldades que a gente passa aqui em um trabalho de universidade federal, só assim as pessoas vão saber o descaso que a gente sofre do INCRA e da justiça federal com relação a essas quatro famílias, o projeto de fruticultura que há anos estamos esperando, os grampos já estão enferrujando, esse projeto ia ajudar demais a desenvolver o assentamento e dar trabalho para os jovens, mas nada aconteceu. (Sr. Pedro Celestino e D. Suzete Lira, lideranças do assentamento de Alvaçon Goiabeiras).

Ao compartilhar suas histórias de vida, percebi que são inerentes à história do assentamento rural, descobri que esta terra tinha uma forte ligação com a Igreja.

Assim essa terra aqui ela é diferente das outras, porque as outras terras tem só um proprietário, um né se apropria e pronto, já essa daqui não, é tudo diferente porque assim, ela não tinha dono, era da paróquia, como a terra é da paróquia, essa questão religiosa né, e assim, aí o padre era como se fosse dono da terra toda, e tinha os rebanhos. A nossa luta foi então diferente, porque não teve uma ocupação propriamente dita, porque todos nós já morávamos aqui, mas a luta não foi nada fácil. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçon Goiabeiras).

Segundo os moradores desse assentamento, no século XIX, em 1895, o Coronel Manoel Frota de Maria, através do termo de Doação-Legado da Santa, concedeu essa terra à Paróquia de Santana do Acaraú. A terra então ficou conhecida por “terra das almas” por pertencer à Igreja. Elas foram administradas inicialmente pelo P. Arakén da Frota, neto e legalmente o único herdeiro de Manoel da Frota de Maria. De acordo com os assentados, no documento, constava que toda a renda da terra teria dois destinos: uma parte ficaria na paróquia de Bela Cruz³⁰ e a outra custearia batizados e casamentos de quem não pudesse pagar. O dinheiro também seria destinado ao cuidado de uma criança órfã até a idade adulta, caso ela morasse na rua.

Quando a terra passou a ser administrada pelo vigário Francisco José de Aragão e Silva, cerca de 600 ha da terra era gerenciado por um vaqueiro por nome Bernardino de Sousa Oliveira, contratado pelo padre. O restante da área foi arrendado a terceiros que passaram a explorar a terra, definindo o local onde os

³⁰ Bela Cruz é um município brasileiro, do estado do Ceará, localizado às margens do Acaraú, na microrregião do Litoral de Camocim e Acaraú mesorregião do Noroeste Cearense. Informações fornecidas pelo site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bela_Cruz. Acesso em: 10 abr. 2012.

moradores poderiam brocar seus roçados e lhes cobrando altas rendas. (PDA/PRA, 2005). Segundo os moradores, desde então muitos conflitos tiveram início.

Na história ficou assim, o documento dizia que a terra não era pra ser vendida, mas era pra ficar pra fazer doação, pra dar moradia aos pobres, fazer casamento de viúva e cuidar de pessoa, órfão que num tem nem pai e nem mãe, naquela época todo mundo disse isso, na nossa época foi o contrario, esse padre era doido por dinheiro, um padre possessivo, que Deus me perdoe, e foi um período muito ruim. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Esse período corresponde à década de 1970 quando os rendeiros³¹ e a paróquia, proprietária legal da terra, passaram a exigir pagamento de renda aos trabalhadores, na proporção de 3:1³² para diversas culturas. Cobraram ainda renda ainda mais injusta sobre a colheita da castanha de caju, a metade, em favor da paróquia. O poder era, então, centralizado nas mãos da paróquia e sublocadores, ocasionando uma concentração de terra nas mãos de uma minoria e formando um forte esquema de sujeição aos trabalhadores da área, expressas nas formas de falta de terra para plantar, proibições de construções e benfeitorias e a colheita de castanhas de caju. (QUEIROZ, 1992).

Inconformados com essa situação, os moradores dessa terra onde nasceram, cresceram e construíram suas histórias de vida, começaram a questionar a postura da paróquia e dos tais rendeiros. Esses questionamentos surgiram primeiramente no culto dominical chamado “Dia do Senhor” ministrado pelo Sr. Venâncio e, anos depois, por seu filho na própria casa na comunidade da Floresta.

A noite nos domingos celebrava a palavra do senhor, ai com isso a gente conversando, discutindo, fazendo uma análise na vida da gente. A gente viu que num tava certo, tudo que nos fazia tava fazendo mais pro outros do que pra gente, por exemplo, nos trabalhava aqui essa terra era da paróquia né que hoje é assentamento, era a paróquia que administrava e nois pagava renda cara né, além de pagar caro ele ficava com toda a forragem né da gente. No caso, tudo que pagasse uma renda até uma madeira do roçado

³¹ Contam os assentados que estes “rendeiros” arrendaram parte das terras da paróquia, pagavam renda ao padre e passavam a cobrar renda aos moradores que não podiam arrendar as terras da paróquia. Nesse caso, eles não podiam plantar sem pagar a essas pessoas, reconhecidas como “patrões”, ou à paróquia. Com isso, os moradores passaram a trabalhar para o padre ou para esses “rendeiros”, porque não tinham condições de arrendar um pedaço de terra para plantar, sendo, portanto, explorados. (Grifo meu). Na literatura camponesa, o arrendamento é uma relação de trabalho tradicional que garante o acesso à terra a não proprietários. O rendeiro é aquele que paga a renda ao dono da terra. O dono da terra arrenda a terra para um pequeno produtor rural que não possui seu pedaço de terra para plantar. (MOREIRA e TARGINO, 2000).

³² Conhecido como “terço”, esta expressão significa que a cada três quadros plantados, um fica para o camponês trabalhador e dois ficam para o dono da terra. (QUEIROZ, 1992).

quem tem direito é quem pagou a renda, mas ele ficava com tudo, o patrão né, ele era um rendeiro aqui numa área de terra da floresta, nós pagava um tanto pra ele, que não compensava, aí ele cobrava e dizia mais, você só broca se trouxer o dinheiro, ele até dizia mais: só broca se tiver dinheiro, tinha que trazer o dinheiro na volta da foice né, levar o dinheiro no dia que fosse tirar o roçado lá, com isso a gente no sindicato discutindo a questão do agricultor direitos e deveres e etc e no evangelho também né, descobrimos, eu até me lembro no evangelho que tem, que foi os primeiros discípulos né como eles viviam em comum aquela coisa, a gente interpretou aquilo ali ficamos montados naquilo ali todo tempo, sei que quando a gente viu que não tava certo, a gente começou a se mobilizar né, conversar, discutir como nós ia sair dessa e tal, o sindicato orientava também. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

No início do ano de 1978, nas celebrações do Dia do Senhor, alguns moradores das comunidades de Águas Belas, Alvaçan, Córrego das Almas e Floresta iniciaram, através da leitura da Bíblia, reflexões sobre a pressão que estavam recebendo da paróquia pela terra que consideravam sua por direito, organizando-se para a luta pela terra.

Passamos os anos de 81, 82, 83, 84 nessa discussão pagando renda e tudo, quando foi de 85 pra 86 aí a gente já tinha um conhecimento mais profundo então eu como celebrava a palavra do dia do senhor era o dirigente e tal um dia surgiu uma proposta lá da gente de começar a pressionar né, procurar os direitos da gente, aí pra começar um cunhado meu foi fazer uma cerca lá dentro do quintal dele e o patrão mandou derrubar e aí começou por isso, mandou derrubar e nós não aceitamos, ele juntou um bocado de gente e nós não aceitamos o cara derrubar, aí começou a história, nós se preparamos 15 famílias, eu reuni as 15 famílias e disse pra eles: pessoal nosso direito é por aqui, por aqui, nós não temos direito de pagar renda que estamos pagando e a forragem do roçado é pra nós né não é pra ele patrão não, a forragem é nossa, se ele não quiser dar nós não vamos pagar isso não, sei que se reunimos, todo mundo combinou, com a preparação e o conhecimento que eu já tinha eu disse: nós vamos fazer isso mais vocês podem se preparar porque a gente vai ser chamado pra depor na delegacia, o delegado vai mandar chamar a gente e tudo, a gente pode ir preso, só não vai acontecer coisa e pode acontecer ninguém sabe, a gente vai disposto a tudo, vocês estão preparados? Então, pois nós vamos tirar na marra um roçado pra cada um, ninguém vai pagar a ninguém não, aí fomos, se reunimos, marcamos um dia, dia de terça-feira, nós vamos tirar um roçado lá, aí fomos, 15 agricultores, 15 pais de família, marcamos uma área de terra lá, marcamos um roçado lá, fizemos o travessão do roçado. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

A partir dessa fase, os quinze agricultores passaram a confrontar esses rendeiros ao cercar e plantar seus roçados em pontos estratégicos. O vaqueiro ia até os roçados, derrubava e queimava tudo a mando de um dos denominados rendeiros, o Sr. João Alves. Além disso, os moradores começaram a fazer movimentos de pressão junto à paróquia e à Prefeitura Municipal de Santana do

Acaraú. Entretanto, algumas assentadas, por serem catequistas da Igreja, acabavam entrando em conflito entre lutar pela conquista da terra e continuar com sua atuação religiosa.

Quando você luta com um patrão, uma pessoa rica, mais aquela questão de fé religiosa né, esse é um tabu pra nós, o padre se revoltou contra a gente, a equipe dele também era contra a gente, e pior que a gente trabalhava pra paróquia, era catequista, na reunião da paróquia, chegava lá por trás pra evitar piada, porque tanto o padre, que Deus o tenha, mas era um padre possessivo, doido por dinheiro. E aí teve um dia que a Filó se revoltou lá, e disse que era um padre, mas tava tomando as terras do trabalhador, que não queria que o trabalhador conquistasse as terras, num sei o que, esse padre alterou a pressão, ficou todo mundo contra a Filó, contra nós, como se nós realmente fosse um bucado de irresponsável né, e a gente tava lutando por um direito que é nosso. (D. Suzete Lira, 55 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Por volta de 1983, após esse conflito, a comunidade se reuniu e elaborou um abaixo-assinado para o INCRA, requerendo a desapropriação do imóvel. Cerca de um ano depois, ocorreu uma audiência na delegacia. Para a realização desse movimento, os trabalhadores receberam o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, do Movimento de Educação de Base (MEB) e da Diaconia, entidade mantida pela Igreja Protestante Internacional que possuía um escritório em Santana do Acaraú.

Segundo os assentados, o MEB teve uma contribuição muito importante já que se tratava de um movimento que tinha como objetivo a tomada de consciência do povo brasileiro através do processo de alfabetização de jovens e adultos destinado aos contingentes urbanos, mas também à população rural, como explica Saviane (2010, p. 317):

O MEB, criado pelo decreto n. 50.370, de 21 de março de 1961, assinado pelo presidente Jânio Quadros, tratava-se de um movimento de responsabilidade da Igreja Católica, dirigido pela CNBB, mas cuja concepção e execução foram confiadas a leigos. Estes, porém logo se distanciaram dos objetivos catequéticos, imprimindo ao movimento um caráter de conscientização e politização do povo. A educação como passa a ser vista como instrumento de conscientização, a expressão “educação popular”, assume então o sentido de educação para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo a ordem existente.

Segundo Fávero (2006), com apoio do Governo Federal, o MEB propunha-se a desenvolver um programa de alfabetização e educação de base, por meio de escolas radiofônicas, a partir de emissoras católicas. Após dois anos de

atuação, reformulou radicalmente seus objetivos. Logrou intensa penetração no meio rural, inclusive dando apoio decisivo à sindicalização rural e foi também o único movimento que sobreviveu ao golpe militar de 1964 e à repressão dos anos seguintes, devido exclusivamente ao fato de ser um movimento da Igreja.

Munido desses conhecimentos compartilhados pelo MEB cujo objetivo era oferecer uma educação de base através do “processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade” (FAVERO, 2004, p. 10), muitos dos assentados, dois anos depois do abaixo-assinado direcionado ao INCRA, decidiram ocupar uma quinta de cajueiro na comunidade da Floresta, já que, até aquele momento não houvera nenhum posicionamento do INCRA nem do Ministério Público. Contratados pelo padre, um vaqueiro e dez homens começaram a expulsar os filhos dos agricultores que derrubavam caju. Novamente, os agricultores se reuniram e pensaram uma forma estratégica para enfrentar os homens contratados pelo vigário.

Vamu fazer o seguinte: vamu botar os meninos na frente as mães ficam olhando os menino, nois fica olhando as mães, ninguém trabalha nesse dia que nois for, fica tudo na observação, assim a gente fez, os menino foram na frente a gente comprou umas baladeirinha pra eles e eles foram na frente atirando nas maçãs de caju pra derrubar de baladeira e cantando as musiquinhas que a gente cantava, que o MEB ensinou a nois na escola: assim o mundo não vai, não pode sobreviver, sem terra pra trabalhar e sem ter pão para comer, eles cantando e atirando porque nois ensinemo a eles como eles cantava. O grilheiro vendo aquilo que era o procurador do padre vendo aquilo aguentou uma semana, na outra semana ele veio no vigário e disse: padre eu não vou tomar mais de conta daquilo ali não porque é muita gente, num dar certo, os meninos lá, é mulher lá, a gente não quer fazer besteira, então eu num vou mais não, você arrume outra pessoa e bote lá. (Sr. Pedro Celestino, trabalhador rural, 63 anos, liderança do assentamento Alvaçan Goiabeiras).

Estrategicamente, o padre mandou chamar Sr. Pedro Celestino e lhe solicitou que se responsabilizasse pelos cajueiros. Ele informou ao padre que o processo de reforma agrária estava prestes a acontecer. O padre discordou dizendo que o INCRA não iria resolver essa questão, e o Sr. Pedro acabou aceitando a oferta do vigário. Porém, na primeira colheita de castanha de caju, o padre cobrou todas as castanhas e o acordo de metade acabou não acontecendo.

Na segunda colheita da castanha de caju, Sr. Pedro Celestino manteve as castanhas em sua casa e se recusou a entregá-las ao padre e, por esse motivo foi intimado a ir à delegacia para ser interrogado. Mas, ao chegar, Chagas Vasconcelos, um chefe político de Santana do Acaraú, foi avisado do fato e se

dirigiu à delegacia. Lá, pegou os papéis, rasgou-os e ainda mandou o delegado trabalhar direito. Para os participantes do movimento, isso foi mais uma vitória.

No momento da entrevista com o Sr. Pedro Celestino, muitos questionamentos surgiram, principalmente, em relação à postura desse político. E, ao investigar a história desse município, constatei que ela é marcada fortemente pelas relações de poder.

Durante o período em que atuou na política, Francisco Chagas Vasconcelos foi estereotipado por seus adversários como “coronel” e associado à “política atrasada”, que se impunha pelo poder e perseguia seus “inimigos políticos”, a doença de Chagas “eu afligia Santana do Acaraú”. (SILVA b, 2009, p. 63).

Como chefe político do município, Chagas Vasconcelos manteve essas posturas de “coronel” durante trinta anos. Sobre isso não me alongarei, pois essa discussão não é o foco do trabalho. Nas entrevistas com essas lideranças, tentei “nadar na corrente de suas experiências” (GEERTZ, 1997, p. 89) para conhecer e interpretar a história desse lugar tomando suas narrativas como objeto desse processo, contudo não foi fácil, pois, várias vezes, pensei nos riscos que correria para decifrar os interesses políticos e sociais que envolviam esse processo de luta pela terra, principalmente, quando o Sr. Pedro Celestino, um dos líderes do assentamento, que conduzia o movimento, cede à proposta do padre e passa a trabalhar para ele.

Voltando para esta linha do tempo, no ano de 1986, os técnicos do INCRA fizeram a vistoria do imóvel e, em dezembro do mesmo ano, as terras foram desapropriadas. O imóvel então denominado Alvaçan Goiabeiras, foi objeto de desapropriação por interesse social através do decreto desapropriatório nº. 93.795, publicado no D.O.U. de 12 de dezembro de 1986, tendo o INCRA realizado a sua imissão de posse em 26 de maio de 1987, conforme transcrição nº. 1255 do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Santana do Acaraú.

Em 1987, foi instituído o Plano de Ação Imediata (PAI) respaldado no I Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) e no Plano Regional de Reforma Agrária para o Estado do Ceará (PRRA). Este plano tinha como objetivos contribuir para melhorar a vida dos trabalhadores rurais, organizar o assentamento por famílias, remanejar famílias excedentes para novas áreas desapropriadas pelo INCRA, implantar infraestrutura, elaborar projeto definitivo de assentamento e período de emancipação do projeto. (QUEIROZ, 1992).

Neste mesmo ano, o INCRA realizou estudos na área e constatou que o tamanho da área era inapropriado para a quantidade de famílias, que totalizavam 114. O assentamento tinha capacidade para apenas 61 famílias, ficando 53 delas impossibilitadas de permanecer no assentamento, ou seja, outros problemas começaram a surgir, pois as famílias excedentes não aceitavam sair do local onde construíram suas raízes de parentesco, amizade e, mesmo que aceitassem sua saída, o INCRA não conseguiu desapropriar as terras vizinhas para assentá-las. Até os dias atuais, o assentamento ainda possui famílias excedentes.

A exaltação dessas falas e a realização dessas rotas pelo contexto histórico desse lugar foram reveladoras quando mostrou que todos esses problemas que geram conflitos apontados por estas duas lideranças e por outros adultos assentados refletem negativamente na vida cotidiana desses sujeitos quando interferem no desenvolvimento deste PA, afetando seus modos de vida. Diante desse panorama, eles acabam deixando de acreditar na possibilidade de mudança desse contexto, embora parte dos assentados ainda esteja participando ativamente das ações políticas que envolvem a associação dos moradores, buscando através delas melhorias para o assentamento.

Em se tratando dos/as jovens estudados/as, busquei saber se tinham conhecimento desta história, contada pelos adultos/as assentados/as, sobre essa terra e a sua conquista e se eles/as entendiam a importância dessa luta para que os pais possuíssem uma casa e um pedaço de terra para plantar.

Todos/as desconheciam esse contexto histórico e demonstraram pouco interesse em conhecer. Somente uma moça relatou que uma das atividades do Projovem teve como objetivo fazer esse resgate histórico com os jovens, mas quando pedi para que ela falasse algo sobre o assunto, confessou que não lembrava. Desde então alguns questionamentos surgiram: Porque esses/as jovens não se interessam pela história do assentamento? Será que os pais desses/as jovens não conversam sobre o que enfrentaram para conquistar a terra onde vivem? Na escola em que estudaram, no próprio assentamento, esse contexto histórico não foi abordado pelos professores? Na associação dos moradores, as lideranças não trabalharam nenhuma atividade com os/as jovens que possam conduzi-los/as a fazer uma viagem pelo tempo para conhecer a história do seu lugar?

Com esses questionamentos, dialoguei com alguns adultos assentados para entender melhor o motivo desses/as jovens estarem alheios/as a esse contexto

histórico e, nessa mesma rota, procurei verificar o envolvimento deles/as nas ações políticas desenvolvidas pelos assentados através da Associação dos Pequenos Agricultores de Alvação Goiabeiras.

Eles acreditam que os/as jovens passariam a ter interesse em participar das ações políticas desenvolvidas no assentamento, quando a história de luta pela terra fosse apresentada pelos pais, pela escola e pela associação através de palestras, oficinas, pois só assim eles/as dariam importância ao assentamento e seriam estimulados a atuar cotidianamente nas atividades ligadas à associação, construindo os coletivos de jovens para debater questões políticas e produção de alguns gêneros alimentícios, a exemplo de seis jovens da comunidade de Córrego das Almas que buscam construir um coletivo para produzir galinha caipira e realizar esses debates.

Pode-se dizer que o conhecimento do contexto histórico é importante, no entanto seriam necessárias outras ações para estimular esses/as jovens, como atividades que os levassem a perceber a importância da participação nas ações políticas para o desenvolvimento deste PA. Mas, novamente começo a me perguntar: Será que os assentados se sentem estimulados a apresentar esse contexto histórico e fazer os/as jovens perceberem a importância de participar dessas ações? Eles ainda acreditam na possibilidade desses/as jovens serem vetores de transformação da realidade ao se envolverem em tais ações? E os/as jovens, querem seguir esta direção ou preferem tecer seus modos de vida através da relação campo e cidade, isto é, trabalhar, estudar e continuar morando com os pais no assentamento, sem se envolverem com os assuntos que requerem participação política por parte deles? Eles têm compreensão da importância de estarem participando dessas ações?

São situações diversas que não podem ser analisadas em profundidade já que o foco do trabalho não é esse. E como em uma pesquisa de campo algumas paradas são necessárias, refarei meu percurso para mostrar como o modo de vida dos/as jovens foi se revelando através de seus cotidianos, por meio de notas, observações e de suas narrativas. Essas revelações foram importantes para amadurecer o meu olhar quando teci as análises ligadas ao objeto de estudo.

3.3. Modos de vida dos/as jovens de Alvaçon Goiabeiras.

Quando estive em Alvaçon Goiabeiras durante alguns meses para observar o cotidiano dos/as jovens não foi uma tarefa fácil, considerando o universo plural, heterogêneo e dinâmico em que vivem, ocasionado, principalmente, pela comunicação intensa que mantém com a cidade para usufruir de alguns serviços, como educação e lazer.

Mas, esse cenário diverso, plural vivenciado pela juventude rural foi despertado pelos cientistas sociais há pouco tempo, pois até então,

estudos sobre a organização social no campo referiam-se ao jovem apenas na condição de aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, o que os torna adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente através da ótica do trabalho. (CARNEIRO, 1998, p. 01).

Na realidade, os/as jovens do campo devem ser vistos para além dos comportamentos a eles/as atribuídos e ao espaço geográfico que eles/as ocupam. Nessa perspectiva, não há como lhes lançar um olhar sem considerar as experiências cotidianas combinadas à faixa etária, ao estudo, ao lazer e ao trabalho, que são bastante diversificados.

Para Carneiro (2008), a noção de juventude rural, além de conter esses grandes fatores de diversidade, guarda também diferenças internas em uma mesma localidade segundo as condições econômicas, as identidades de gênero, o grau de escolaridade, a faixa etária, entre outras variáveis [...] Este alerta é importante para termos em mente a impossibilidade de traçar um perfil da juventude rural brasileira ou de constituir um padrão, um tipo ideal de “jovem rural”.

Segundo Sales (2006), juventude rural e juventude urbana são categorias construídas socialmente e para delimitar o início e o término da juventude que vive no mundo rural a imprecisão é bem maior porque os critérios etários são mais variáveis. A idade, entendida como uma construção social, aparece sempre no contexto das relações sociais, portanto, ao tomar como referência as sociedades rurais, certamente esta noção terá especificidades diferenciadas das sociedades urbanas. Enquanto as urbanas demarcam essa fase de transição através da escolarização, como preparação ao ingresso no mercado de trabalho, no mundo rural a linha divisória que demarca a superação da infância e da juventude para a vida adulta é o casamento e a formação da prole.

Reforçando tal colocação, trago Pais (2003, p. 37) ao afirmar que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”.

Diante de tais colocações é impossível considerar uma única maneira de transição para a vida adulta entre os/as jovens do campo e os da cidade, tendo em vista que várias são as maneiras de ser jovem e de ser adulto nestas realidades sociais.

Na realidade investigada encontrei várias concepções sobre o que é ser jovem na linguagem dos adultos do assentamento. Para alguns a juventude é apenas uma fase da vida associada ao estudo, ao namoro, ao lazer. Para outros, nesta etapa há o desencontro entre as experiências vivenciadas pelos pais e pelos/as jovens, principalmente quando eles/as não se interessam ou não se importam mais pelo trabalho na agricultura ou pelos trabalhos domésticos. É experimentar neste ciclo da vida processos de indecisões, instabilidades. Nesse caso os/as jovens foram chamados muitas vezes de irresponsáveis, por não trabalhar na roça ou ter um emprego fora do assentamento ou ainda por não se engajar nos assuntos ligados ao assentamento. Por outro lado nesses/as jovens são depositados a esperança de desenvolvimento e de futuro deste assentamento.

A juventude também foi apontada como um processo de transitoriedade, pois, ao constituir uma família ou migrar para cidade esses/as jovens obtém o status de adulto e lhes é atribuído responsabilidades. No caso da família, os rapazes tornam-se provedores e as moças o cuidado da casa e dos filhos, e, quando migram e conseguem trabalho passam a custear seus próprios gastos.

Os discursos reproduzidos pelos/as assentados refletem a realidade social e as relações intergeracionais³³ vivenciadas por eles/as. Portanto, a juventude é vista como,

uma fase da vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados problemas sociais. Se os jovens não se esforçam por contornar esses problemas, correm mesmo os riscos de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados. Um adulto é responsável, diz-se,

³³ Os sinais de continuidade e descontinuidade intergeracional poderão manifestar-se de duas formas: por um lado, e na medida em que são alvo de processos de socialização através de instituições sociais específicas, como a família ou a escola, as gerações mais jovens interiorizariam e reproduziriam na sua vivência quotidiana toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos próprios das gerações adultas, isto é, todo um conjunto de sinais de continuidade intergeracional. (PAIS, 2003a, p. 54).

porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades os jovens vão adquirindo o estatuto de adulto. (PAIS, 2003, p. 30).

Para o autor citado, a juventude é percebida tanto na dimensão de aparente unidade, ao se referir a uma fase da vida, como um conjunto heterogêneo, vista na diversidade quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros, ou seja, quando se fala de jovens solteiros ou casados, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, fala-se de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase da vida.

Partindo dessa concepção me senti convidada a não confinar jovens rurais em uma aparente unidade, pertencente a um grupo social homogêneo, como se todos os indivíduos vivessem em espaços e experiências comuns. Ao contrário, ao observá-los em seus cotidianos e ouvi-los nas entrevistas, busquei perceber as diferentes circunstâncias ligadas aos seus modos de vida, que os distingue uns dos outros. Também busquei situá-los em um contexto social mais amplo, considerando a “complexa inserção num mundo culturalmente globalizado” (CARNEIRO, 1998, p. 01) que transforma o campo “em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola”. (Id, 1998, p. 01).

Foi nesta via que resgatei não somente o significado de ser jovem para eles, mas procurei conhecer como percebem e refletem o modo como vivenciam seu cotidiano estando no campo e na condição de jovem.

Mulher eu acho maravilhoso aqui, porque aqui nos vivemos ao ar maravilhoso das plantas, aos cantos dos pássaros, a gente aproveita a vida aqui, acho bem melhor do que o jeito que a juventude da cidade vive. Mais isso eu né mulher, porque a maioria do jovem daqui não fica aqui, porque nos aqui, nos moramo bem dizer dentro da cidade, os jovens daqui vão tudo pra cidade porque aqui não tem nada de interessante pra eles fazerem, os jovens daqui não quer ir mais pra uma roça, os jovens daqui quer brincar, se divertir. Eles não querem ir pra roça e não acho errado porque um dia tem que mudar né com o tempo vai mudando as coisas e o comportamento de cada pessoa. Sabe a família fica chateada com isso, um diz que o jovem é preguiçoso, é num sei o que, não quer fazer mais nada, o jovem não quer trabalhar mais. Assim, o jovem depois que vai estudar na cidade ele tem outra realidade né da vida fora. (Penha, 26 anos, ensino médio).

A juventude daqui pensa mais em se divertir do que estudar e trabalhar, mais a única maneira que tem aqui pra gente se divertir principalmente pros meninos é jogar futebol, pras meninas não tem, não tem nada, nenhuma atividade dinâmica que possa divertir a gente a não ser que vá pra Santana

porque muitos vão. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Nadja rinelle diz: Você gosta de morar no assentamento? **Laércio diz:** Eu gosto de morar no assentamento, não sinto vontade de morar na cidade até porque meu assentamento é próximo da cidade, é calmo e sempre que preciso estou aqui (Santana do Acaraú) penso que não me acostumaria morar na rua pois venho passar na casa de um primo e mim sinto angustiado com a falta de educação de algumas pessoas **Nadja rinelle diz:** vc poderia me dar um exemplo desta falta de educação? **Laércio diz:** falam alto de mais crianças e os jovens entram na casa dos outros sem pedir licença chamam palavras **Nadja rinelle diz:** e no assentamento tem isso? **Laércio diz:** tem, mas não tanto quanto tem na cidade. (Conversa *msn* dia 26 de jul. 2011). (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Várias foram as falas que desenharam o cotidiano da juventude de Alvaçan Goiabeiras, seja nas entrevistas individuais no assentamento, seja nos bate-papos nos ambientes virtuais, tendo como autores os/as próprios jovens. Todas elas serviram de bússola para encontrar o caminho que me revelasse os seus modos de vida. Constatei que a maneira como esses/as jovens constroem e conduzem seu modo de vida não pode ser dissociado do espaço que ocupam e das crenças e representações sociais que vivenciam no assentamento, como também da realidade mais ampla que vai além do espaço físico do assentamento.

A integração campo e cidade realizada por esses/as jovens acontecem geralmente pelas dificuldades da vida local. No entanto, costumam prezar pelas raízes pessoais e a qualidade de vida no campo. Na opinião dos/as jovens, “a agricultura é um trabalho que cabe aos pais e não a eles”, o interesse e continuidade intergeracional manifestada pelos pais não é comungada pela maioria dos/as jovens. A vida no assentamento já não é ou nunca foi atrativa, uma vez que o lugar não oferece equipamentos para que os/as jovens possam conduzir seus modos de vida de forma dinâmica.

Essas formulações me levaram a perceber como esses/as jovens, ao mesmo tempo, que revelaram seus modos de vida, refletiram sobre ele. Embora valorizem os laços familiares e a tranquilidade oferecida pelo campo, desejam agregar, por meio de suas escolhas e ações, mudanças neste cotidiano, afirmando e ao mesmo tempo negando a vida no campo, buscando construir novos modos. Assim, o cotidiano passa a constituir um dilema entre o desejo de continuar a tradição familiar, acostumar-se às restrições da vida local ou questionar a realidade imposta.

Por esse viés o cotidiano passa a ser considerado um terreno de negociações, de resistências, de inovações e, conseqüentemente, de dilemas (PAIS, 2003a), ou seja, um terreno de reflexividade onde constantemente se trafega por uma encruzilhada que leva à rotina e à ruptura, afastando-se de uma lógica pré-estabelecida, entendida como hábito para atuar numa lógica de descoberta, que busca o novo para o dia a dia.

De fato, quando passei a observar a vida cotidiana desses/as jovens e estabelecer diálogos sobre seus modos de vida, percebi que a vida no campo era valorizada pelas experiências pessoais relativos à família e aos amigos, mas se tornava desinteressante quando se referiam às atividades ligadas ao seu dia a dia, que pareciam sempre se repetir. Isso se confirma na fala de duas jovens:

Eu faço sempre as mesmas coisas. Acordo ai ajudo a mamãe na tarefa de casa, a tarde eu vou passear na casa dos meus familiares e só! Geralmente é o que acontece todo dia. Não tem muitas maneiras de se divertir, é simplesmente tá em casa, ir pra escola. Sempre eu gosto muito de ler, ai eu sempre leio, quando eu não to lendo eu assisto. Eu leio os livros que tem lá em casa, leio a bíblia que eu gosto muito também. Também namoro, ele sempre vai terça, quarta, sexta, sábado e domingo. Vou também ao culto dominical no domingo. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Nadja Rinelle Rinelle como estão as coisas por ai? Penha bem graças a Deus Nadja Rinelle Rinelle como tu entende o modo de vida de vocês jovens que moram ai? Penha trabalha quando pode, estuda, se diverte e normal para mim divestimos sempre nos forró, aqui nao falta, sempre vamos a praia. Nadja Rinelle Rinelle vc, terminou de dar aula no brasil alfabetizado? Penha sim ja faz um mês, agora estou estudano para o ifce Nadja Rinelle Rinelle mas vc está estudando em casa mesmo? Penha e mas não muita coisa porque estou muito oculpada tenho que ficar com a família todo dia tenho que ir na vó banha ela. (Conversa pelo facebook dia 11 de out. 2011). (Penha, 26 anos, ensino médio).

Os modos de vida de Aparecida circulam entre a convivência com a família, os amigos, a realização das atividades domésticas, o estudo, o culto e o namoro. Observei que ela falou da rotina ao lembrar suas atividades diárias, como se não ocorresse nada de novo em seu cotidiano. Mas o que ela não percebe é que a cada dia segue uma rota para realizar essas atividades, rota essa que geralmente tem uma direção, um tempo e um espaço para acontecer e jamais será da mesma maneira. Na verdade, ela já rompe esta rotina quando cria nas suas relações e atividades formas diversas de vivenciar esse cotidiano em meio às limitações que existem no assentamento, principalmente quando se refere ao lazer.

Penha, em nosso bate papo no *facebook*, considera normal o seu modo de vida no campo, porém já destaca as opções de lazer, negadas por Aparecida. Vale ressaltar que, para agregar essas atividades ao cotidiano delas e usufruir é necessário ir até a cidade. Durante a pesquisa, estive com Penha no momento em que foi cuidar da avó, já que é técnica em enfermagem. Também a acompanhei quando foi cuidar de uma horta organizada por algumas mulheres da comunidade da Floresta. Pedi para que me levasse até o salão onde dava aulas para a turma de jovens e adultos. Em outro momento de nossas conversas, ela mencionou que no assentamento não tem nada de interessante para fazer, que no seu dia a dia sempre faz as mesmas coisas: ajudar a mãe nas tarefas domésticas, cuidar da avó, assistir à televisão e acessar a internet.

Apesar dos/as jovens estudados terem demonstrado uma valorização do mundo rural, eles experimentam cotidianamente dilemas como Aparecida quando relata que “sempre faz as mesmas coisas”, e que no “assentamento não tem nada de interessante para fazer”, como discorreu Penha. As falas apresentam um cotidiano marcado pelas restrições e pelas limitações que o assentamento apresenta, como falta de educação, opções de lazer e trabalho fora da agricultura. Com isso, eles se sentem divididos entre os laços de família, de amizade, de afetos pelo lugar e as melhores condições de vida que a cidade pode oferecer.

As expectativas de muitos jovens dos assentamentos rurais passam por uma experimentação de sentimentos opostos. Desejam permanecer no mundo rural, dando continuidade às atividades do pai, da mãe, desde que as condições do campo melhorem, e, ao mesmo tempo, buscam uma vida diferente dos pais – ter sucesso, estudar, ser mais livre, viver melhor. Esse dilema é gerado pela perpetuação da pobreza, falta de trabalho, educação, saúde no campo. (SALES, 2006, p. 158).

Isso não significa que os/as jovens pesquisados/as considerem a vida juvenil urbana como padrão ideal. Eles/as passam a experimentar sentimentos opostos pelas condições de vida que o assentamento oferece. Daí então, são desafiados, como aponta Sales (2006, p. 158) a revolucionar o “cotidiano, tomando como ponto de partida o pensamento que o cotidiano ‘se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas’ (CERTEAU, 1999)”.

O cotidiano nesta perspectiva conduz os/as jovens a não viver limitados/as apenas aos modos de vida que o campo pode oferecer, pelo contrário, ao experimentar o “melhor dos dois mundos”, o melhor do campo junto com o melhor da cidade (CARNEIRO, 2007) esses/as jovens passam a conviver com

dilemas, mas têm a possibilidade de tecer experiências flutuantes, quando não encaram esse cotidiano de forma passiva, mas como algo que possam transformar a partir da relação que estes/as mantêm com esses dois cenários.

Como bem observa Pais (2003a), a vida cotidiana é um tecido de maneiras de ser e de estar, em vez de um conjunto de meros efeitos secundários de “causas estruturais”. Nesse sentido, as “maneiras de fazer” cotidianas são tão significantes quanto os resultados das práticas cotidianas tantas vezes analisada à margem de retóricas e expressividades próprias da vida cotidiana.

Essas expressividades da vida cotidiana não devem ser vistas somente pelos fatos ocorridos no interior dele que acabam sendo meras ilustrações. Ao contrário, devem ser analisados a partir dos fios tecidos neste cotidiano que vai desde a maneira que é visto e construído até as interrogações e as revelações que ocorrem.

Com base nessa concepção, destaco as falas de um jovem e de uma jovem que evidenciaram bem esse tecido construído no cotidiano a partir dos seus modos de vida.

Acho que nós jovem vive bem aqui, mas não tão confortável como o pessoal da cidade porque lá as coisa são mais acessível, aqui no interior a gente tem que sair pra ir pra cidade as vezes pra fazer umas coisas, pra uma consulta, alguma coisa. Eu achei legal um dia quando fui passar um tempo na casa da minha madrinha né lá em Fortaleza ai eu gosto de lá, ai eu fico assim com uma vontade de ir me embora mais ai eu penso que eu fui criado aqui né. Aqui no assentamento eu acho meu comportamento diferente dos outro jovem, porque os outros menino eles só gosta de futebol direto, eu não gosto, eu não saio muito, por isso que eu não gosto muito assim de sair porque as maioria dos assunto eu não gosto. Eu gosto de conversar sobre as novela, os programa, eu converso mais assim de televisão. Gosto de escutar música internacional, eletrônica. Por isso que eu não gosto assim de sair, eu não gosto muito de forró, só assim pra ouvir só, mais ai pra tá um bucado de pessoa, ficar bebendo eu não gosto. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Pra nós jovens aqui na verdade não tem praticamente nada pra gente fazer, tem festa pra quem gosta, eu gosto quando eu vou, mais não me faz falta. Todo final de semana tem jogo pra quem gosta. Eu tenho vontade de ir embora aqui do assentamento, mas agora, agora não, mais quem sabe né porque aqui é muito difícil as coisas, por exemplo, arrumar emprego, não tem opção por aqui então ir embora daqui não que seria a solução, mais uma opção né. Aqui falta uma parte assim de recreação, porque aqui não tem nada né. Acho que a gente vive diferente dos jovens da cidade por essa falta de recreação e pela distância. Já eu gosto muito de assistir televisão, gosto de assistir o jornal aquele de meio dia, o programa de esporte, a novela da tarde e quando eu to em casa de noite que eu assisto a fina estampa, só dia de sábado que eu assisto né, no domingo eu fico em casa, a noite a gente vai pra capela pra celebração, tem missa. (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Eu não vivo sem ir a uma festa, sem ir pra praça em Santana, não tem graça se eu não for porque aqui no assentamento já não tem nada pra fazer mesmo, um dia eu quero ir me embora pra bem longe daqui, na capital é melhor! (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

O estilo de vida no campo é interessante para esses/as jovens desde que eles possam, nas suas experiências cotidianas, escolher as maneiras de fazer este cotidiano, isto é, associado aos seus próprios interesses como destaca Elano quando demonstra sua falta de interesse pelos jogos de futebol o que o torna diferente dos outros jovens, e quando Alana diz que gosta de festa mais que não lhe faz falta, bem diferente de Isadora que relata “eu não vivo sem ir a uma festa”.

Nos depoimentos e nas observações, percebi que os/as jovens vivenciam e se posicionam de maneira bastante diversa (WANDERLEY, 2007). No entanto, houve situações em que suas falas se encontravam, principalmente, quando se referiam ao lazer, ao destacar que o assentamento “não oferece nada para fazer”. Quando passei a visitar o assentamento para acompanhar o cotidiano dos/as jovens, procurei entender como é viver como jovem no campo e em vários momentos, por vir de outro cenário social as diferenças eram bastante visíveis, principalmente, no que se refere ao lazer.

No lazer, os jovens buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de expressão e realização individual. As atividades de lazer criam certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária da rotina cotidiana. (BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2008).

Essa fuga temporária estimula esses/as jovens a dar um significado muito maior às atividades ligadas ao lazer, pois através delas é possível dizer que têm oportunidade de fugir e de ressignificar momentos do seu modo de vida no campo, o que não quer dizer que haja o interesse por parte deles/as de romper definitivamente com o seu lugar de origem.

Na visão de Carneiro (1998), os jovens do campo desejam a possibilidade de conjugar o melhor dos dois mundos: a tradição representada pela família, altamente valorizada como universo afetivo além de expressão e condição do pertencimento à localidade e à cultura de origem e à “modernidade”, que se traduz ao descobrir e ao realizar seus desejos e projetos como, por exemplo, ter acesso a serviços e bens de consumo inexistentes no campo, basicamente, relacionados ao lazer: cinema, shoppings, restaurantes, viagens, teatro, computadores e etc.

Para Sales (2006), essa mescla de dois mundos mexe com as necessidades dos/as jovens e as modificam, criando novos valores. Eles/as vivem o real, que consiste no trabalho da roça, nas idas e vindas aos açudes para apanhar água, nas viagens diárias a pé ou em caquéticos transportes para chegar até suas escolas precárias e, à noite, outro mundo se coloca à sua frente, quando sentam no sofá de sua sala, e um mundo colorido recheado de novelas mostra sua moda, estilo, linguagem, música, seus carros, apartamentos, seu padrão de beleza. Com isso, percebe-se o desejo desses/as jovens de sair do meio rural para conhecer outros lugares, passear, consumir, inserir-se no mundo urbano, ter acesso a bens de consumo relacionados ao lazer. Uma mistura entre os laços da sua cultura de origem com uma cultura urbana ocasionada, principalmente, pela comunicação intensa com a cidade a partir destes agentes de fora trazidos pelas novas tecnologias.

Segundo Castro (2007), ao mesmo tempo em que o mundo rural é visto de maneira diversificada pela construção de estradas e a ampliação dos meios de comunicação que diminui as distâncias físicas entre campo e cidade, ele ainda permanece um universo desvalorizado frente à cidade, tendo em vista as dificuldades existentes para o acesso a bens, infraestrutura, serviços públicos e políticas públicas. Ainda persiste também uma desvalorização cultural, pois são muitas as formas de estigmatização sofridas pelos grupos sociais rurais no seu cotidiano e nos espaços urbanos em que circulam, como demonstra a fala de dois jovens:

Quando fui estudar na escola em Santana eu sentia vergonha porque quando eu entrei lá eu não sabia de nada aí eu ficava toda ali no cantinho né toda vergonhosa, toda triste porque eu morava no assentamento, e os menino tudo sabido né, aí pronto eu fui tirando a vergonha, fui tirando, tirando aí depois eu competia com eles, aí pronto, mais os menino fazia pouco de mim porque eu morava nos mato porque nos mato só tinha animal, eu dizia é muito bem eu sou uma deles. Eles diziam assim: Ei tu mora na Floresta lá só tem animal não tem não? Eu disse tem e é muito, tudo passando na minha cara né que eu moro longe da cidade. (Rosário, 22 anos, ensino médio completo).

No começo quando fui estudar em Santana ou fazer qualquer coisa quando eu já entendia das coisas eu achei o pessoal da cidade diferente, eles sabem assim um pouco mais de mexer nas coisas né, sabe onde fica cada ponto, as coisas fica mais acessível, o linguajar é diferente, o comportamento, as vezes eles olham diferente pra gente que mora no assentamento. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Os efeitos práticos na vida cotidiana desses jovens que vivem no campo são marcados por constantes negociações entre as características culturais e

sociais do seu lugar de origem e aquelas encontradas em outros ambientes, considerados urbanos, negociações essas que vai ditando regras e códigos de como esses/as jovens devem agir. No entanto, existem aqueles jovens que, embora estejam adquirindo novos valores pela comunicação constante com a cidade para estudar, acessar a internet, trabalhar, fazer algum curso, ainda assim conseguem manter vínculos com a cultura local através da relação familiar e valorizam a moradia no campo, desde que eles não estejam completamente ocupados somente com atividades agrícolas. Sobre isso Carneiro (2008, p. 253) destaca:

Observaram-se em áreas rurais que apresentam melhores condições de infraestrutura (qualidade das estradas e dos meios de transporte que facilitem a comunicação com a cidade, saneamento básico, telefonia, etc) indícios de mudanças nos valores dos jovens no que se refere à relação campo-cidade. Influenciados pela própria valorização urbana do campo como “lugar saudável”, “tranquilo”, “sem violência”, os jovens começam a manifestar o desejo de permanecer na localidade de origem desde que ocupados com outras atividades que não a agrícola.

Mesmo que haja uma constante comunicação entre o campo e a cidade facilitado pelos meios de transporte e de comunicação, alguns/as jovens querem continuar no assentamento ao invés de migrar para a cidade e só valorizam o urbano quando necessitam buscar alternativas de emprego fora da agricultura, de estudo e de lazer, ou seja, de uma infraestrutura que tece a forma de vida desses/as jovens. Na busca destes elementos esses/as jovens transitam entre os modos de vida da cidade e do campo para estabelecer seus próprios hábitos balizados por esta transitoriedade como mostra os depoimentos.

Eu acordo, venho pra escola, ai volto pra casa, vou fazer o plano, quando eu não venho a tarde eu vou planejar as aulas, depois faço alguma coisa em casa ai só, quando não vou pra Santana porque tenho mais amigos em Santana, as vezes vou jantar com um casal amigo meu, ou vou pra festas. Quando eu tava de moto eu ia só, agora não, agora vou com o meu primo. Por isso que eu não acho ruim morar aqui porque aqui é muito próximo de Santana, não dar nem pra sentir falta de nada. (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Acho que hoje em dia os jovens daqui são cada um por si, uns querem ficar aqui, outros querem ir embora, é muito difícil os jovens sentarem na calçada, fazer uma fogueira nas festa junina, hoje eles saem é pra biritar na cidade, eles procuram amizade fora do assentamento e não dentro do assentamento, procuram trabalho não aqui mais fora mais já isso é porque precisam né, é como a faculdade que só tem em Sobral e algum curso como o meu de técnico de enfermagem que eu fiz em Sobral, eu tive que passar um tempo por lá. (Penha, 26 anos, ensino médio).

A relação mantida com a cidade direciona esses/as jovens para um processo de experimentação constante a partir de um campo de circunstâncias e de alternativas que não faz parte de seu cotidiano no assentamento, mas que acabam sendo somados a ele. A arte de conviver com vários elementos para atender as necessidades cotidianas. (CERTEAU, 2009).

Sob o olhar do autor citado, essas atribuições ao cotidiano acabam sendo realizadas por esses sujeitos sem a busca de muitas explicações, sem se preocupar com o significado profundo das diferenças que existem entre um lugar e outro. Essas práticas simplesmente se tornam silenciosas e repetitivas nas tarefas cotidianas feitas como que por hábito, embora sejam questionáveis pelos sujeitos em certos momentos e deva ser “idealmente um mundo a explorar”. (PAIS, 2003a, p. 56).

Explorar este mundo é um verdadeiro desafio que se coloca à sociologia e à antropologia contemporâneas, ou seja, o de mostrar como o enigmático e a decifração do cotidiano dependem da criação de novos significados e como estes estão na origem da revelação, nomeadamente quando os signos brincam com os significados, raramente mostrando o que são sob o que aparentam ser. (PAIS, 2003a).

Nessa direção, fui percebendo como os/as jovens experimentam e vivenciam modos de vida iguais e diversos ao mesmo tempo, centrados na educação, no trabalho e no lazer lançando desafios que busquei decifrá-los. Alguns, por possuírem seu meio de transporte, saem todas às noites em busca de diversão, no município de Santana do Acaraú. Outros ficam no assentamento com os amigos e com os primos conversando, jogando, na companhia do namorado/a ou assistindo a televisão em casa. Dentre esses/as jovens, alguns não se deslocam para Santana em busca de lazer, porque os pais não permitem ou por não desejarem mesmo.

Em relação ao trabalho e ao estudo, uns ajudam os pais na agricultura e nas tarefas domésticas, mas boa parte se desloca até o município de Sobral em busca de trabalho por não se identificarem com as atividades agrícolas e para ingressar na universidade ou em algum outro tipo de atividade ligada à educação e, geralmente, conseguem na fábrica de calçados Grendene³⁴.

³⁴ Grendene S. A. é um empresa brasileira de fabricação de calçados feitos em PVC e EVA. Foi fundada em Farroupilha, no Rio Grande do Sul, em 25 de fevereiro de 1971. Informações fornecidas pelo site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grendene>. Acesso em: 10 março 2012.

Isso é confirmado nas seguintes falas:

Durante a semana as vezes eu ajudo meu pai na agricultura, também ajudo a mãe botar água quando chego do colégio, ai depois vou pro projoventim. Quase todo dia a noite eu vou pra casa da minha vó, os meus primo vem tudo, a gente fica só brincando mesmo, jogando, ficar assistindo, só pra não ficar em casa mesmo. No fim de semana quando eu não vou pro jogo eu fico em casa ajudando a mãe porque eu não jogo bola né, ai as vezes eu vou só pra ver mesmo e vender picolé. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Agora que tou fazendo faculdade em Sobral todo dia eu acordo, meu pai vai me deixar de moto lá em Santana pra eu pegar o ônibus ou a topic pra ir pra UVA, quando eu chego meu pai vai me pegar de novo lá em Santana pra trazer pra casa. Eu só vou mesmo pra cidade porque precisa, porque sinceramente eu tenho é preguiça, porque tudo que a gente precisa tem lá, inclusive a faculdade, na cidade é mais urbanizado né! (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

De manhã eu ajudo a minha mãe nas coisas, tiro um tempinho pra estudar, ai as vezes vou na casa da minha tia a tarde eu assisto televisão, quando eu canso de assistir eu vou pra casa da minha tia de novo, que é bem próximo, a noite vou pra Santana pro cursinho. Durante a noite quando eu não fazia cursinho eu as vezes ia pra capela porque as vezes tinha missa, celebração. Eu faço parte da equipe do dízimo, faço parte da equipe da liturgia, eu leio a liturgia na missa, tem a celebração todos os domingos, sábado agora que vem vai ter o estudo da campanha da fraternidade. (Ivone, 17 anos, ensino médio completo).

Minha vida é assim né, quando eu me acordo de manhã eu vou procurar minhas obrigação de casa, tomo café né ai vou cuidar das coisas de casa né, como barrer uma casa né, fazer almoço, ai de meio dia nos almoça e vamu cochilar um pouquinho né, assim os homi lá de casa, mais eu é difícil eu, se eu dormir a tarde eu não durmo a noite, ai quando é tarde pronto vou de novo fazer as coisa tudo do mesmo jeito, tudo, tudo né, varrer casa, fazer a janta ai chega a noite ai nois vamu jantar, seis e meia sete horas né ai quando é sete e meia eu to no fundo da rede, eu só vou pra frente da televisão pra assistir a rebelde e pronto né, ai quando é sete meia eu vou pro fundo da rede ai fico lá me balançando pronto assim até o outro dia. No sábado e domingo eu também não saio pra nenhum canto, assim pra dizer nenhum canto né é muito difícil eu ir em Santana a noite, é muito difícil. Eu gosto de festa mais a mãe não deixa né, deixa não, de jeito nenhum, eu peço a ela pra ir, ela, vai fazer o que em festa. Eu namoro e faz três anos agora em maio. Eu só namoro assim nas parte de manhã, tem vez dia de domingo de manhã, quando eu não quero a noite é de manhã né. Ele trabalha na Grendene vai interar 8 anos. Meu irmão também trabalha na Grendene e vai de moto, as vezes vai pra Santana a noite. (Rosário, 22 anos, ensino médio completo).

A tessitura dos modos de vida desses/as jovens e as escolhas feitas não se restringem unicamente a razões ligadas à integração campo e cidade que ditam maneiras de viver o cotidiano. Há de fato, escolhas que partem especialmente dos vínculos pessoais com o lugar, das relações sociais tecidas no interior da família, dos amigos que acabam por marcar a vida cotidiana desses/as jovens, mesmo que

os fios deste tecido ainda consigam mostrar a “imagem de um jovem desinteressado pelo campo e atraído pela cidade”. (CASTRO, 2005, p. 322).

Entretanto, dizer que todo jovem rural “tem como sonho viver na cidade é simplificar uma realidade complexa, e merece um tratamento cuidadoso” (SALES, 2006a, p. 136), uma vez que cada juventude apresenta uma experiência de vida rural a ser revelada. Essa revelação,

supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. (WANDERLEY, 2007, p. 23).

Essa inserção na sociedade trata da possibilidade de realizar uma multiplicidade de sonhos e desejos que somente a cidade pode oferecer, sendo “vista como um lugar das oportunidades, pelo maior número de ofertas de emprego, de escolas, de lazer e mais acesso a bens e serviços” (SALES, 2006, p. 153) embora alguns/mas jovens centrem esses sonhos e esses desejos unicamente sob a ótica do trabalho como aponta um deles:

A juventude do assentamento a maioria assim antigamente hoje em dia não é tanto, mais antigamente era muito desligada, achava que depois que fizesse o terceiro ano não tinha mais faculdade, teve um tempo também que o pessoal só pensava em entrar na Grendene, até hoje ainda tem muito jovem empregado na Grendene, porque naquele tempo achava que terminar o terceiro ano era pra entrar na Grendene, ai pronto, por isso que tem muita gente aqui das Águas Belas trabalhando na Grendene, já hoje eu acho que nem todo jovem quer ir trabalhar na Grendene, mais também não quer ficar só aqui no assentamento, eles querem fazer uma faculdade e a escola ajuda a dar mais informação sobre o que fazer...o que querer trabalhar... o que querer estudar. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

A importância da escola é destacada na fala de Elano como contribuição para melhor refletir sobre os caminhos que serão trilhados em se tratando do seu modo de vida e dos/as jovens do assentamento. Nessa mesma direção, Carneiro (2008, p. 251) destaca o papel dessa instituição na vida dos jovens rurais e mostra os vários significados que ela emite.

A escola preenche idealmente, uma condição para a realização dos projetos individuais, o que, na maioria das vezes, implica a saída da localidade, trazendo consequências negativas para o processo sucessório nas famílias de agricultores, principalmente daqueles cuja reprodução social não é satisfatoriamente garantida pela atividade agrícola. Mas a escola não tem importância apenas como um meio facilitador do acesso ao mercado de trabalho, ela se destaca igualmente como importante espaço de

sociabilidade (“onde se faz amigos”) e como provedora de ensinamentos para o dia a dia. Nesse sentido, a escola é uma instituição que compete com os pais na socialização dos filhos, podendo introduzir tensões (positivas ou negativas) no universo das relações familiares, alimentando conflitos intergeracionais.

Para além da condução dos projetos individuais, os ensinamentos para o dia a dia, o significado da escola para os/as jovens pesquisados/as transita entre os aspectos positivos quando têm mais um espaço de sociabilidade fora do seu lugar de vida que dar oportunidade para esses/as jovens construírem amizades fora do assentamento e usufruir de alguns serviços ausentes no campo como uma *lan house*, por exemplo, e os aspectos negativos relativos a própria condição que eles carregam de ser do campo e estudar em um espaço urbanizado. Inclusive quando estive na escola onde eles cursam o ensino médio em Santana do Acaraú, percebi o quanto alguns ficaram retraídos quando foi mencionado pelos professores que eles residem em um assentamento rural. Ademais, foi revelado nos diálogos que mantive com os/as jovens, como eles acreditam que há diferença na sua maneira de ser e nos hábitos e práticas que permeiam seu cotidiano dos jovens que residem na sede como aponta três jovens:

Quando fui estudar no Nazaré que eu comecei a tá todo dia em Santana eu vi que existe uma diferença entre os jovens de lá e eu, o pessoal de Santana são mais, mais, sei lá, eles são assim mais divertido, assim. Eu sou divertida assim, mais igual a eles não. Eu sou muito tímida e eles não. (Ivone, 17 anos, ensino médio completo).

No tempo que eu tava na escola em Santana que eu convivi com o pessoal de Santana eu não vi diferença na forma de vestir, de estudar, mais no comportamento sim, porque o comportamento deles é diferente dos daqui, porque eles são mais assim, sei lá como é que eu digo, os daqui têm mais vergonha e os de lá não, os daqui são mais tímidos e os de lá não apresentam muita timidez, por exemplo, eu sou muito tímida, também a forma que nossos pais nos criam é diferente dos pais de lá por isso acho que tem diferença. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Os jovens da cidade é muito diferente dos daqui, lá na cidade os jovens é quase todo assim na brincadeira né, bebe, vive em festa, aqui tem alguns que é mais calmo né, mais tem outro que da pra ser mais gaiato né, bebe, joga, é o que eu penso né! (Rosário, 22 anos, ensino médio completo).

Discutir o estilo de vida de um jovem que reside no campo é ir além do lugar onde ele constituiu suas raízes. É perceber através do cotidiano como se revelam as linhas de continuidade e de ruptura dos elementos da cultura local a partir dos espaços de sociabilidade que esse jovem frequenta fora do seu lugar de

origem, tendo em vista que nessa ampliação novos valores acabam sendo incorporados aos modos de vida deste jovem, como mostra Carneiro (1998, p. 61):

Na mobilidade rural-urbano há um movimento em direção dupla, de um lado, a reapropriação dos elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, de outro, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que pode alimentar a sociabilidade.

Essa sociabilidade que normalmente acontece no encontro com os amigos na escola, com os familiares no assentamento, nos jogos de futebol e nas missas nos finais de semana, ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade da cultura local se rompe quando existe uma proximidade com a cidade, já que os/as jovens passam a circular e a conviver com costumes tipicamente urbanos embora nem todos sejam capturados e eles percebem as diferenças que existem entre aqueles que vivem na cidade e no campo.

Mesmo assim esses/as jovens acabam se deparando com o dilema provocado pela transição entre campo e cidade. Na concepção de Sales (2006a) esse contato com a cidade e com o campo induz os jovens a ficarem divididos entre a escolha de dois mundos diferentes. No campo, os afazeres domésticos, o trabalho na agricultura, à noite e nos fins de semana, a conversa com os amigos, as brincadeiras, o mundo televisivo. Na cidade, o mundo corrido, com seu estilo, sua linguagem e seus símbolos. Uma mistura que acaba mexendo com os desejos dos jovens de querer permanecer no campo ou migrar para cidade.

Na minha pesquisa a tessitura do modo de vida de cada um dos/as jovens cruzava com as linguagens e símbolos desses dois lugares. Nas suas falas eles desejavam ampliar seus espaços de inclusão social, principalmente pela ótica do trabalho, da educação e do acesso as novas tecnologias, mas ao mencionar a possibilidade de migrar para a cidade para usufruir destes bens e serviços alguns mudavam de opinião ao levar em conta as relações afetivas construída com os familiares e amigos e com o assentamento.

Contudo, para esses/as jovens há a possibilidade de combinar esses dois mundos, tendo em vista a proximidade do assentamento a cidade, que dista apenas 5 km. Mesmo assim, nem todos os/as jovens incluem tudo o que a cidade oferece ao seu cotidiano e alguns me confessaram que preferem estar na companhia dos pais e dos amigos ao invés de estar na praça ou em alguma festa em Santana do Acaraú e

que pretendem ou cursam uma universidade, mas morando na casa dos pais sem precisar ir embora para Sobral, Ceará. Já outros, desejam ir até mais longe, para a capital cearense e a capital paulista cursar uma universidade, conseguir um emprego e usufruir o que se oferece de lazer.

Eu quero ir pra bem longe daqui, de Fortaleza pra lá, até São Paulo. Quero fazer o curso de engenharia e ter minha independência, trabalhar, ajudar minha mãe, mais não quero trabalhar de babá, de empregada doméstica, vou estudar pra ser alguém na vida. (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Hoje eu quero trabalhar e não casar, casar Deus me livre agora. Mais eu mesma nunca sai de casa pra ir atrás de emprego, mais se aparecesse era bom, sem ser na Grendene, eu quero trabalhar em uma loja, num mercantil, depende do salário, assim eu mando o meu namorado olhar na internet lá no sine né ele disse que tem muito emprego é de babá né, de secretária, um monte de coisa, mais pra mim não da não, assim né esse negócio de babá não é comigo, ficar na beira do fogão né, Deus me livre também. (Rosário, 22 anos, ensino médio completo).

Os depoimentos de Isadora e de Rosário afirmam uma realidade que transita pelos assentamentos rurais. O sonho de parte dos/as jovens de conseguir melhor qualidade de vida e, acreditam que sair do assentamento para as grandes cidades é o caminho para concretizá-lo. Há também mudança nos valores e nos comportamentos das jovens rurais ao se referirem ao matrimônio, à formação da prole como demonstra a fala de Rosário quando o casamento não aparece como uma prioridade em sua vida e sim o trabalho, bem diferente dos estudos desenvolvidos nas sociedades camponesas, onde a mulher era preparada para o casamento ou encaminhada para a vida religiosa.

Segundo Carneiro (2001), essa mudança de comportamento se explica pelo enfraquecimento da autoridade patriarcal decorrente do estreitamento das relações entre o campo e a cidade, abrindo novos espaços à socialização feminina. Com isso as mulheres já não veem no casamento e na atividade religiosa as únicas fontes de inserção social.

Em sua pesquisa, Sales (2006) percebe um fato importante sobre a saída das jovens do campo, em busca de oportunidades de trabalho, estudo e lazer, presente no depoimento de Isadora. A autora destaca o retorno dessas jovens ao campo e explica que a exclusão da cidade tem empurrado algumas delas a voltar às suas famílias, muitas vezes grávidas ou já com um filho para sustentar.

Com isso, percebe-se que a experiência de migrar para a cidade nem sempre é satisfatória, pois a maioria dos jovens de residência rural quando se

deslocam para as grandes cidades acabam indo morar nos subúrbios e a ocupação mais comum “entre os rapazes é de serviços gerais, enquanto as moças é o emprego de doméstica ou vendedora de lojas” (SALES, 2006a, p. 140), embora não sejam esses os empregos que os/as jovens sonham para sua vida quando decidem sair do assentamento para a cidade.

Durante a pesquisa, percorri vários caminhos para compreender como esses/as jovens teciam seus modos de vida. Realizei não só entrevistas individuais, mas promovi alguns encontros grupais para facilitar a coleta de dados. Entendi que observar o cotidiano desses/as jovens para que os modos de vida fossem desvendados precisaria, para além das observações, um olhar calmo, que não capturasse “o visível e aparente, deixando escapar os mais variados processos que possam nos levar a pensar, sentir e conhecer o movimento que não para de recriar”. (SALES, 2006, p. 161).

Em uma reunião com seis jovens pedi para que eles/as descrevessem os modos de vida da juventude de Alvaçan Goiabeiras. Eles construíram a seguinte frase no cartaz: “No assentamento de Alvaçan Goiabeiras, a maioria dos jovens estuda, alguns trabalham e todos têm seu momento de lazer, por exemplo, jogar futebol, passear na casa dos familiares e amigos.”

Quando abri a discussão no grupo eles/as acrescentaram outras práticas cotidianas como namorar, ajudar os pais, tomar banho de açude, escutar música e enviar mensagem do celular, acessar a internet (*facebook*, *msn*, *google*). Apenas uma jovem sorrindo disse: “pode colocar aí que eu gosto de ir para a praça e para festas”. (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Perguntei aos demais se eles também tinham a mesma preferência como sua colega, eles sorriram e disseram que não, mas alguns acabaram confessando que não iam porque os pais não permitiam e não por falta de vontade. Por fim, mencionaram a celebração aos domingos. Isadora, na ocasião, anunciou que não gostava de ir à missa e só frequentava porque a mãe obrigava. A expressão do rosto do restante dos/as jovens foi de muita admiração, uma vez que quase todos ali presentes participam das atividades ligadas à Igreja.

Certo dia, enquanto assistia a uma celebração no assentamento, fiquei observando o comportamento deles/as e enquanto os/as jovens estavam atentos à missa, Isadora não parava de mexer no celular e na máquina digital e de circular pela Igreja.

Sobre o resultado da dinâmica, percebi que os/as jovens não conduzem seus modos de vida da mesma maneira, apesar de experimentarem situações semelhantes no assentamento, como a relação familiar, os amigos, a tranquilidade e a segurança que o campo oferece assim como a ausência de escola, universidade, trabalho e lazer.

Com isso, os jovens vão escolhendo que caminhos trilhar pelo seu cotidiano. Alguns jovens conseguem encontrar maneiras de “converter o cotidiano em permanente surpresa” (PAIS, 2003a, p. 26) quando vão criando alternativas para vivenciar as práticas cotidianas que são entendidas por eles/as como algo repetitivo, desinteressante. Outros preferem alimentar o sonho de sair do assentamento e migrar para as capitais na busca de conseguir emprego, estudo, autonomia. Mas, todos eles/as acabam enfrentando o dilema de ficar ou sair do assentamento, ao perceber a cidade como o local de oportunidades e experimentar em alguns momentos o desejo de sair do rural, pelas condições de vida que ele oferece e ficar pelas raízes afetivas com os familiares, amigos e com o lugar.

Sales (2006) acredita que nos assentamentos rurais do estado do Ceará existem muitos jovens que sonham com a cidade, que querem sair do campo, mas também há os que desejam ficar, e ainda aqueles que querem permanecer, mas se sentem empurrados a migrar devido a suas condições de vida e os que ficam é porque não tiveram ainda oportunidade de sair. São situações diversas que não podem ser analisadas somente pela “cultura da migração”, ou em função dos atrativos da cidade, porque têm múltiplos determinantes e, necessariamente, um não exclui o outro.

Para compreender o modo de vida do/a jovem de Alvaçan Goiabeiras precisei transitar por vários caminhos que me levaram a passar pela relação campo e cidade presente no dia a dia dos/as jovens, pela educação, pelo trabalho e pelo lazer. Na verdade nada foi pré-estabelecido, esses encontros foram acontecendo a partir das vozes capturadas que me ajudaram a conduzir esse processo nesse percurso. Através delas fui visualizando esses fios ligados ao modo de vida de cada jovem. Na ocasião também tive oportunidade de apresentar vários elementos que compõe a condição de vida desses/as jovens, sem congelar nem uma, nem outra dimensão, atravessar por todas elas e trazer de cada uma algo que me ajudou a revelar os modos de vida desses/as jovens.

Revelados esses modos de vida, abordarei no capítulo seguinte o que foi desvendado sobre o uso das novas tecnologias no cotidiano dos/as jovens e como elas foram se conectando ao seu modo de vida. Para, além disso, apresentarei como os/as jovens vêm descobrindo e tecendo essas conexões em seus cotidianos, suas compreensões sobre este universo, a importância que eles/as atribuem a isso e de que maneira constroem conhecimentos inseridos neste contexto.

4. NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTICs): FIOS QUE SE LIGAM AO MODO DE VIDA DOS/AS JOVENS DE ALVAÇAN GOIABEIRAS.

Desvendar a tessitura destes fios ligados/conectados ao cotidiano dos/as jovens foi mergulhar em um universo cercado de muitos enigmas que só conseguiram ser decifrados quando transitei pelas ações realizadas simultaneamente no mundo virtual através das tecnologias digitais (celular e computador) que surgem como a infraestrutura do ciberespaço, interligando informações e pessoas. Também no mundo real, realizei descobertas através de observações, entrevistas individuais e interações grupais. Nesse trabalho, o virtual não se opõe ao real, se entrelaçaram e são dimensões de uma mesma realidade.

O meu interesse não se restringiu a conhecer o significado destas tecnologias para o cotidiano dos/as jovens, mas como essas mídias se desenhavam em seus modos de vida e como eles se viam neste oceano de informações e passavam a flutuar, a navegar sobre ele, consolidando com isso mudanças em seus modos de vida.

Antes das incursões pelo cotidiano dos/as jovens, decidi consultar através das primeiras informações que obtive, as redes sociais que estes sujeitos visitavam, interagiam e construíaam laços. Dos/as oito jovens investigados quatro possuíam perfil no *orkut*, sete construíaam no *facebook* e apenas uma jovem não adquiriu um perfil em nenhuma dessas mídias, mas acessava o *google* e outros sites que tinha necessidade de se conectar com o virtual para obter informações.

Durante as nossas conversas, descobri que havia uma preferência pelo *facebook*. Ansiosa, para entender essas diferenças, procurei navegar pelas duas redes sociais e dialogar com navegadores experientes no meu próprio *facebook* para compreender melhor tudo isso. Nesta navegação encontrei essa comunidade postada no *facebook* (*Orkut* é passado agora a moda e o *face!!!*). Também dialoguei com um dos jovens pesquisados sobre isso através de uma mensagem de texto.

Figura 18 – Imagem de comunidade do *Facebook*



Curtir

ORKUT E PASSADO AGORA A MODA E O FACE!!!

Comunidade

Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/ORKUT-E-PASSADO-AGORA-A-MODA-E-O-FACE/161329893938424>>

Rinelle: Porque tu não fez um orkut pra ti?

Elano: Eu vi na tv que orkut ta tao fora de moda!

Rinelle: O que está na moda hj?

Elano: hj em dia eu acho que é o *facebook* e o *twitter*.

(Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

O que me foi revelado nas conversas pela internet e pelos diálogos mantidos com os navegadores e com os próprios jovens é que o *orkut* estava saindo de “moda”, dando lugar a essa rede social que, na opinião deles, abrigava muitas vantagens que o *orkut* não conseguia oferecer, como os aplicativos, privacidade e uma maior possibilidade de criar relações, compartilhar opiniões e construir conhecimento com pessoas de outros espaços geográficos, quando estas vão compartilhando opiniões, informações que acontecem cotidianamente com elas e pelo mundo inteiro em tempo real. Atualmente o *facebook* atingiu uma popularidade sendo o mais acessado, só perde para o *google*.³⁵

Essas mudanças me fizeram perceber que nesse universo o cenário se modifica rapidamente e enquanto me debruçava para escrever esta dissertação muitas novidades já tinham sido postas na rede. Considero que por essa razão é difícil pensar posições fixas em se tratando das redes sociais, uma vez que suas configurações tem uma velocidade muito intensa, o que não quer dizer que todos os usuários consigam compreender e acompanhar essas mutações.

Durante a escrita da dissertação abri uma janela na internet para realizar minha primeira caçada³⁶ sobre o efeito das redes sociais no cotidiano de jovens brasileiros. Entre um desvio e outro, encontrei uma pesquisa postada em maio de

³⁵ Informação extraída da revista *Época* na matéria “O celular que escraviza” em 11 de junho de 2012. Disponível no site: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/06/o-celular-que-escraviza.html>>. Acesso: 15 jun. 2012.

³⁶ Segundo Levy (1999) esta caçada é aquela em que se procura uma informação precisa, que se deseja obter o mais rápido possível.

2012 pela ConsumerLab, laboratório de pesquisas de comportamento da Ericsson³⁷, mostrando que, no ano de 2012, quase 80% dos jovens entre 15 e 24 anos acessam as redes sociais. 14% dos jovens acessam o *facebook* pelo menos uma vez por dia. A segunda preferência é o *twitter* com 12,8% de acesso, e o *skype*, 3,6%. O *facebook* só perde para o *MSN*, utilizado por 21,6% dos jovens, e para o *YouTube*, com 17,2% dos acessos. Este cenário mostra claramente que no Brasil o uso das redes sociais entre os jovens têm crescido rapidamente, independentemente das diferenças no estágio de penetração da banda larga, sendo explorado o potencial das redes 3G. Vale ressaltar que nem todas as operadoras de telefonia móvel oferecem este serviço no estado do Ceará.

O uso da internet no campo é real, mas ao partir para o atual, é possível perceber que ela atinge geograficamente de forma desigual as regiões, seja pela ausência de serviços de telefonia móvel oferecida pelas empresas de telefonia, condições físicas que possibilitem a instalação de internet a rádio fornecida por provedores locais, seja pela situação socioeconômica desta população que impede o uso destes serviços e de adquirir equipamentos (computador, celular) para o uso pessoal associado aos serviços oferecidos pela internet. A “diminuição do isolamento do campo não garante algumas condições de acesso a determinados bens e serviços”. (SALES, 2010, p. 27).

Entretanto no assentamento rural investigado o acesso a internet é algo presente na vida desses/as jovens assentados. Inspirada pela etnografia, capturei as vozes desses/as jovens para descobrir os primeiros passos que eles deram para embarcar nessa navegação, o que eles foram descobrindo nesse percurso, os fios que eles foram conectando ao seu modo de vida e as rotas que eles passaram a realizar em seu cotidiano após esta experiência.

A primeira vez que mexi no computador foi lá em casa, no computador do meu irmão pra desenhar. No computador eu sei mexer na internet e pra jogar, assim eu não sei de tudo ainda porque a mãe ainda ta ajeitando pra fazer meu curso mais eu já fiz meu *email* e meu *facebook* e pesquiso na internet pra os trabalhos da escola. Aqui não tem internet aquela que paga todo mês porque assim é difícil, o dinheiro todo mês né, mais aí o pai comprou um *modem* que tem pra vender pra colocar o chip da tim e aí a gente só faz colocar crédito, é assim que eu e meu irmão entra na internet, quando tem crédito ou quando vou pra Santana com meu irmão ou quando

³⁷ Informações fornecidas pelo site: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/08/um-em-cada-dez-jovens-brasileiros-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-por-dia.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

eu vou pro Projovem que eu vou pra o centro cultural. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Quando eu estudava no Nazaré no começo do ano, eu fui pesquisar um trabalho e eu não conseguia de jeito nenhum ai eu pedi a Dulcine né, Tia Dulci que fica lá na sala da informática, como é que mexe nisso aqui, eu to doida pra fazer este trabalho aqui né procurar este trabalho, como mexe nisso aqui eu quero aprender, ela disse minha filha é assim, assim assado né, ai tem que botar o copiar, ela mandava eu descendo né quando eu terminava aquelas parte, ai pronto teve essa primeira vez ai, depois fui fazer o meu orkut com as amiga lá na Porcinia. Até hoje eu vou lá na casa do meu namorado ele fica mexendo lá e nem pra pegar aquela tartaruginha eu não pego porque não gosto de pegar num que não é meu, eu vou lá é para Porcinia quando eu quero mexer sozinha. (Rosário, 22 anos, ensino médio).

Desde o momento que comecei a mexer no computador e na internet eu não tenho vergonha de dizer que vivo no assentamento. Lembro que fui para o computador a primeira vez para fazer meu *msn* e meu *orkut*, depois com o tempo eu fiz meu *facebook*. Pra mim a internet é muito boa, legal, eu gosto de acessar pra me comunicar com os meus amigos, ver as atualizações dele, eu coloco as minhas atualizações, fotos, também é bom pra os trabalhos da faculdade e da escola. (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Os depoimentos de Elano, Rosário e Laércio rompem com a ideia de que os/as jovens do campo não navegam pelo ciberespaço. Encontrei jovens com interesses diversos ao acessar a internet: Uns gostam de sites que forneçam informações para agregar às atividades escolares; outros usam esses sites, mas preferem as redes sociais como entretenimento, ou seja, esta acessibilidade à internet propicia, no cotidiano desses/as jovens, uma teia de significados.

No entanto, caminhando pela pesquisa de campo percebi que, para acessar a internet alguns/as do/as jovens investigados realizam várias rotas: deslocam-se de sua residência até a casa de um amigo no assentamento que possua computador com internet a rádio; vai até a cidade ou opta pelo celular. Entretanto, algumas vezes, o sinal não chega ao lugar onde moram, então, não conseguem se conectar, principalmente, quando o sinal de telefonia móvel vem de uma operadora que não é de boa qualidade, como apontam Isadora e Laércio:

Assim, quando eu vou acessar a internet eu vou na casa do Dedé que fica perto da minha casa, vou lá na rua (se refere a sede) ou fico tentando olhar no celular mais eu não gosto. Não gosto de passar muito tempo sem ver nada sabe na internet, porque as noticia é importante pra fazer a redação na escola e também gosto de ver meu *orkut* e meu *facebook*. (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Eu acesso a internet no *netbook* do meu irmão, quando ele não tá em casa que eu to afim de dar uma volta em Santana com o meu primo eu vou pra casa das minhas amigas pra acessar. Quando precisa passar algum *email*

assim pra Liduina ai eu vou logo em Santana pra Porcinia. (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Curiosa para entender melhor as possibilidades de acesso à internet oferecidas a eles/as no assentamento e as rotas que eles faziam em seus cotidianos para esta acessibilidade decidi realizar um mapeamento para verificar quantos computadores existiam no assentamento e como os/as jovens participantes da pesquisa os usufruíam.

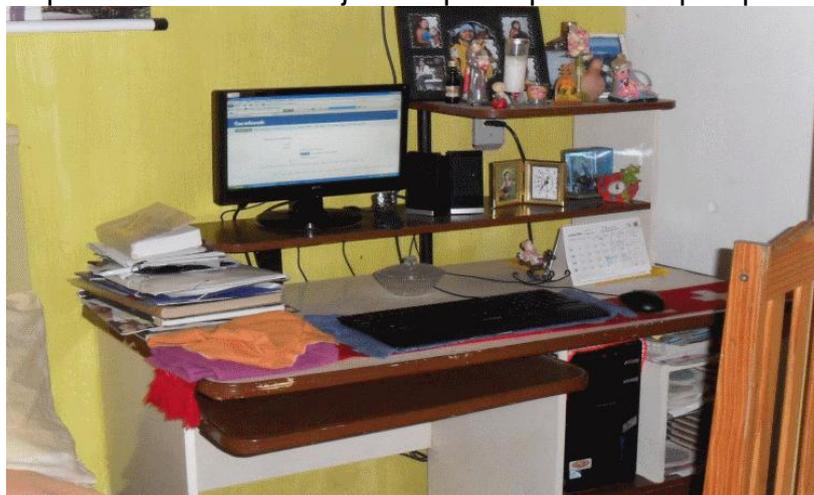
Verifiquei que atualmente há dez computadores distribuídos pelo assentamento. Dos/as oito jovens participantes da pesquisa, três utilizam um computador de mesa e um jovem usa um *netbook* em suas residências. Desses jovens, apenas uma navega em casa por disponibilizar de internet a rádio fornecida pelo provedor e só realiza acessos fora dela quando está viajando. Os outros três jovens, embora acessem em casa pelo *modem* utilizando a internet fornecida pela empresa de telefonia móvel, muitas vezes precisam realizar outras rotas para estarem conectados tendo em vista que o sinal é ruim. Eles/as se movimentam assim como os outros que não possuem nenhum tipo de acesso disponível em casa, seja por não possuir um computador, ou por não ter um celular que tenha a internet como um dos aplicativos.

Essa situação leva os/as jovens a se deslocarem até a casa de um assentado que possui internet a rádio ou a cidade em busca de uma *lan house* para conseguirem estar conectados. Quando perguntei o motivo da operadora de acesso à internet eles/as me responderam: “É mais barato, custa só 0,50 centavos o acesso por dia, por isso que a gente prefere ela, mais ela é ruim, lenta”.

Quanto à descrição dos computadores distribuídos pelo assentamento temos: Uma jovem possui seu próprio computador e obtém sinal de internet a rádio fornecida pelo provedor Net Onda³⁸, como mostra a imagem a seguir:

³⁸ Provedor de serviços da internet. Possui duas torres no município de Santana do Acaraú. Alcance de 5 km para fornecer sinal.

Figura 19 - Computador de uma das jovens participantes da pesquisa



Fonte: Fotografia da autora (2011)

Outra jovem divide o uso do computador com seus dois irmãos e utiliza o *modem* inserindo o chip da empresa de telefonia móvel para conectar-se à internet. Segundo ela, o pai chamou os técnicos para instalarem internet à rádio, no entanto, não foi possível, pois o sinal não alcançava a residência.

Já outro jovem compartilha o acesso ao computador com o irmão, que recebeu esta máquina no ano de 2010 como prêmio do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica (SPAECE). Já o acesso à internet ocorreu precisamente em março de 2012. Soube da informação através da seguinte mensagem de texto: “rinele to tao feliz aqui em casa agora tem internet” (mensagem de texto recebida em 21 de mar. 2012). Perguntei o tipo de sinal, ele respondeu: “e no *modem* com o chip da tim mais acho que da para usar chip de outra operadora”.

Outro jovem relatou que sempre quando quer navegar na internet pede ao irmão seu *netbook*, a internet é transmitida por intermédio do *modem* com o chip de uma operadora. Uma das jovens mencionou em nossas conversas que frequentava a casa do namorado quando precisava fazer alguma pesquisa na internet, aproveitando a oportunidade para acessar seu *orkut*. É um computador de mesa e a Fasternet fornece o sinal de internet.

O restante dos computadores os/as jovens participantes da pesquisa não tem acesso, mas mesmo assim busquei mapeá-los: Um computador de mesa é da filha de uma liderança do assentamento, usado somente os fins de semana quando ela vem visitá-lo, pois estuda e trabalha no município de Sobral. Contratou os

serviços da Net onda em março de 2012. Um *notebook* é da filha de D. Suzete, comprado no mês de março de 2012. Os técnicos da Net onda foram instalar internet, mas não obteve sinal na área. A justificativa é que a comunidade de Águas Belas é muito alta em proporção a Santana do Acaraú, lugar onde as duas antenas estão instaladas. Os cajueiros atrapalham igualmente a chegada do sinal, pois a folha do cajueiro provoca a oscilação de sinal por sua oleosidade. As ondas de radio batem e voltam impedindo a estabilidade do sinal. Encontrei um computador de mesa de um professor com sinal de internet fornecido pelo provedor da Fasternet.

Há dois computadores de mesa, mas sem acesso a internet. O primeiro deles foi um presente que o pai deu para os dois filhos, já adultos, que ainda residem em sua casa. Quando questionei a falta de uso da internet, ouvi a seguinte resposta: “Não deu minha filha, o rapaz disse que a folha do caju é oleosa e atrapalha vir pra cá, a distância também não dá, meu filho disse que ia comprar um, um, não sei não, que dar pra colocar do celular dele”. Em outro momento conversei com os técnicos que instalam internet e eles confirmaram tal colocação.

Por fim, fui até a casa de uma senhora, conduzida por D. Suzete. Encontrei um computador de mesa, presente para a filha de quinze anos. Ao indagar sobre a ausência da internet ela me relatou que não tinha necessidade, pois a filha, uma jovem de quinze anos não tinha idade pra ficar acessando sites de relacionamento e as pesquisas na internet poderiam ser feitas na escola ou na casa das colegas. A jovem, que estava presente, confirmou a fala da mãe e demonstrou falta de interesse em conhecer as redes sociais e preferiu um curso de inglês ao invés da instalação da internet. Realizei uma pesquisa pelas redes sociais e não encontrei nenhum registro dela.

Após esse levantamento, aponto algumas impressões relacionadas às limitações que rodeiam as conexões da internet no campo, seja pela condição socioeconômica, pela estrutura física que impede a chegada do sinal ou até a demonstração de alguns pais que não veem esse acesso como algo importante para o processo formativo dos filhos.

A falta de acesso à internet no campo revela o isolamento e a falta de políticas públicas, embora haja soluções para esses problemas no discurso de inclusão digital. A resposta da presidente Dilma a um agricultor sobre a cobertura de internet na zona rural ainda é um sonho no assentamento Alvaçan Goiabeiras.

Você é agricultor e, por isso, eu gostaria de dizer que vamos dar atenção especial à questão da internet no campo. Em abril, a Anatel vai fazer um novo leilão para permitir que todas as áreas rurais do Brasil contem com serviços de telefonia e conexão à internet. Vamos, inclusive, conectar 100% das escolas rurais. Por último, quero destacar que a Anatel aprovou recentemente novas regras de qualidade para banda larga fixa e móvel. Agora, as empresas terão que oferecer conexões de internet com velocidade efetivamente contratada. (Reportagem com a presidenta Dilma publicada no jornal Diário do Nordeste em 20 dez. 2011).

Essa fala confirma as restrições de serviços da internet ainda existentes em algumas áreas do campo, embora haja um interesse por parte do poder público federal em alargar essa rede. A distribuição de torres de telefonia móvel vem expandindo os seus serviços, mas com muitas limitações. No município de Santana do Acaraú, por exemplo, disponibiliza apenas de uma torre da operadora Claro. O sinal das operadoras Tim e Oi vem do município de Sobral, Ceará e da operadora Vivo não tem nenhum sinal. Alguns moradores do PA se queixam da indisponibilidade de sinal de telefonia e internet móvel em algumas áreas distribuídas pelo assentamento, principalmente em relação à conexão à internet, constatado na pesquisa de campo.

Navegando pela internet encontrei em vários blogs protestos de moradores que não possuem sinal de telefonia móvel em sua região confirmando a preocupação da presidenta Dilma em alargar os serviços de telefonia móvel e conexão a internet pelas áreas rurais do Brasil.

Figura 20 - Imagem extraída de um blog denunciando a ausência de sinal de telefonia móvel



Fonte³⁹.

³⁹ Esta imagem é uma placa que está situada em algum local do território brasileiro extraída do site: <<http://ipaumirim.net/colunas//index.php/2010/05/24/22-cidades-do-ceara-ainda-sao-mudas-para-o-celular?blog=10>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

Como a maioria dos/as jovens investigados/as enfrentam limitações quanto ao acesso a internet eles vão encontrando outras saídas para continuar usufruindo das novas tecnologias, utilizando o celular para escutar música, jogar, bater papo através de mensagens de texto compartilhando o seu modo de vida, experimentando nesse movimento outras direções ao seu cotidiano usando tais tecnologias.

Jovem: Boa noite rinely!

Rinelle: Boa noite, como está?

Jovem: Tudo ótima cheguei a pouco do cursinho. As aulas sao bem empolgantes. Meus dias estão so estudo, e a tarde eu tou indo pro PROJOVEM, inclusive amanhã vai ter reuniao dos pais. Ah ontem foi o noitario da alvaçã eu acho que vou sabado pro leilão.

Rinelle: Que bom, tem que estudar e se divertir também! (mensagem de texto enviada dia 13 de mar. 2012) (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Jovem: Oi rinele tudo bem

Rinelle: Tudo bem, como está por aí?

Jovem: bem mas não tem chovido muito! Ei rinele fui hoje pesquisar um trabalho de química na net. Vc ta assistindo o bbb, eu tou.

Rinelle: eu olho, quem vc acha q vai sair da casa?

Jovem: eu quero que saia o yuri. (mensagem de texto enviada dia 13 de mar. 2012) (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Para além do uso do computador e do acesso à internet, outros fios foram sendo encontrados conectados ao cotidiano dos jovens como o celular e a máquina digital. Desde então passei a integrá-los neste percurso apreendendo maiores detalhes sobre a finalidade de tais tecnologias no cotidiano desses jovens.

Todos tem um aparelho e usam as diversas funções que ele possui como cartão de memória, câmera, tv, gravador, *bluetooth*⁴⁰, jogos, *mp3*⁴¹. Dos/as oito jovens, apenas quatro tem o acesso a internet como aplicativo. Já a máquina digital três conseguiram adquirir. Todos eles/elas me confessaram que a máquina digital é

⁴⁰ **Bluetooth** é uma especificação industrial para áreas de redes pessoais sem fio (*Wireless personal area networks* – PANs). O Bluetooth provê uma maneira de conectar e trocar informações entre dispositivos como telefones celulares, notebooks, computadores, impressoras, câmeras digitais e consoles de videogames digitais através de uma frequência de rádio de curto alcance globalmente não licenciada e segura. Informações fornecidas pelo site: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bluetooth>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

⁴¹ **MP3** é uma abreviação de MPEG 1 Layer-3 ou (Mini Player)(camada 3). Trata-se de um padrão de arquivos digitais de áudio estabelecido pelo Moving Picture Experts Group (MPEG), grupo de trabalho de especialistas de Tecnologia da Informação vinculado ao ISO e à CEI. As camadas referem-se ao esquema de compressão de áudio do MPEG-1. Foram projetadas em número de 3, cada uma com finalidades e capacidades diferentes. Enquanto a camada 1, que dá menor compressão, se destina a utilização em ambientes de áudio profissional (estúdios, emissoras de TV, etc) onde o nível de perda de qualidade deve ser mínimo devido à necessidade de reprocessamento, a camada 3 se destina ao áudio que será usado pelo cliente final. Informações fornecidas pelo site: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/MP3>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

importante para registrar os momentos com a família e com os amigos e postar as fotos nas redes sociais, inclusive os que não possuem. Em nossos diálogos procurei compreender melhor como eles tinham adquirido esses equipamentos e a importância que eles atribuíam ao seu modo de vida.

O celular assim eu quase nem uso, eu me comunico mais no computador, as vezes eu até esqueço ele ali, eu saio e deixo ele por ai, aí quando eu chego a mãe diz ei fulano ligou, fulano ligou. A minha máquina digital eu não vivo sem ela, adoro tirar foto por ai e colocar no face (risos). (Penha, 26 anos, ensino médio).

Quem deu meu celular foi minha mãe, tá com uns dois anos, acho que se eu não tivesse celular era ruim né! Porque como eu ia me comunicar com os amigos, com a família? Eu gosto muito de mandar mensagens pros meus amigos que estudavam comigo. Não sinto mais saudade deles porque a gente fica se comunicando pelo celular. O celular é importante porque tem várias, como eu posso dizer, tem várias ferramentas, já vem com a internet, tem *bluetooth*, tem cartão de memória que eu posso escutar música, lá em casa a gente acessa a internet no computador pelo *bluetooth* do celular. (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Quando eu não tou fazendo nada ajudando a mãe eu envio mensagem do celular, passo a tarde quas toda. Agora que eu ganhei um celular que dar pra botar musica porque tem cartão de memória de 1 giga, que o meu padrinho trouxe, eu escuto muita música. Meu primeiro celular não tinha muita coisa e foi eu que comprei com o dinheiro que eu vendia picolé no jogo. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Eu fui a primeira pessoa a ter celular aqui no assentamento, era até da oi, lá em casa tinha um cantinho que dava área. Eu uso o celular pra passar mensagem e pra ouvir musica. Sabe, não sei se eu conseguiria mais viver sem ele. Eu nunca esqueço ele. Ele dorme comigo do meu lado (risos). Tem vezes que os amigos brigam com as namoradas ai ligam pra conversar até de madrugada. Eles dizem, qualquer problema vou ligar pra o Holi. Meu celular acessa a internet mais eu não gosto porque é muito pequeno (risos). Meu celular é um Samsung, tem cartão de memória de meio giga, ai tem a internet, tem as redes sociais. Eu troquei ele com a minha amiga, ela não gostava mais dele, ela queira dar fim dele e eu não deixei. A minha máquina digital é excelente pra guardar os momentos bons e pra colocar as fotos no *orkut* e no *facebook*, eu comprei ela, foi 5 de 90 no cartão, é uma Sony. (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Quem deu meu celular foi meu namorado no dia dos namorados do ano passado. Eu escuto as músicas nele, ele é um lazer pra mim. Minha irmã queria até um de presente de natal mais só que não quis mais porque a mãe mandou ela escolher entre celular e outras coisas ai ela quis a roupa e a sandália porque se ela fosse querer o celular ia ser só o celular ai não teria a roupa. Lá em casa meu pai, meu irmão e eu tem celular, meu irmão comprou o celular com o ganho da agricultura. Eu tenho vontade de possuir uma máquina digital, eu já até pedi a minha mãe pra comprar mais ela ainda não comprou porque ela quer comprar uma junto com a minha tia, elas duas comprarem uma pra servir pras duas famílias pra quando tiver assim uma comemoração tirar fotos. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

É muito bom meu celular nas minhas precisão né que eu quero falar com a pessoa eu ligo né pra saber ou então eu envio uma mensagem, a gente fica

informado de alguma coisa que a gente, por exemplo, se eu quero falar com você eu ligo pra você pra perguntar alguma coisa né é muito bom. A minha máquina digital eu ganhei do meu namorado no ano passado no dia que eu interei ano, eu gosto é de tirar muitas fotos (risos), é importante guardar as fotos de lembrança, a gente feia ou bonita, tá ali guardado. (Rosário, 22 anos, ensino médio completo).

É inegável que estas tecnologias trazem mudanças no modo como esses/as jovens conduzem sua vida. O celular ganha um sentido para além de um simples meio de comunicação. Como uma mídia interativa este aparelho promove para esses/as jovens a conexão com as pessoas que não estão constantemente presentes ao seu cotidiano. Representa segurança, diversão, liberdade, manifesta um poder de atração enquanto objeto de desejo, de dependência, de consumo, desperta a valorização do novo, se torna em alguns momentos um computador pessoal, encurta as distâncias, mantém o controle.

Apesar dos celulares possuírem aplicativos como câmera e opções de vídeo, os/as jovens preferem ter uma máquina digital ao utilizar o celular para tais funções, ainda que usem em certos momentos pela ausência deste equipamento. Eles/as acreditam que a imagem não é capturada e registrada da mesma maneira. Ela também acaba se tornando um desejo de consumo influenciados pelas mídias e pelos amigos.

Com referência aos outros aplicativos do celular todos eles/as utilizam seus cartões de memória para armazenar músicas e escutá-las como um momento de lazer. Já o acesso a internet é realizado neste aparelho por falta de um computador disponível para tal ação ou por opção, como esta jovem: “**Nadja Rinelle Rinelle:** E tu tá no facebook no celular ou no computador? **Alana:** Eh no celular do meu irmão...” (Conversa pelo *facebook* dia 01 de abr. 2012). (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Alana me explicou em outros momentos que estivemos juntas que possui um computador, mas há ocasiões em que ela prefere acessar a internet no celular do irmão pela possibilidade de se deslocar para outros espaços fora de sua residência e pela velocidade da internet. Como ela utiliza a internet fornecida pela telefonia móvel, no celular fica mais veloz que no computador, como explica esta outra jovem.

Aqui no assentamento, quando eu quero acessar a internet eu vou na casa da minha prima (ela se refere a Alana) na casa dela tem computador é só ligar através de celular, só que é muito lento, aí quando eles querem acessar a internet eles acessam pelo celular que é mais rápido. (Ivone, 17 anos, ensino médio).

Já outros/as jovens acessam pelo celular por não possuírem um computador, entretanto se queixam do visor do celular que é pequeno, dificultando uma melhor visão das imagens, principalmente as das redes sociais. Mesmo com essas limitações em uma conversa pelo *msn* fui convidada para teclar pelo celular.

Laércio: **Oie, td bem**, nadja rinelle diz: tudo bem meu querido, nadja rinelle diz: vc está acessando onde? Laércio diz: **na casa de uma amiga em Santana** nadja rinelle diz: qualquer dia vc me leva na casa delas combinado? Laércio diz: **tah certo, ei podemos teclar depois tambem por sms, se seu celular for tim.** (Conversa pelo *msn* dia 13 agosto de 2011). (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Os/as jovens transitam entre o celular e o computador para acessar a internet, isso depende das possibilidades encontradas em seu cotidiano. Enquanto estava em campo percebi a velocidade de transformação que ocorria nesses acessos.

A internet lá em casa é conectada no celular porque lá em casa não pega, uma vez meu pai falou com um homem lá em Santana e ele disse que não chega muito bem internet lá em casa, é aquela internet que paga todo mês, aí a gente conecta pelo celular quando quer ver alguma coisa, só quando tem crédito que eu acesso a internet. Normalmente lá em casa não dá pra olhar, mais assim o *MSN*, só o *email* que dá pra acessar lá em casa né e enviar mensagem assim, lá em casa só dá pra acessar o *facebook* pelo celular, aí quando não quero que seja pelo celular eu acesso em Santana lá na Porcinia. (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Sales (2011) destaca que o celular é uma nova tecnologia que muda hábitos e costumes, cria linguagem, além de ser um meio de comunicação que se expande demasiadamente no Brasil. No ano de 2012 temos no país 256 milhões de aparelhos celulares para uma população de 190 milhões de habitantes. Esse fato significa que em todo lugar e a qualquer hora alguém está utilizando celular.

No assentamento pesquisado poucos jovens não possuem celular, embora algumas famílias no assentamento tenham um baixo poder aquisitivo. Eles não costumam trocar frequentemente o aparelho, apesar de desejarem ter um celular com aplicativos mais atualizados, principalmente aqueles que transitam constantemente pela cidade para frequentar a escola.

Meu celular tem que ser o mais atual porque meus amigos lá da escola vivem trocando o celular. Eu também gosto de uma coisa mais atual sabe, aquele celular que passa na propaganda, que pega internet melhor, que eu posso olhar meu *facebook*, bater fotos pra mandar pra ele, porque como eu não tenho computador eu quero acessar a internet, mais o aparelho da maior parte das pessoas aqui do assentamento é aqueles imitação sabe porque muita gente não pode comprar o original, mais serve sabia. (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Geralmente nas propagandas de telefonia móvel o expectador é convidado a pensar seu universo dentro dos padrões da globalização, do sonho de liberdade num mundo interconectado e sem fronteiras, ou seja, todos devem estar conectados e usufruindo destes serviços apesar das diferenças econômicas e territoriais, como se todos pudessem acompanhar esse estado de transformação e mutação igualmente. Daí então surge o mercado de celulares piratas, que são produzidos na China. Estas empresas clandestinas fazem cópias de aparelhos de empresas como a Apple, a Motorola, a Nokia e a Samsung. No caso do Brasil, como não são homologados pelas agencias reguladoras da Anatel, conseguem ser comercializados principalmente para as classes baixas que não tem recursos para adquirir um aparelho celular com um modelo mais sofisticado que possua câmera digital acoplada para fotos e imagens, tela colorida, rede sem fio embutida, *modem* para acesso a internet.

Muitos jovens pobres, do rural e do urbano, desejam possuir um celular com tantos recursos, como relatou Isadora para satisfazer “o desejo de consumo para sentir-se incluído, para ter reconhecimento entre pares e na própria sociedade do consumo”. (SALES, 2011, p. 11).

Para Bauman (2009) a sociedade do consumo consegue tornar permanente a insatisfação. Uma forma de causar esse efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido alçados ao universo dos desejos do consumidor. Outra forma, ainda mais eficaz, no entanto, se esconde da ribalta: o método de satisfazer toda necessidade/desejo/vontade de uma forma que não pode deixar de provocar novas necessidades/desejos/vontades.

Diante da irresistível oferta que as novas tecnologias produzem e das propagandas veiculadas pela mídia para atrair consumidores, estão os/as jovens, como alvo da mercantilização do consumo. Portanto, ao ter acesso a esses bens materiais os/as jovens se sentem fascinados pelas imagens de beleza, pela proposta de auto-realização. Isso significa para os/as jovens ser incluído no mundo digital e poder acompanhar seus pares, manter-se atualizado.

Os processos de permanente inovação tecnológica alimentam desejos de novos produtos com novas funções, novas ferramentas, e isso é bastante comum devido a rapidez das mudanças que determinam os padrões de consumo. Mesmo para os jovens do campo que tem acessos restritos a produtos como celular,

máquina digital e computador, já estão entrando na lógica do descartável, da obsolescência.

Por outro lado, não resta dúvida que esse contexto de inovações tecnológicas permite a esses jovens ampliar conhecimentos, informação e sua rede de relacionamentos. Permite também criar diferentes relações, fazer amigos, trocar experiências, conhecer pessoas e manter contato com aqueles que estão distantes, rompendo fronteiras (SALES, 2011) como destaca a fala desses/as dois jovens:

Acho importante nós jovens da zona rural ter contato com a internet, ela é importante pra comunicação com o mundo, pra ter contato com a informação, pra fazer amigos, pra atualizar a gente do que ta acontecendo no mundo, pra mim a internet traz alegria, traz oportunidade também, ela auxilia nós na escola, atualiza a mente. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Assim, ter internet aqui era bom, uma *lan house* pra acessar assim não seria preciso me deslocar daqui lá pra Santana pra fazer isso. Eu penso que a internet é boa porque conheço mais as coisas, formo opiniões e conheço a opinião dos outros também. Lá na cidade tanto a internet como outras coisas é mais fácil do que aqui, mais mesmo assim não deixo minha vida aqui sabe, eu gosto daqui, a minha família é toda aqui, eu já me acostumei com as coisas daqui, eu só iria pra algum canto se minha família também fosse. Eu faço faculdade em Sobral e nem tive vontade de ir embora, meu namorado ficou até assim porque eu passei no vestibular, ele achava que eu ia mudar depois que eu fosse pra lá. As vezes fico assim porque não tenho um computador e internet pra acessar todos os dias, acho que é uma falta de mais possibilidades de conhecimento, de ajudar mais nos trabalhos da faculdade. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Elano e Aparecida percebem as conexões que a internet possibilita em seu estilo de vida e as mudanças que opera na sua visão de mundo, nos novos conhecimentos que estão para além daqueles oferecidos pela instituição escolar, pelos novos valores, novas formas de se comunicar. O que atrai esses/as jovens a estar conectados são as múltiplas possibilidades de relacionamentos e informações oferecidas por esse ambiente virtual, o que não quer dizer que viver esta experiência seja preciso se desvincular de suas raízes e mudar suas relações familiares.

4.1. Ciberespaço: um campo de experimentações, conhecimentos e mudanças nos modos de vida dos/as jovens do campo.

O uso da internet provoca mudanças no modo de vida desses/as jovens ao permitir que eles/elas estejam em muitos lugares ao mesmo tempo ao navegar pelo ciberespaço e interagir com várias pessoas de muitos lugares, abreviando as distâncias e rompendo fronteiras.

Para Sales (2010) as novas tecnologias de comunicação e informação têm sido um fator de mudanças sociais e das formas de comunicação também no mundo rural, o que pode ser percebido no estilo de vida da juventude.

A combinação desta revolução tecnológica com o espaço rural entendido “como espaço físico diferenciado, enquanto um lugar de vida, isto é, lugar de onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e das relações campo-cidade” (WANDERLEY, 2007, p. 21) é uma possibilidade para se pensar na ruptura que esta combinação poderá exercer na vida dos jovens que possuem residência no campo, afinal, pensar neste rompimento significa “novas chaves de compreensão das diferenças entre os modos de vida designados como ‘rural’ e como ‘urbano’” (CARNEIRO, 2007, p. 54) sendo, portanto, pensados não como opostos, mas complementares.

Na concepção de Sales (2011) no campo e na cidade o acesso a internet possibilita comunicação, sociabilidade e extensão de fronteiras. No campo, a mobilidade que o mundo virtual permite e o fato de navegar na internet traz mudanças, como por exemplo, a possibilidade de saída do isolamento geográfico ao se comunicar com pessoas de outros espaços geográficos.

Mulher a internet aqui em casa chegou foi mais por causa da mãe, a mãe queria falar direto com a minha irmã que mora na Suíça no *skype* (risos). Conversar pelo *skype* é melhor do que por telefone porque pelo menos a gente ta vendo a pessoa né, no telefone é só a voz, no financeiro sai até melhor, porque é muito cara uma ligação pra o exterior. Ai depois que chegou internet né eu comecei a mexer em coisa que eu não sabia e fui gostando. O *msn* eu criei já faz bastante tempo já, quando cheguei da Suíça porque eu tava namorando com um rapaz de lá. No *badoo* eu converso com pessoas que eu não conheço (risos), de Sobral, Acaraú, Paraibapa, Crateus, Camocim, Fortaleza, o ultimo que eu conversei é do Curitiba porque ele colocou Acaraú só que ele não era do Acaraú ele era de Curitiba, deixa eu ver mais de onde, Itapipoca, Amontada teve um que eu conheci de Sobral (risos) tem um que depois de lá né foi pra o *msn* que eu vi ele pela *web cam*, teve outro também que eu vi pela *web cam*, esse que eu conheci de Sobral primeiro eu vi na *web cam* depois eu conheci ele em Sobral, eu conheci só esse, eu ia conhecer esse outro, esse outro é da

serra da Meruoca, só que não deu certo no dia que ele foi eu não fui (risos), ele sempre fica na serra acessando, ai eu conheci ele também por esse negocio ai, ai eu falo com ele pelo *msn* e pelo *facebook*, também falo com ele pela *web*. (Penha, 26 anos, ensino médio).

Para entender o movimento desta jovem pelas redes sociais precisei apreender uma riqueza de detalhes e viver algumas experiências que ela vivencia como mostra a sua fala. Construí um perfil no *badoo*, conheci pessoas por intermédio dele e bati papo com algumas delas. Nessas conversas tentaram me seduzir com palavras amáveis, encantadoras. Cada vez que terminava uma conversa procurava compreender o motivo que leva essas pessoas a baterem os dedos pelas teclas e quem sabe criar identidades fictícias para se tornarem pessoas interessantes, marcarem encontros pessoais e descrever sobre seus modos de vida, suas emoções.

Depois desta experiência conversei com Penha sobre o encontro que ela teve com um jovem pelo *badoo*. Inicialmente ela sorriu e percebi que estava um pouco tímida, mas me confessou que foi encontrá-lo para conhecer, porque estava sozinha. Segundo ela, o rapaz era um pouco diferente da foto do perfil e que eles não ficaram juntos e não voltaram a se encontrar. Entretanto, no decorrer da conversa ela mencionou:

A gente tem que ter muito cuidado também na internet, porque quanto mais clicar, tem que ter bastante cuidado na internet porque é perigoso, tem gente de toda espécie como dizem, mais assim com o tempo a gente aprende a conviver com o povo, falar, conversar. (Penha, 26 anos, ensino médio).

Pais (2006) acredita que qualquer pessoa pode entrar num salão de comunicação virtual apresentando-se com uma máscara. Para tanto é necessário atentar em pistas, aparentemente causais, que podem desmascarar falsas apresentações. Assim sendo, o que encontramos nesses locais é uma réplica do que acontece em situações correntes da vida cotidiana: um jogo de informações que projeta um ciclo potencialmente interminável de simulações de descobertas, de falsas revelações e redescobertas.

A comunicação pelo computador inaugurou um estilo de relacionamento que permite simular uma fachada pessoal que muitas vezes não passa de uma ilustração, ou seja, o que se escreve no virtual não se confirma no atual. Simula-se “identidades que se tornam reais em sua falsidade, porque existe alguém pronto a reconhecer ou identificar como realidade o que é falsidade”. (PAIS, 2006, p. 201).

Por outro lado esta forma de comunicação estreita distâncias e mantém os laços afetivos com pessoas que estão distantes geograficamente, a exemplo da comunicação de Penha com sua irmã que atualmente mora na Suíça. Em uma visita no assentamento presenciei esta jovem e sua mãe conversando com a irmã pela *web cam*. Percebi como elas ficaram emocionadas e demonstraram satisfação por encontrar uma maneira de manter contato.

Na pesquisa ficou evidente como a vida de cada um desses/as jovens pode ser “profundamente afetada por essa nova tecnologia da comunicação.” (CASTELLS, 2003, p. 10) quando experimentam, se apropriam e modificam suas formas de comunicação. Como a prática humana é “baseada na comunicação, a internet transforma o modo como nos comunicamos e, ao usá-la de muitas maneiras, conseguimos transformar a própria internet” (Id, 2003, p. 10) e o estilo de vida a partir dela.

Mas essa transformação na comunicação e esse processo de desterritorialização não partiram somente com o surgimento da internet. O alargamento das interações sociais ocorreu com o aparecimento dos meios de transporte e comunicação. Com “o advento das cartas, do telefone e de outros meios de comunicação mediada iniciam as trocas comunicacionais, independentes da presença”. (RECUERO, 2009, p. 135).

O surgimento do ciberespaço, que encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone e o correio (ou a escrita em geral) já oferecia uma comunicação recíproca, assíncrona e a distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. (LEVY, 1999).

Na internet eu uso o *google* pra pesquisar e fiz até um curso do SENAR saúde rural, foi minha sobrinha que me inscreveu, ai eu fiz. Nas redes sociais eu acesso o face, ele é muito de fazer amizade, me ajuda a conhecer pessoas, mais amigos, eu conheço muita gente no face, eu aprendo muita coisa quando vou mexendo. Lá no *facebook* teve muita gente que fazia muito tempo que num sabia o paradero deste povo e quando foi agora eu descobri o povo pela internet no *facebook* mesmo, é só mais assim né, eu acesso mais assim né pra fazer amizade. Eu adoro colocar foto, eu já coloquei as fotos hoje, não sei se você viu, eu coloquei as dos festejos já, coloquei 50 e tantas do festejo, do inicio o fim, ai hoje coloquei

25 minha do novo visual (risos) fiz texturização (risos). (Penha, 26 anos, ensino médio).

Ao navegar pelo ciberespaço esses/as jovens têm a possibilidade de encontrar informações, pessoas, pensamentos. Um mar de subjetividades que são injetados como um passe de mágica na rede em tempo real e que estimula a criar diversas maneiras de se comunicar e de construir aprendizados sem necessariamente sair do seu espaço físico.

Entretanto, para alguns/as jovens inseridos na pesquisa, esse universo ainda está sendo apresentado ao vivenciarem uma fase de descobertas e de aprendizados.

Mais explique um pouquinho essas redes sociais...ah já sei o que é, é o *orkut*, *MSN*, *facebook*. Eu conheço o *orkut*, mais nunca vi um *facebook*. Acho que essas redes sociais permite uma melhor comunicação entre os amigos, mais também faz com que a gente se envolva com gente que a gente não conhece, por isso devemos ter muito cuidado. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Mulher pra falar a verdade sei não, deixa eu ver, deixa eu pensar, mulher eu já ouvi o povo falar esse nome mais eu não chego pra perguntar o que é né porque eu tenho vergonha, eu acho que é o *orkut* né, é? Ah mulher se for isso eu tenho um. (Rosário, 22 anos, ensino médio completo)

Nas vozes de Aparecida e de Rosário, encontrei um percurso pelas redes sociais ainda em fase de construção, seja por não associar o termo “redes sociais” ao *orkut* e ao *facebook*, seja pela falta de construção de um perfil em uma dessas redes sociais, ou ainda pela falta de acesso cotidianamente, o que não implica uma ausência total, bem diferente de Elano e Alana que já se encontram constantemente no *facebook* como apresenta essas duas postagens.

celular sem credito e assim!!!!!!!!!!!!!!!



(Postagem no *facebook* dia 03 de jun. 2012). (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Nauw julgue um Amor Futuro pelo sofrimento de um Passado...

segunda às 21:06 via [celular](#)

Valeu galera, amanhã tenho que acordar cedo...

segunda às 21:06 via celular
(Postagem no *facebook* dia 10 de jun. 2012). (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Os depoimentos de Elano e Alana confirma como os/as jovens do campo navegam pelas redes sociais, ou seja, eles/as estão inseridos no universo virtual e quando esta navegação não é possível no assentamento, eles/as realizam uma mobilidade real no sentido campo e cidade para acessar a internet. Interessante como eles/as constroem maneiras para incluir-se nos ambientes virtuais e manter-se conectado com o mundo e com pessoas de vários espaços geográficos mesmo que precise se deslocar para a cidade em busca deste acesso. Com essa interatividade, eles/as vivenciam experiências diversas e passam a modificar seu modo de ser, de agir e seus hábitos a partir deste encontro constante com a inovação e a tradição, como relata Isadora:

Assim não é porque sou jovem que moro no assentamento, na zona rural, que eu não vá ter *facebook*, vá na internet olhar o *google* alguma coisa da escola, acho que as pessoa acha que a gente que mora num assentamento não tem isso e nem sabe mexer (risos), mais tem sim viu e sabe mexer, só que a gente aqui é mais difícil porque aqui não tem *lan house* como lá em Santana tem, nem todo mundo tem computador, tem celular que acessa a internet, por causa disso que é mais difícil, só isso! (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Na fala de Isadora ficou evidente como o acesso a internet para os jovens do campo é possível e real, mesmo que haja limitações quanto a este acesso. Eles/as rompem com a ideia de que os jovens rurais não tem acesso a internet por viverem no campo, embora haja em algumas realidades a exclusão digital provocada pela ausência de ações por parte do poder público que promovam a inclusão digital através da implantação de ilhas digitais e de acesso a internet no campo.

No depoimento de Isadora, pude perceber ainda que, valorizar suas raízes, seus costumes, suas crenças não impede que os/as jovens vivenciem o ciberespaço, universo quase sempre desconhecido que vai sendo desvendado à medida que eles/as se integram nele. Refiro-me a esse universo desconhecido como uma,

convivência com o inusitado, de navegar na internet e criar condições de escolhas, estabelecer diálogo com outras pessoas, se apropriar de outras linguagens, construir novos conhecimentos, sentir-se capaz de adentrar nos espaços do outro (urbano). (SALES, 2011, p. 07).

Adentrar este espaço virtual e manter-se nele é uma oportunidade de criar visibilidade, exercer o direito de ser visto e ouvido, construir experiências externadas ao local em que vivem. São linguagens e códigos que passam a existir para esses/as jovens trazendo mudanças na forma de se colocar diante das situações vivenciadas no cotidiano.

Tal possibilidade de contato com essas linguagens e códigos construídos no espaço virtual, através do ciberespaço, passa a existir na vida desses/as jovens quando eles/as apontam como o modo de vida constituído no campo se tornaria mais interessante desde que eles/as pudessem ter um computador com acesso a internet disponível para tornar seu cotidiano mais atrativo.

Sabe Rinelle se eu tivesse um computador já teria alguma coisa pra fazer no assentamento, o computador é uma forma de distração e também seria bom um computador pra me ajudar nos trabalhos da escola, da faculdade. Dava pra acessar as páginas de relacionamento com mais frequência. Eu acesso do *netbook* do meu irmão, mais fico com vergonha sabe, queria o meu mesmo. Eu também acesso lá em Santana, mais é diferente do que a gente ter o nosso, que fica com a gente direto assim como o celular. (Laércio, 22 anos, professor, superior incompleto, curso de pedagogia).

Ah se eu pudesse ter um computador meu, mudaria muita coisa né, eu ia ter uma coisa pra me divertir né. Se eu tivesse agora em casa aposto que se eu não tivesse aqui eu tava lá, atrás de saber mais assim né de informação, aprender muito mais mexer né, ir no orkut olhar uma coisa olhar noutra, ia noutra coisa né pra saber o que era mesmo realmente que tinha no computador, que as vezes quando tem dar uma vontade de mexer, dar uma curiosidade! A gente ver ele ali, oh vontade de ir ali ver o que ele que tem e não dar pra gente ir, só fica na vontade! (Rosário, 22 anos, ensino médio).

Lá em casa tem o computador do meu irmão, mais eu queria mesmo era um notebook pra mim com internet pra ocupar mais o meu tempo né, eu acho que eu assisto mais televisão também porque falta coisa pra fazer, porque aqui tem pouca coisa assim pra se divertir, tem pra jogar bola mais eu não jogo, o meu irmão é que vai todo dia. Acho interessante na internet vídeo, acho assim vídeo interessante, de filmar né da gente fazer vídeo caseiro, me divirto olhando vídeo engraçado no *you tube*. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Diante destas falas, é perceptível como esses/as jovens são afetados por esse universo midiático quando afirmam o desejo de possuir um computador e quando navegam no ciberespaço mesmo com a ausência de um computador de uso pessoal, para acompanhar informações, iniciar novas relações e navegar de maneira nômade aqui e ali em busca de entretenimento.

Porém, o fato deles/as almejem esse equipamento de uso pessoal para agregar ao seu modo de vida, não quer dizer que consigam, principalmente, os/as jovens que estão ainda sob os cuidados dos pais e estes não têm situação

econômica que permita a compra. Percebi que esses/as jovens estão cercados por situações diversas, como mostra o desabafo de um dos/as jovens.

É engraçado, aqui no assentamento tem gente que tem computador mais não pode pagar uma internet melhor, tem gente que usa o modem com a internet da tim mais nem consegue olhar direto as coisa, ai desiste. Vai pra o celular, olha mais vê tudo aquilo bem pequeninim e não quer. Mais tem gente que pode comprar um computador sim e até já comprou, o problema é que tem o computador, mais a internet boa não chega porque é longe, ai usa o chip da tim, mais tem gente que não pode comprar de jeito nenhum, e tem gente que tem, como o Dedé, a Meire... ai, ai, precisa de uma *lan house* aqui como tem lá em Santana (risos). (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Durante a pesquisa, para além das entrevistas individuais, acreditei ser importante reuni-los em grupo, diante da diversidade de situações despertadas a partir das falas como essa, de Elano. Também se constituía como uma possibilidade de extrair um pouco mais de informações acerca de como as novas tecnologias ecoavam em suas vidas. A princípio direcionei uma atividade na qual pudessem mostrar como haviam sido afetados e como eles/as anunciariam essas novas tecnologias a partir do seu modo de vida.

Pedi que eles construíssem um personagem e colocasse o que ele tem, o que ele gosta e o que ele faz. Ao ilustrar o que o esse personagem teria, os cartazes só apresentaram modelos de celular atualizado, notebooks, computador completo com impressora e acesso a internet, máquina digital, Tv LCD, DVD. Ao comentarem os cartazes perguntei de que maneira eles se identificavam com o personagem, todos/as eles, sem exceção, disseram que o personagem representava muitas coisas materiais que eles gostariam de ter. Pedi para explicar melhor e eles/as apontaram para o notebook, para o computador com acesso a internet e explanaram o sonho de possuir esses equipamentos, principalmente o notebook, por ser de uso pessoal associado a um serviço de internet de qualidade. Também falaram do desejo de ter um celular mais inovador (nas imagens só colocaram smartphone) de ter uma máquina digital.

Quando solicitei que eles/as explanassem o que o personagem gostava de fazer, as respostas tiveram várias direções. Falaram que esse personagem gostava de estudar, de jogar bola, trabalhar, mas a maioria destacou que ele gostava de mexer no computador e de acessar a internet. Quando pedi para que eles destacassem o que eles/as teriam em comum com o personagem me relataram que seria estudar e acessar a internet.

Por fim eles/as apresentaram o que esse personagem fazia em seu cotidiano. Saíram várias respostas: trabalhar, ir a faculdade, se divertir com os amigos, ajudar o pai na agricultura, ir a escola, ir até o computador acessar a internet. Diante de todos esses elementos eles/as sinalizaram que na verdade se espelharam neles para criar esse personagem, misturando ficção e realidade.

É incontestável que o computador, o celular e a máquina digital passou a fazer parte da vida desses/as jovens e essa importância está associada ao anseio de consumir, de se sentir incluído nos espaços que eles frequentam fora do assentamento como a escola. Mas há também um desejo que os seguem de descobrir, vivenciar e desenvolver no ciberespaço “teias de relações, redes de discussões, lugar para compartilhar experiências, conhecimentos, emoções e sensações”. (SALES, 2010, p. 28).

Vivenciando tudo isso no ciberespaço os modos de vida desses/as jovens vai aos poucos sendo remodelados como o modo de falar, de se vestir, de se comportar diante das situações cotidianas que envolvem a escola, a família, os amigos, uma vez que as novas tecnologias vão oferecendo novas formas de se comunicar, de se relacionar, de falar, de escrever, de buscar informações. Estas novas formas podem ou não ser capturadas pelos/as jovens, tem aspectos positivos e negativos em suas vidas, podem gerar mudanças no modo de vida e por isso, não devem deixar de serem vistas e nem negadas.

Depois que eu comecei a acessar a internet eu acho que mudei sim, conversei com mais gente, consegui mais paqueras, aprendi a entrar no *google* pra pesquisar as coisas da escola, ah é por isso que eu gosto de entrar na internet, é bom demais! (Isadora, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Ter acesso a internet nós aqui do assentamento é estar atualizado pras coisas que estão acontecendo no mundo, auxilia na informação, atualiza a mente. Mais acho que a gente vai mudando porque vai aprendendo mais, vai perdendo mais a timidez porque começa a falar com mais gente, mais acho que isso não vai fazer a gente deixar de gostar daqui, a internet ela é muito importante, pois é uma ferramenta quase que indispensável tanto na escola como num trabalho, acho que hoje seria um caos sem internet. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Se eu tivesse um computador hoje ao invés de eu passar a tarde assistindo eu ia mais ante mexer no computador. Porque participar desse mundo virtual e das novas tecnologias é ficar sabendo das coisas, dos acontecimentos do dia a dia por ai afora. Ter uma lan house era muito bom aqui no assentamento, um lazer pra nós, uma forma de...de...acho de aprender mais, porque a gente as vezes fica um pouco longe das coisas aqui, a gente podia deixar mais a timidez, sei lá! (Ivone, 17 anos, ensino médio).

Ave Maria a internet pra nós aqui é muito bom, ela tem tanta coisa, mulher a internet é uma boa na vida da gente porque tudo que a gente procura a gente acha assim a gente queira, se a gente quiser aprender também a gente aprende muita coisa, se quiser aprender coisa ruim você aprende, dependendo de cada pessoa, a internet é bom demais assim pra fazer trabalho, essas coisas é muito bom. Na minha época de escola não existia isso se quisesse fazer um trabalho tinha que procurar nos livros, nas biblioteca, eu tinha que procurar, me virar e na internet é só você colocar o que você quer e acabou-se, aparece tudo lá, a internet é muito bom, é ótimo, não tem dificuldade pra fazer nada, assim você queira, você queira fazer e aprender também, tem muita coisa a aprender na internet. Eu gosto de olhar coisa de moda, sabe roupa, mais eu me visto do jeito que eu quero e acho até que a gente daqui se veste até melhor do que o povo da cidade, eu adoro quando tou de visual novo e coloco lá no face (risos). (Penha, 26 anos, ensino médio).

A internet é de muita necessidade porque assim podemos fazer pesquisa, ficar informado de todo tipo de noticia, conversar com os amigos nas redes sociais que também faz a gente aprender, eu lembro até que a prova do ENEM que eu fiz foi pra falar da internet e eu falei exatamente sobre isso, sobre os benefícios que a internet traz. Internet aqui no assentamento é bom pra passar o tempo, mais mudar claro que muda um pouco a cabeça da gente né, só em a gente sair daqui pra estudar fora já muda um pouquinho né. (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

A internet é bom porque tem mais informações, não que todas sejam seguras né mais é sempre bom pra fazer pesquisa, fazer pesquisa pra escola, de trabalho. Uma vez eu tentei fazer um *orkut* mais não deu certo porque eu perdi a paciência, era muita coisa, muita coisa, só aparecendo lá aí eu desisti. Mais não posso negar que a internet é uma vantagem, tem benefícios, mais também tem os seus malefícios. A gente se envolver com gente que nem conhece, principalmente as crianças né e os adolescentes também, eles não pensam muito bem. Eu acho que no mundo de hoje a gente tem que saber mexer no computador, na internet porque cada dia que passa vai ficando mais globalizado. Eu já fui acessar a internet só por curiosidade com as minhas amigas pra elas olharem o *orkut* delas, eu fui mais de uma vez. Acho que a gente só faz uma coisa quando quer e muda quando quer também. Meu namorado ele disse que ficou feliz quando eu passei no vestibular mais não muito feliz porque ele sabe que vai ter coisas que eu vou querer fazer que ele não vai gostar (risos). Assim dormir lá em Sobral, sair com algumas colegas, ficar mexendo na internet, mas eu disse a ele que nada ia mudar. (Aparecida, 17 anos, ensino superior incompleto, curso de pedagogia).

Esses depoimentos demonstraram como esses/as jovens foram afetados por essa comunicação mediada pelos computadores, entretanto não deixaram de perceber os riscos da internet e também não abandonaram totalmente seu estilo de vida por conta desta acessibilidade. É certo que eles/as dia a dia reconstróem modos de vida, saem de uma rota e realizam outras para conduzi-los a uma realidade virtual.

Para Levy (1999) no sentido filosófico o virtual não se opõe ao real, mas sim o atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Uma entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações

concretas em diferentes locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou um tempo em particular.

É esse desprendimento, essa liberdade, essa oportunidade de estar navegando por vários locais ao mesmo tempo, que fascina os internautas, principalmente os/as jovens. É um veículo de informação muito rápido que deixa o sujeito constantemente atualizado sobre o que acontece pelo mundo. É uma oportunidade de construir e vivenciar relações neste ambiente independente do local em que as pessoas estejam no momento. Porém, nem todas as informações fornecidas pela internet são seguras e por isso não conseguem ampliar conhecimentos como nem todos os sujeitos se mantêm atualizados porque não estão incluídos neste universo digital.

Universo esse que, através da internet, faz com que pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo. Distâncias são abreviadas, imagens e sons circulam vertiginosamente, cidades se reúnem, pessoas se “aproximam” virtualmente e, por que não dizer, realmente. (GARBIN, 2003).

Contudo, as mudanças conduzidas pela internet tem uma série de desafios apontados por Castells (2003) que não podem deixar de serem pontuados. O primeiro é a própria liberdade. As redes de internet propiciam comunicação livre e global que se torna essencial para tudo. Mas a infraestrutura das redes pode ter donos, o acesso a elas pode ser controlado e seu uso pode ser influenciado, se não monopolizado, por interesses comerciais, ideológicos e políticos. À medida que a Internet se torna a infraestrutura onipresente em nossas vidas, a questão de quem possui e controla o acesso dela dá lugar a uma batalha essencial pela liberdade.

O segundo desafio é o oposto: a exclusão das redes. Numa economia global, com a sociedade de rede em que a maioria das coisas que importam depende dessas redes baseadas na internet, ser excluído é ser condenado à marginalidade – ou forçado a encontrar um princípio alternativo de centralidade. Essa exclusão pode se produzir por diferentes mecanismos: falta de infraestrutura tecnológica; obstáculos econômicos ou institucionais ao acesso as redes; capacidade educacional e cultural limitada para usar a Internet de maneira autônoma; desvantagem na produção do conteúdo comunicado através das redes.

O terceiro maior desafio é o estabelecimento da capacidade de processamento de informação e de geração de conhecimento de cada um nós – e particularmente de cada criança. Não seria o adestramento do uso da internet em

suas formas de evolução? Considero que a educação em seu sentido mais amplo, é aquisição da capacidade intelectual de aprender a aprender ao longo de toda a vida, obtendo a informação que está digitalmente armazenada, recombina-a e usando-a para produzir conhecimento para qualquer fim que tenhamos em mente.

Navegar pela internet e conseguir desvendar muitas coisas ao mesmo tempo provoca uma sensação de liberdade, mas até essa liberdade se tornar real, depende de muitos elementos. Uma máquina, um sinal de internet, sites que despertem interesse e conhecimento para manuseá-los. Ao mesmo tempo em que há uma liberdade para decidir que rumo se tomará neste acesso, existe uma infraestrutura que prende e acaba influenciando sobre os caminhos que se deve seguir para realizá-lo. No entanto, essa liberdade é real, desde se supere os obstáculos que existem para o acesso a essas redes.

Interessante é que encontrei na fala dos/as jovens esses desafios apontados por Castells (2003) no momento em que estávamos juntos em uma atividade. Quando pedi para que eles/as me relatassem qual a sua compreensão sobre as novas tecnologias, fui surpreendida por vozes que diziam: “As novas tecnologias também excluem”. Explorei um pouco mais essa frase e eles/as relataram que no assentamento nem todas as pessoas tem condições de tê-las, como um computador e internet de qualidade.

Elano ressaltou: “Nós mesmo de assentamento nós não temos muito acesso as novas tecnologias assim como as pessoas da cidade.” Aparecida respondeu: “Nem todos do assentamento né porque a maioria tem!” Elano respondeu: “Só que não são as mesmas tecnologias da cidade, não é!”

Diante deste diálogo perguntei aos demais: O que vocês acham que todos têm ou a maioria? Responderam: celular. Outros complementaram: máquina digital, computador, pen drive. Com relação ao computador alguns disseram que somente alguns possuem. Perguntei: Vocês acham que todos os jovens têm celular? Eles responderam que a maioria tem sim.

No decorrer das falas eles/as apontaram que o assentamento deveria ter uma *lan house*. Perguntei: Se chegasse uma *lan house* aqui acabava essa exclusão? Eles responderam: Não. Eu perguntei: Porque? Elano respondeu: “Porque nem todo mundo ia se sentir a vontade porque não ia saber mexer no computador e na internet.” Aparecida explicou: “Essa exclusão acontece porque nem todo mundo sabe mexer no computador e na internet.” Perguntei: Será que a maioria

dos jovens tem *email, orkut*? Isadora falou: “Nem todos têm”. Perguntei: Porque? Ela falou: “É porque nem todo mundo quer.” Elano completou: “É porque não sabe!”

Essas falas me levaram a perceber que as novas tecnologias estão conduzindo esses/as jovens a querer um novo formato para o seu estilo de vida, e se sentem incomodados por se sentirem excluídos deste processo em seu assentamento. Compreendem que a internet não chega de maneira igual a todos pela falta de infraestrutura e capacidade educacional para lidar com este cenário, embora já se sintam parte deste mundo digital e estejam vivenciando a experiência de fazer parte dele quando usam a internet através do celular e do computador para promover essa interatividade escolhendo outras rotas para direcionar seu modo de vida no assentamento.

Para além dessa rota realizada por esses/as jovens que encaminha para a remodelagem no seu estilo de vida, percebi a importância que atribuem a esse acesso e a possibilidade de alargar horizontes no seu processo educacional. Como pedagoga não poderia deixar de lado o papel da escola nesse processo. Direcionei perguntas para os/as jovens sobre a contribuição da escola para esse alargamento e visitei esta instituição para perceber a importância que ela atribui ao acesso dos educandos as novas tecnologias. Na opinião dos/as jovens,

Assim, eu não lembro dos professores comentarem na sala de aula sobre o acesso a internet e a gente frequentava o laboratório de informática só mesmo quando os professores levavam pra apresentar alguma coisa no data show, mais pra acessar não, se quisesse acessar no contra turno podia. (Alana, 17 anos, superior incompleto, curso de zootecnia).

Lá na escola não tem aula de informática. Eu vou lá as vezes que eu preciso ir pesquisar um trabalho, eles já deixam preparado na página só pra gente pesquisar no *google*, na *wikipedia*. Os professores não falam de site seguro, falava mais de vírus no computador. (Elano, 16 anos, segundo ano do ensino médio).

Na escola eu aprendi com as professoras que nem tudo que ta na internet é seguro, qualquer um pode criar qualquer texto e colocar lá, elas falam que é mais importante os livros do que a internet e eu prefiro os livros, mais eu entendo que as informações na internet pode ajudar no aprendizado juntamente com os livros. (Aparecida, 17 anos, superior incompleto, curso de pedagogia).

Os professores levaram a gente pra sala de informática assim pra explicar umas contas lá de matemática né só que era todo mundo pra olhar pra aquela coisinha né (ela falava do data show) e outra foi pra assistir filme, as vezes eu não gostava e pedia com licença professor pra eu sair e vinha me embora. (Rosario, 22 anos, ensino médio).

Na escola e muito difícil eu acessar a internet, mais quem quisesse ir assim podia ir, mais só que era mais assim na parte da noite, ai quando tinha assim algum trabalho pra pesquisar era o pessoal lá da rua que pesquisava, que eu fazia parte da equipe. Os professores falavam na sala de aula que tinha que usar a internet com cuidado, assim, de uma forma que ela ajuda, também tinha as pessoas que se passam por outra. Eu só tive de ir uma vez com o professor pra sala de informática e nesse tempo eu nem sabia mexer, eles levavam a gente assim pra assistir filme, ai eles levavam pra sala de informática. (Ivone, 17 anos, ensino médio).

Várias são as vozes que apontaram a contribuição da escola na orientação desta navegação, o que se torna coerente, já que esta instituição deverá cumprir o papel de educar e nesta educação, que é ampla, as novas tecnologias devem ser incluídas neste processo por ser algo inerente ao cotidiano da maioria dos sujeitos, principalmente a juventude.

Embora a sala de informática seja um espaço para realizar acessos pela internet e ter aulas de informática para direcionar melhor esta navegação, eles/as não possuem esses tipos de aula e os momentos em que estive lá na escola encontrei o laboratório de informática com as portas fechadas e apenas com oito máquinas funcionando.

Ao me apresentar aos professores e explicar o objetivo da minha pesquisa fui bastante elogiada por estar dando atenção a um tema tão “atual” e importante. Segundo os/as professores os/as jovens precisam de orientação para navegar pela internet e saber extrair o que ela oferece de bom para agregar aos conteúdos da escola. Quando os questionei sobre a orientação desta acessibilidade eles/as me responderam que sempre orientava como navegar entre um conteúdo e outro, principalmente quando indicavam como fonte de pesquisa a internet.

Entretanto, neste cenário encontram-se ainda professores/as que, ao transitar pelo giz e pelas novas tecnologias através do oceano de informações que ela abriga se sente inseguro e despreparado diante do desafio de ter um giz em uma mão e na outra um mouse. Na maioria das vezes ainda são os/as mesmos/as educadores/as, mas com certeza os/as educandos/as já não são os/as mesmos/as, vivem e experienciam novos espaços de aprendizado para além do livro didático. A realidade escolar tem mostrado que é necessário entrelaçar esses dois mundos buscando obter os conhecimentos exigidos pela sociedade da informação, que está em constante transformação.

Na concepção de Sales (2011) o acesso à internet para os jovens dos assentamentos rurais representa não só a oportunidade de interagir com pessoas,

mas também um espaço de abertura, de se sentir parte desse universo rápido e fascinante que a rede possibilita. Espaço de aprendizagem, relacionamento, conhecimento, mas também de conexão com o mundo.

Nos diálogos que mantive com os/as jovens percebi que eles/as embarcam nessa aventura midiática e veem isso não somente como uma maneira de romper com um estilo de vida próprio de quem vive no campo, com fronteiras espaço-temporais que permitem a comunicação com outras pessoas independente da distância que os separa, mas como uma experiência que consegue promover na vida de cada um/a deles/as oportunidades de descobrir e se integrar em novos espaços através deste mergulho pelo ciberespaço onde oferece a possibilidade de experimentar diversas maneiras de dialogar, se apropriar de outras linguagens e construir conhecimentos em um universo virtual que vai se tornando real na vida desses/as jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir as considerações “finais” deste trabalho, que jamais serão “finais”, pois os olhares, as descobertas lançadas sobre uma realidade jamais cessam, foi percorrer novamente todo itinerário realizado pela pesquisa de campo e resgatar alguns olhares de perto e de dentro lançados durante a pesquisa. Esses olhares me levaram a descobrir, a decifrar, a criar novas perguntas, a construir aprendizados sobre o objeto de estudo escolhido para a tessitura desta dissertação, despertado a partir de muitas inquietações que me moveram até aqui.

Tais inquietações se tornaram minhas companheiras, pois ditaram as direções que eu deveria seguir no trajeto que precisava ser realizado, mesmo cercado de surpresas, de negociações e de astúcia, afinal de contas uma realidade social não é facilmente acessível ao investigador, pronta a entregar-se ao primeiro sinal de galanteio como lembra Machado Pais.

Movida por essas inquietações, senti-me seduzida a conhecer um contexto microssocial e me aproximar dos sujeitos que o habitavam, em especial os jovens, para acompanhar-lhes o cotidiano, desvendar de que maneira eles dirigiam seu modo de vida e como as novas tecnologias faziam parte desse contexto.

Inicialmente, fui descobrindo, nas observações e nas conversas informais, o olhar dos adultos sobre essa juventude para conhecer seus modos de vida. Na visão deles, a juventude é entendida como uma fase da vida marcada por indecisões, descobertas, irresponsabilidade, o que provoca um desencontro entre gerações, muito comum quando se trata do jovem que reside no campo.

Em outros momentos, percebi a preocupação dos assentados, principalmente das lideranças, em direcionar os jovens para as atividades do assentamento, como uma forma de dar continuidade à responsabilidade sobre a terra por eles conquistada.

Esses/as jovens também conseguem ser vistos para além do filho do agricultor que não quer ir embora para a cidade, mas deseja usufruir de alguns bens e serviços não disponíveis no assentamento, como educação, lazer e trabalho fora da agricultura.

Percorrendo um pouco mais as trilhas da pesquisa, deparei-me com as particularidades que existem entre os jovens que residem no campo e os que vivem na cidade, principalmente, em relação aos costumes próprios do seu lugar e dos

valores repassados pelas famílias. Já os modos de se vestir, de se comportar, as preferências musicais e as opções de lazer são semelhantes aos dos jovens da cidade, ou seja, eles não vivem em um mundo à parte, pelo contrário, se integram à realidade macrossocial que oferece uma diversidade de estilos de vida. E o mais interessante nisso é que descobrem como ressignificar seu modo de vida a partir dessa inserção, sem esquecer suas raízes.

No entanto, essa combinação não é tão simples assim. Os/as jovens do campo necessitam realizar diariamente várias rotas por seu cotidiano para conseguir usufruir de alguns serviços, como escola e universidade, oferecidos na sede do seu município ou em municípios mais próximos, como é o caso de Sobral a 42 km de Santana do Acaraú.

Nessas rotas entre campo e cidade e campo, esses/as jovens experimentam uma diversidade de situações que fogem de uma rotina pré-estabelecida, de uma noção de cotidiano que denota repetição, como ir à escola, à faculdade, ao trabalho, sem que algo de novo aconteça nestas caminhadas. Nesse momento, novas linguagens, novos códigos vão surgindo e eles/as, por estarem constantemente entregues a descobertas, ao novo, esses elementos passam a ser integrados a um modo de vida construído por eles/as no campo.

Quando passei a conviver com os/as jovens, isso ficou mais evidente. Apesar de se sentirem bem na casa dos pais e morar próximos aos familiares, desejam associar a este modo de vida, outros elementos que possam complementá-lo, como equipamentos que proporcionem lazer, acesso a educação e ao trabalho fora da agricultura, que segundo eles só a cidade consegue oferecer.

Apesar disso, dos/as oitos jovens participantes da pesquisa, apenas dois sonham em ir embora do assentamento para as grandes capitais. O restante acredita que isso poderá acontecer somente depois de terminarem o ensino superior, entretanto até o presente momento pretendem ficar e se dividir entre as atividades realizadas na cidade e o cotidiano vivenciado com a família e com os amigos no assentamento, tendo em vista que a sede do município é bem próxima e essa transição ocorre sem muitos problemas.

Em suas falas percebi que, embora haja essa proximidade com a sede, e tenham vínculo pessoal com o lugar, com os familiares e gostem da liberdade e da tranquilidade que o campo ainda consegue oferecer, eles/as anseiam por mudanças no assentamento, mudanças essas que incluem primeiramente a implantação de

uma *lan house* para que possam acessar a internet, em segundo lugar uma quadra de esportes, uma praça, uma melhor estrada com iluminação.

Ao entrar em campo, meu objetivo foi trilhar por caminhos que me levassem até o modo de vida desses/as jovens, conhece-los e descobrir como as novas tecnologias faziam parte deste contexto. Nesta caminhada, fui desvendado várias relações que os/as jovens possuem com as novas tecnologias em seu cotidiano.

A vontade desses/as jovens em possuir um computador com acesso a internet tem diversas razões, sem que uma exclua a outra, querem o computador para satisfazer um desejo de consumo, para se sentir incluído neste universo midiático, como uma forma de entretenimento, como espaço de diálogo, de expor opiniões, busca de amizades e aprendizagem. Como nem todos podem adquirir pela condição socioeconômica dos pais, surgiu nas suas vozes o desejo de ter uma *lan house* no assentamento como forma de substituir essas necessidades.

Até o final da pesquisa, o assentamento não possuía a *lan house* e a casa digital, mencionada por uma das jovens entrevistadas, como uma promessa da prefeitura municipal de Santana do Acaraú para manter a juventude no assentamento e contribuir com o processo formativo dos jovens.

Com essa ausência os/as jovens encontram maneiras diversas de permanecerem conectados. Mesmo que haja computadores com acesso a internet a rádio distribuídos em algumas residências do assentamento os/as jovens que não possuem computador e internet disponível não querem ficar se deslocando até essas residências para navegar na internet, somente quando estão necessitando realizar pesquisa para algum trabalho escolar, da faculdade ou estão com bastante vontade de tráfegar pelas redes sociais. Neste caso, preferem ir até Santana para navegar nas *lan houses*, no centro cultural, no laboratório de informática ou quando estão em Sobral para frequentar as aulas da faculdade. Aqueles que possuem computador com internet de telefonia móvel não tem um bom serviço, ou às vezes não tem crédito na linha, fazem a mesma rota dos que não possuem computador e internet.

Ao seguir essas rotas encontrei uma jovem que acessa o *facebook* diariamente pelo celular do irmão, que é um *iphone*. Os momentos em que tentou conectar a internet através do computador de sua casa e navegar pelo *facebook* a

página não abriu. Em outro momento ela me relatou que curte ficar no celular do irmão, outras vezes permanece acessando junto com as amigas no assentamento.

Com exceção dessa jovem, os/as outros demonstraram insatisfação neste acesso, pela falta de habilidade para manusear o celular para este fim e pela tela do celular ser pequena, que para eles/as impede uma melhor interação nas redes sociais. Há também a falta de crédito disponível no telefone como também um dos empecilhos para este acesso. Por esse motivo eles/as buscam as *lan houses* do município que é um real e cinquenta a hora, ou se deslocam até o centro cultural que oferece internet de graça.

Por outro lado o celular representa um significado importante como meio de comunicação e de lazer quando o utilizam para escutar música, jogar, trocar mensagens de texto com os colegas do próprio assentamento, de Santana do Acaraú e Sobral.

Para esses/as jovens, ao mesmo tempo em que se torna interessante ter acessibilidade diária a internet no assentamento, através da implantação de uma *lan house*, de um computador com acesso a internet disponível ou de um *smartphone* de qualidade como um *iphone*, eles/as também demonstraram uma satisfação ao sair do seu assentamento para realizar esses acessos como uma maneira de mudar um pouco a rotina e encontrar os amigos ou familiares que residam em Santana do Acaraú.

As novas tecnologias se tornaram inerentes à vida desses/as jovens, ou seja, fazem parte do modo de vida deles e na maneira de conduzirem seu cotidiano mesmo que estejam em um assentamento rural e as possibilidades de estarem conectados ainda sejam limitadas. Os motivos das dificuldades de acesso são as condições econômicas que impede a maioria desses/as jovens possuírem esses equipamentos ou de pagar uma internet que ofereça um bom sinal, pela internet a radio que chega com dificuldade em algumas áreas do assentamento, impedindo inclusive a instalação desta, ou pela ausência de uma boa conexão oferecida pela internet de telefonia móvel.

Diante destas limitações os/as jovens se veem excluídos digitalmente. Para eles/as a acessibilidade ao ciberespaço é bastante presente na cidade e no campo é algo que ainda está acontecendo. Mesmo assim eles/as enfrentam estas limitações ao ocupar os ambientes virtuais rompendo diversas fronteiras, inclusive a

geográfica. Nesse rompimento, eles/as passam a redirecionar seu cotidiano ao agregar as novas tecnologias ao seu estilo de vida.

Principalmente com o uso da internet, que permite a conexão com o mundo, que oferece a oportunidade de expor opiniões, mágoas, alegrias, paixões e de manter esses/as jovens conectados com pessoas de vários lugares, se comunicando a partir de qualquer local, a qualquer instante, não havendo fronteiras entre eles, seus amigos e o restante do mundo, com exceção do sinal da internet que em alguns momentos é fraco impedindo esse acesso.

Ao dedilhar pelas teclas essa navegação vai assumindo na vida desses/as jovens novas possibilidades de encontros, de experiências, de aprendizados, de troca de informações, quebrando a noção tradicional que se tinha de distância e de relacionamento entre as pessoas. Com isso os modos de vida no campo vão se modificando, ao construir novas relações de amizade para além do espaço em que vivem.

Essas novas possibilidades de relacionamento, onde as pessoas mantêm contato com outras para além de uma relação face a face é algo que vem chegando na vida desses/as jovens e permanecendo, principalmente porque através desta forma de comunicação eles/as cultivam uma relação mais próxima com aqueles que não fazem parte do assentamento, embora alguns ainda defendam firmemente a ideia de cultivar as amizades que foram construídas no assentamento e que estas encontradas na rede são apenas complementares, sem deixar de lado as que já existiam.

Acontece que essas navegações pelo ciberespaço podem distanciar esses/as jovens do seu lugar de vida, do seu cotidiano e das pessoas que se encontram ao seu redor, dando lugar a essas novas experiências e linguagens mantidas na rede, que passam a fazer parte inevitavelmente do estilo de vida deles/as.

Quando estava em campo, ao visitar o *facebook* desses/as jovens percebi que alguns tinham amigos em comum, que adicionavam, já outros só mantinham contato com pessoas de Santana do Acaraú e do restante do país. Várias vezes, naveguei pela internet em busca de verificar se ocorria um diálogo entre jovens do assentamento, mas poucas vezes vi isso acontecer. Segundo eles/as, os/as jovens do assentamento se comunicam diariamente e os/as outros/as amigos/as que

gostam de bater papo só se encontram na escola, na faculdade ou nas redes, por isso aproveitam os momentos que tem para dialogar.

Não posso negar que essa pesquisa muitas vezes me intrigou bastante, pela rapidez com que as coisas aconteciam. Cada momento que estava com os/as jovens, seja conectada as redes sociais, seja no contato face a face, novos diálogos e posturas surgiam sobre o uso da internet, uns descobrindo como se manter conectado nesse mundo digital, outros já bem familiarizados com ele.

Ou seja, os deslocamentos são diferentes nestes espaços. Alguns de maneira mais veloz pelas oportunidades, pela habilidade, outros pela falta desses elementos ainda são iniciantes. Todos eles/as declararam interesse pelas redes sociais, mas também adoram navegar em busca de coisas novas, como notícias, jogos, vídeos. Nesse caso a internet consegue transportar esses/as jovens para várias dimensões sem tirá-los do seu lugar espacial, a não ser quando eles/as se deslocam até a cidade para se lançar nesse universo.

Nesse trajeto compreendi que as novas tecnologias, como o celular, significam para esses/as jovens novas formas de tecer modos de vida no campo ao utilizarem este aparelho para ampliar as oportunidades de lazer, restritas no assentamento. Usam o celular para escutar música, jogar, bater papo através de mensagens de texto para manter contato com os familiares e amigos fora do assentamento. O uso da internet se apresenta para esses/as jovens como uma maneira de construir novas rotas pelo cotidiano quando passam a navegar pelas redes sociais e ampliar suas relações de amizade para além do espaço em que vivem, rompendo fronteiras e modificando seu estilo de vida no assentamento. Nesta aventura midiática eles/as passam a ampliar as possibilidades de conhecimento ao compartilhar experiências e vivenciar novos aprendizados, seja ao conviver com outras pessoas nas redes sociais ou no processo educacional quando vão apreendendo novos conhecimentos ao buscar informações para serem associadas aos conteúdos trabalhados na escola e na universidade. Com isso eles/as vão vivenciando rupturas de um estilo de vida próprio de quem vive no campo.

Ressalto que fiquei fascinada ao navegar em uma pesquisa que me ofereceu o constante desafio de atualizar informações que ia capturando no decorrer das entrevistas. Devo confessar que não parei de escapular para as redes sociais enquanto escrevia esta dissertação, pois também faço parte deste universo e, entre um acesso e outro constatei quantas novidades eram veiculadas nas redes sociais

destes/as jovens, o quanto caminhavam rápido por estes espaços, o quanto se expõem para ser enxergados. Pierre Levy estava certo quando escreveu que o virtual não se opõe ao real, mas o atual.

Entretanto não fecho os olhos para a dependência, a mudança de comportamento e a tendência ao isolamento face a face que o acesso as novas tecnologias pode provocar nesses/as jovens quando se inserem em uma tela de cristal, publicando notícias na maior rede social do mundo, o *facebook*, alimentando nisso um canal de publicidade que elabora em fração de segundos um noticiário sobre a vida cotidiana dos/as sujeitos que se encontram nele. Além de alimentar uma rede mercadológica, muito comum nas redes sociais. Não há como ficar de fora desse universo, mas ao estar inserido nele é bom manter o controle e navegar sem se deixar levar pela sedução e pela dependência que as novas tecnologias provocam em nós humanos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Rev. USP**, São Paulo, n. 86, ago. 2010. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892010000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2012.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS. Manoel. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

BOGDAN, Roberto C.; BLIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora: Porto, 1994.

BRENNER, Ana Karina; Dayrell, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO. Helena Wendel; BRANCO. Pedro Paulo Martoni. (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, jan. 2008.

BRUMER. Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO. Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. *In*: CARNEIRO. Maria José; CASTRO. Elisa Guaraná de. (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Juventude rural: projetos e valores. *In*: ABRAMO. Helena Wendel; BRANCO. Pedro Paulo Martoni. (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, jan. 2008.

_____. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *In*: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

_____. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Rev. Estud. Fem. [online]**, v. 9, n.1, pp. 22-55, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8602.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

CASTELLS. Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. 382-388f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Balanço e perspectivas. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução Enid Abreu Dobrânszky – Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer**. 16 ed. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A Invenção do Cotidiano 2: morar e cozinhar**. 9ed. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Conversa com a presidenta Dilma Rousseff. Matéria publicada no jornal Diário do Nordeste, dez 2011. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1085803>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

DENZIN, Norman K; LINCOLIN, YVONNA S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DORNELLES, Jonnatas. **Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade**. 2008. 293f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ELLERY, A. E. L.; VASCONCELOS, H. E. M.; CORDEIRO, J. V.; FARIAS, S. M. **Fórum de assentados: a construção de novas práticas e saberes do fortalecimento da agricultura familiar**. *In*: Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção, 7., 2007, Fortaleza, Ce, Agricultura familiar, políticas públicas e inclusão social: anais. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical: BNB, 2007.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)**. Campinas, Autores Associados, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARBIN, Elizabete Maria. Culturas juvenis, identidades e Internet: questões atuais. *In*: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

IBGE: **informações do setor de supervisão de bases territoriais**. Fortaleza, Ceará: IBGE, 2012.

IPECE. **Perfil básico municipal de Santana do Acaraú, Ceará**. 2011.

KAYSER, B. **La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental**. Paris: Armand Colin, 1990.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999 (Coleção TRANS).

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do Mundo**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 1, p. 8-12, maio 1997.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MALINOVSKI, Bronislaw. Os argonautas do pacífico ocidental. *In: Ethnologia*, n.s, n. 6-8, 1997, p.p. 17-37.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 1998.

MOREIRA, Ivan Targino; CARVALHO, Cynthia Xavier de. **Relações de trabalho e irrigação na zona semi-árida do Nordeste**. *In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2000, Rio de Janeiro. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2000.*

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

_____. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. 2ed. Lisboa: Âmbar, 2006.

PEIRANO, Mariza G. S. A favor da etnografia. **Série Antropologia**, Brasília, 1992. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf> Acesso em: 20 abr. 2012.

PESSOA, Fernando, 1888-1935. **O eu profundo e os outros eus**; seleção de Afrânio Coutinho. Especial – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Plano de desenvolvimento do assentamento Alvaçon Goiabeiras. PDA/PRA. Terra 3 – reconhecido pelo INCRA, 2005.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **A escola rural e a questão do saber**: do saber universal ao saber constituído pelo homem do campo. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1992.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
STECANELA, NILDA. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. 2008. 397f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político**: um olhar sobre os Assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

_____. Jovens nômades, Jovens da terra. *In*: MATTOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; FERREIRA, Maria D’Alva Macedo. (org.). **Jovens e crianças**: outras imagens. Fortaleza: Editora UFC, 2006a.

_____. **Gênero e Juventude**: diversidade do viver tecnológico. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diáspora, diversidade, deslocamento. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2010.

_____. Juventude, espaços de formação e modos de vida. **Revista Temática Digital (ETD)**, Campinas, v. 12, n. esp., p. 24-41, set. 2010.

_____. **Juventudes, Novas Experimentações, Conexões e Interatividade**. *In*: XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, jun. 2011.

_____. Pesquisa qualitativa: cartografando novos percursos na produção de conhecimento. *In*: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina Veras. (org.). **O caminho se faz ao caminhar**: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

SAVIANE, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SIAB 2012: **Resultados de famílias cadastradas**. Santana do Acaraú, Ceará: SIAB, 2012.

SILVA, Helio. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

SILVA, José Graziano da. O novo rural Brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. 7, p.p. 43-81, maio 1997a.

SILVA, Clodson dos Santos. **Do lado de cá & do lado de lá: tempos e espaços dos conflitos da “política” em Santana do Acaraú-CE**. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009b.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, A; DUARTE, J. (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.

VASCONCELLOS, Marcelo Simão de. Usos da etnografia em mundos virtuais baseados na imagem. **RECIIS**. Rio de Janeiro, v. 5, n.2, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/496>>. Acesso em: 5 jun. 2012.

VEIGA, José Eli. **O que é reforma agrária**. São Paulo: Ed. Brasiliense: Coleção primeiros passos, 1984.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

WANDERLEY, Maria Nazaré. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO. Maria José; CASTRO. Elisa Guaraná de. (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Revista Estudo Sociedade e Agricultura**. 15 out. 2000 p. 87-145.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WELLER, Vivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológico e análise de uma experiência como método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2012.

WOLF, Eric. **Antropologia e poder**. Tradução de Pedro Maia Soares. Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de observação

Este roteiro de observação está baseado nas experiências de trabalhos de campo de alguns autores, como Heredia (1977) e Sales (2005), que orientam a necessidade de desenvolver observações tanto numa dimensão descritiva quanto reflexiva do lugar - comunidade (assentamento) a partir do modo de vida dos participantes da pesquisa. Todas as observações, percepções, impressões, dúvidas, opiniões foram devidamente registradas no diário de campo.

- 1) Com relação a propriedade da terra;
- 2) Desempenho no conflito/acampamento – pais – jovem;
- 3) Historia da ocupação-papel do MST – sindicato – igreja;
- 4) Acesso a terra – pais e jovens – assentamento:
 - Solteiras
 - Jovens
- 5) Quem trabalha na terra (unidade familiar =unidade de produção);
- 6) Com relação ao sindicato, cooperativa, associação – pais/jovens;
- 7) Além do trabalho agrícola (roça) casa de família/artesanato/pesca, horta- quem faz- adultos? Jovens? Mulheres;
- 8) Quantas famílias/quantos jovens/ quantas casas/ escola/ posto de saúde/ poço/ estrada/ km da sede para o município/ Micro reg./ limites geográficos/ cultura dominante/ de quem era terra antes/ clima;
- 9) Quantas mulheres, chefe de família ou casos homem tem filhos sem mulher;
- 10) Situações cotidianas: autoridade pai/mãe, tarefas domésticas pais e filhos (as)-por idade/sexo; tarefas fora de casa pais e filhos (as)- por idade /sexo;
- 11) Divisão casa-roça, horta-roça cuidado com os animais, busca água;
- 12) Estilo das casas, do terreiro, se tem animais, laços de parentesco dos moradores da mesma casa, unidade de residência, grupo doméstico;
- 13) Tamanho do terreno total e de cada família;
- 14) Detalhar casa: compartimentos, material que é feito, espaços das crianças, jovens, mulheres, homens, velho, frente e fundo da casa;
- 15) Detalhar terreiro frente e fundo – embelezamento, tipos de plantas, animais, quem cuida;
- 16) Inverno – verão – suas plantações, muda as atividades? Calendário agrícola
- 17) Grupos que participam pais/jovens;
- 18) Sábado e domingo: lazer – idade /sexo, tarefas, passeios, esporte, festa, igreja, feira, festejos;
- 19) Comercialização – onde, quem faz;
- 20) Onde fazem refeições, onde lavam roupa;
- 21) Horários de trabalho / horário de aula;

- 22) Transporte / onde fazem as compras/ onde compram roupas;
- 23) Relação de parentesco entre vizinhos;
- 24) Calendário agrícola;
- 25) Roça – fazes – quem trabalha em cada uma dessas fazes, processo horta, plantio de fruteiras;
- 26) O que coletivo o que é individual;
- 27) Quem é da coordenação homem/mulher/ idade/direção do assentamento do MST;
- 28) Grupos formais- grupos jovens, grupo produção;
- 29) Tipos de escola, currículo, professores;
- 30) Projetos/financiamento para que?;
- 31) Jovens participaram de encontro, coordenação, direção, cursos (dentro e fora do assentamento);
- 32) Diferença trabalho e ajuda – idade, sexo;
- 33) Abastece casa, responsabilidade na esfera da produção, venda de produtos – de onde vem a renda;
- 34) Parede, teto, piso da casa, portas, janelas, número de quartos;
- 35) Utensílios – pote ou filtro, fogão, cama, rádio, TV;
- 36) Tipo de alimento da família.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os/as jovens e com os adultos assentados e roteiro de vivências grupais com os jovens.

Objetivo	Etapas da Pesquisa	Perguntas	Método	Material
<p>1. Conhecer o modo de vida dos jovens do assentamento rural Alvaçan Goiabeiras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Decifrar o modo de vida desses jovens através do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> Como os jovens fazem uso do seu tempo no assentamento? Quais seus hábitos, comportamentos, pensamentos, atitudes? Como os jovens vivenciam sua condição juvenil estando no assentamento? 	<p>(Nas entrevistas e nas observações verificar os hábitos, comportamentos, atitudes dos jovens no campo); (Verificar como os jovens são percebidos no assentamento através de entrevistas com alguns adultos assentados); Com os jovens fazer entrevistas individuais (semiestruturada – nos AMBIENTES VIRTUAIS (MSN e FACEBOOK) E NO ASSENTAMENTO) e um grupo de discussão, a partir da categoria de estudo: Jovens e modo de vida.</p> <p>- Perguntas norteadoras para os entrevistados (jovens e adultos assentados)</p> <ul style="list-style-type: none"> Como os jovens conduzem seu cotidiano e constroem seus modos de vida? Quais são os hábitos do jovem deste assentamento? Como o jovem usa o seu tempo no assentamento? Quais os comportamentos do jovem deste assentamento? O que os jovens pensam do assentamento e de ser jovem estando no campo? 	<ul style="list-style-type: none"> Diário de campo; Papel madeira; Cola; Tesoura; Revistas; Caneta; Pinceis; Notebook; Gravador Máquina digital.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os/as jovens e com os adultos assentados e roteiro de vivências grupais com os jovens.

Objetivo	Etapas da pesquisa	Perguntas	Métodos	Material
<p>2. Investigar como as novas tecnologias são tecidas no modo de vida dos jovens rurais de Alvaçan Goiabeiras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Entender a relação desses jovens com o ciberespaço através das novas tecnologias (celular, computador); • Identificar como os jovens vão tecendo seu modo de vida utilizando o ciberespaço e se há modificações no modo de vida desses jovens a partir deste acesso; • Compreender a ideia que os jovens possuem do acesso à Internet; • Perceber os motivos que levam esse jovem a navegar nos ambientes virtuais; • Mapear os locais que esse jovem acessa (em casa, na escola, na <i>lan house</i>, no celular); • Conhecer as estratégias utilizadas pelos jovens do assentamento para navegar no ciberespaço; • Perceber a importância que eles atribuem a este acesso. • Verificar a finalidade que os jovens utilizam o ciberespaço e de que forma eles apreendem conhecimentos acessando a web. 	<ul style="list-style-type: none"> • De que forma eles chegaram ao computador para acessar a internet? • Por que e como eles utilizam a Internet? • Quais os ambientes utilizados na web? • O que os jovens compreendem do acesso a Internet? • Qual a importância deste acesso? • Existe construção de conhecimentos? • Como eles construíram um perfil nas redes sociais e quais os caminhos que eles trilharam para construir este perfil? • Será que o uso da Internet modificou sua forma de agir, pensar, se anunciar como jovem do campo? 	<ul style="list-style-type: none"> • PRIMEIRA ETAPA • Entrevista individual (semiestruturada – NO VIRTUAL ATRAVÉS DOS AMBIENTES VIRTUAIS (MSN e FACEBOOK) E NO ASSENTAMENTO). • Perguntas norteadoras: <ul style="list-style-type: none"> - Como chegou a um computador pela primeira vez? - Por que o interesse em acessar a internet? - Como utiliza a internet? O que acessa? - O tempo que acessa? Como acessa? Onde acessa? - Quais os ambientes que acessam na web? - Qual a compreensão deste acesso a Internet? • SEGUNDA ETAPA • GRUPO DE DISCUSSÃO <p>No grupo de discussão trabalhar com perguntas onde eles irão colocar seus pontos de vista sobre a categoria de estudo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Novas tecnologias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diário de campo • Papel madeira • Pinceis; • Cola; • Tesoura; • Revistas; • Caneta; • Notebook; • Gravador.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa: JOVENS DO COMPO E NOVAS TECNOLOGIAS: TESSITURAS DE MODOS DE VIDA realizada pela mestranda Nadja Rinelle Oliveira de Almeida, aluna regular do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), sendo orientada pela Professora Doutora Celecina de Maria Veras Sales. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

O objetivo principal desta pesquisa é conhecer os modos de vida dos/as jovens do assentamento rural Alvaçan Goiabeiras, localizado no município de Santana do Acaraú (Ceará) e verificar a influência das novas tecnologias no cotidiano desses/as jovens.

O material utilizado para coleta de dados será um formulário composto de entrevistas com questões abertas (semiestruturadas), sendo utilizado gravador para a entrevista. Se alguma destas questões gerarem desconforto ou constrangimento para você, você não será obrigado a respondê-las. Isso não o penalizará nem o impedirá de continuar participando da pesquisa. As entrevistas ocorrerão no assentamento rural em horário previamente combinado com você que lhe seja mais apropriado. Depois das entrevistas, elas serão transcritas fielmente, levando em consideração as respostas dos entrevistados. Você terá liberdade de se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. A sua participação na pesquisa será de fundamental importância, para que possam ser atingidos os objetivos do estudo, colaborando com a análise dos dados e publicação dos mesmos posteriormente. Será garantido seu anonimato, ou seja, o seu nome não será revelado no decorrer da análise e na publicação do estudo. Não será cobrado nenhum valor para sua participação, assim como não haverá ressarcimento por contribuir com o estudo. Na

conclusão do estudo, os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para o desenvolvimento de outros estudos referentes à temática estudada. Ao final da pesquisa também haverá um encontro no local do estudo, em um momento em que a pesquisadora apresentará os dados de sua pesquisa.

Os pesquisadores encontram-se disponíveis a esclarecer qualquer dúvida durante e após a pesquisa, por meio dos contatos: Aluna Nadja Rinelle Oliveira de Almeida, telefone para contato: (85) 9900 5695, e-mail nadjarinelle_234@hotmail.com; e a Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales, e-mail celecinavs@gmail.com.

Compromissos Éticos:

Dentre as normas previstas na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, destacamos o cumprimento de garantia de que você:

- ✦ Terá contato, em qualquer etapa da pesquisa, com os profissionais responsáveis pelo estudo para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que surgirem. A Coordenadora desta pesquisa é a Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales, (celecinavs@gmail.com) e a Aluna Nadja Rinelle Oliveira de Almeida (nadjarinelle_234@hotmail.com);
- ✦ Neste estudo, todos os requisitos da Bioética serão rigorosamente cumpridos;
- ✦ Você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento durante a pesquisa, sem que com isso ocorra penalidade de qualquer espécie;
- ✦ Você está recebendo garantias de que não haverá divulgação de seu nome nem qualquer outra forma de informação que ponha em risco sua privacidade e seu anonimato;
- ✦ Você poderá ter acesso a todas as informações colhidas pela pesquisadora e aos resultados do estudo, inclusive ler as transcrições gravadas de sua entrevista, tendo total oportunidade de refutar o transcrito, permitindo ou impedido que seja publicado;
- ✦ O pesquisador utilizará as informações somente para esta pesquisa. Nós, Nadja Rinelle Oliveira de Almeida e Celecina de Maria Veras Sales - pesquisadoras, assumimos o compromisso de

cumprir os termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

O abaixo-assinado, _____, _____ anos, RG nº _____ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário(a) da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia deste Termo.

_____, ____/____/____.

Nome do(a) Voluntário(a)

Assinatura

Nome do(a) Pesquisador(a)

Assinatura

ANEXO

ANEXO A - Declaração de Revisão linguística e formatação, conforme ao guia de normalização da UFC.

Declaração

Eu, Tânia Antunes Dourado, formada em Letras – Português/Literatura, declaro, à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, que a dissertação de mestrado de NADJA RINELLE OLIVEIRA DE ALMEIDA, cujo tema é **JOVENS DO CAMPO E NOVAS TECNOLOGIAS: TESSITURAS DE MODOS DE VIDA**, foi revisada em seus aspectos linguísticos de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e quanto à formatação, conforme as orientações contidas no Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará e que qualquer falha, quanto a esses dois aspectos, que ainda persista caberá a mim a responsabilidade de fazer os devidos ajustes.

Fortaleza, 18 de dezembro de 2012.

Tânia Antunes Dourado
Tânia Antunes Dourado
Registro nº 34.958